

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
MESTRADO EM LINGUAGEM E ENSINO

Severina Diosilene da Silva Maciel

Um olhar sobre a família em *A Bolsa Amarela*:
entre o texto e a sala de aula

Campina Grande - PB
2007

Severina Diosilene da Silva Maciel

Um olhar sobre a família em *A Bolsa Amarela*:
entre o texto e a sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino, área de concentração Literatura e Ensino.

Orientadora: Professora Doutora Márcia Tavares Silva.

Campina Grande - PB
2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M152o Maciel, Severina Diosilene da Silva
Um olhar sobre a família em A Bolsa Amarela: entre o texto e a sala de aula / Severina Diosilene da Silva Maciel. Campina Grande, 2007.
157f. : il.

Referências

Dissertação (Mestrado Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades.

Orientadora: Prof. Dr. Márcia Tavares Silva.

1. Literatura Infanto-Juvenil 2. Leitura Literária 3. Relações Familiares
I. Título.

CDU 869.0 (81)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada Um olhar sobre a família em *A Bolsa Amarela*: entre o texto e a sala de aula, apresentada pela mestrandia Severina Diosilene da Silva Maciel, para obtenção do título de Mestre em Literatura e Ensino, área de concentração Literatura e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande –PB., aprovada pela seguinte banca examinadora:

Data de aprovação _____ / _____ / _____

Professora Doutora Márcia Tavares Silva
(Orientadora)

Professora Doutora Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega
(Examinadora)

Professora Doutora Maria Goretti Ribeiro
(Examinadora)

Professor Doutor José Hélder Pinheiro Alves
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Eterno, por ter me ajudado a alcançar este objetivo e me auxiliado a prosseguir nos momentos mais difíceis.

À professora e orientadora, Doutora Márcia Tavares Silva, que com serenidade, sabedoria e dedicação me auxiliou para que eu conseguisse realizar este trabalho.

À Universidade Federal de Campina Grande que através do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, oportunizou-me a aumentar o meu processo de construção de saberes.

À professora Doutora Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega pela competência, precisão e dedicação em me guiar no processo de construção deste trabalho. Reconheço que sua ajuda foi imprescindível para a conclusão deste trabalho.

À professora Doutora Maria Goretti Ribeiro pela dedicação, gentileza e eficiência em me orientar no processo de desenvolvimento deste trabalho. Sou grata e reconheço que sem a sua colaboração a concretização deste trabalho teria sido mais difícil.

À Coordenação do Mestrado em Linguagem e Ensino, pelo empenho e dedicação.

À minha família pelo apoio e dedicação em todos os momentos. Sem a colaboração de meus familiares o percurso por mim percorrido teria sido mais difícil de transpor.

Aos professores do curso, pelos ensinamentos que me ajudaram a construir, os quais serão úteis na minha caminhada profissional.

Aos demais funcionários que sempre se mostraram prestativos.

À professora titular da turma da 8^a série que cedeu o espaço da sala de aula para que eu realizasse a experiência estética.

Aos alunos colaboradores que contribuíram para que eu realizasse a pesquisa. Sem o apoio deles a experiência não teria existido.

À minha amiga Luciene Chagas, pela amizade e pelo empréstimo de livros que foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

Aos novos amigos que conquistei neste curso e que comigo compartilharam deste momento. Em especial à amiga e colega de profissão Raquel Brito de Lucena, pela colaboração, gentileza e incentivo.

Aos amigos da Cagepa (ETA Cariri), pela amizade e ajuda necessárias para a realização deste trabalho.

À minha mãe, Leodora Normândia da Silva (*In memoriam*) que, mesmo ausente, continua viva em minha memória e em meu coração.

Ao meu pai, Cícero Miguel, que continua a ser um exemplo de dignidade e perseverança para mim.

Ao meu filho, José Henrique Miguel, que é a razão pela qual continuo lutando para alcançar novos objetivos e concretizar novos sonhos.

Ao meu esposo, Evaldo Maciel, pela dedicação, compreensão e carinho constantes.

À Didinha, Nenen e Stéphanne, irmãs e sobrinha, que estão sempre presentes na minha caminhada.

Aos demais irmãos e irmãs, por todo apoio e carinho.

Aos demais familiares, pelo carinho e amizade.

A todos que quero bem.

Dedico.

A leitura de uma obra de ficção alarga os horizontes do leitor, pois a literatura reflete de forma criativa e ampla o mundo inteiro. A escola que assume para si a condição de formar o hábito de leitura do estudante, estará garantindo, com certeza, a existência de adultos com rica imaginação, amplos recursos lingüísticos e uma visão de mundo que em muito ultrapassa ao imediato e ao próximo.

Ana Mariza Ribeiro Filipouski

RESUMO

Nossa pesquisa é constituída de dois momentos: o primeiro apresenta uma análise das relações familiares na novela *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga Nunes, em que a autora apresenta a figura da criança que busca crescimento interior e emancipação no contexto familiar. No segundo momento, realizamos uma experiência de leitura dessa obra com uma turma da 8ª série do Ensino Fundamental em uma escola pública no município de Boqueirão, PB., em que objetivamos analisar a recepção da obra pelos alunos, com base nos pressupostos da Estética da Recepção propagada por Hans Robert Jauss e por meio dos pressupostos de Wolfgang Iser sobre a relação texto-leitor e o efeito da obra literária sobre o leitor. Coletamos os dados através de observação das reações dos alunos no momento da leitura, como também por meio de questionário, de exercícios e da produção de relatos escritos e oralizados que foram gravados em fitas de áudio e transcritos. Nessa pesquisa constatamos o trato peculiar que Lygia Bojunga dá ao tema das relações familiares e do papel que a criança desempenha nesse contexto, como também, ratificamos os pressupostos de Jauss e Iser sobre a importância do leitor para a concretização e significação da obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: leitura literária. Relações familiares. Leitor. Recepção.

RÉSUMÉ

Notre recherche est constituée de deux moments: les premiers présents une analyse des rapports de la famille dans *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga Nunes, dans que l'auteur présente l'illustration de l'enfant qui cherche augmentation intérieure et émancipation dans le contexte de la famille. Dans le deuxième moment, nous avons accompli une expérience de lire de ce travail avec un groupe des 8a séries de l'Enseignement Fondamental dans un collège public dans le district municipal de Boqueirão, PB., dans cela nous avons eu l'intention à d'analyser la réception du travail pour les étudiants, avec base dans les présuppositions des Esthétique de la Réception s'étendues par Hans Robert Jauss et à travers les présuppositions de Walfgang Iser sur le lecteur du texte du rapport et l'effet du travail littéraire sur le lecteur. Nous avons rassemblé le données à travers observation des réactions des étudiants dans le moment de la lecture, aussi bien qu'à travers questionnaire, d'exercices et de la production de rapports écrits et oralizados qui ont été enregistrés dans les rubans sonores et ont été copiés. Dans cette recherche nous avons vérifié le traitement particulier que Lygia Bojunga donne au thème des rapports de la famille et du papier que l'enfant porte dehors dans ce contexte, aussi bien que, nous avons ratifié les présuppositions de Jauss et Iser sur l'importance du lecteur pour la matérialisation et signification du travail littéraire.

LA MOT CLEF: lecture littéraire. Rapports de la famille. Lecteur. Réception.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

PARTE I

CAPÍTULO I

A nossa literatura infanto-juvenil.....	12
1.1 Considerações teórico-críticas sobre a literatura infanto-juvenil brasileira.....	13
1.1.1. A construção cultural das relações familiares no Brasil.....	15
1.1.2. As relações familiares na literatura infanto-juvenil brasileira.....	19
1.2. O Eu-artesã: o processo criador de Lygia Bojunga Nunes.....	23
1.3. A representação das relações familiares na obra de Bojunga.....	31

CAPÍTULO II

Da imaginação à realidade: a representação das relações familiares em <i>A Bolsa Amarela</i> ..	34
2.1. Uma leitura das relações familiares representadas em <i>A Bolsa Amarela</i>	35
2.1.1. A identidade da heroína no espaço familiar.....	35
2.1.2. As relações da heroína com os personagens imaginários.....	39
2.1.3. As relações da heroína com os membros familiares.....	41
2.1.4. As formas de simbolização das relações familiares em <i>A Bolsa Amarela</i>	47

PARTE II

CAPÍTULO III

Leitura-literatura-ensino.....	51
3.1. Contextualizando leitura-literatura-ensino.....	52
3.2. <i>A Bolsa Amarela</i> na sala de aula: um momento de interação e diálogo.....	56
3.3. A análise das experiências: leituras de <i>A Bolsa Amarela</i>	65
3.3.1. A leitura do capítulo “ O galo” com respectiva produção textual dos alunos....	67

3.3.2. O exercício: uma possível leitura das relações familiares representadas em <i>A Bolsa Amarela</i> – o resultado imprevisto na leitura dos alunos.....	69
3.3.3. A produção final: o efeito.....	77
3.3.4. Releitura da professora titular.....	85
3.3.5. A transcrição dos relatos gravados em fita de áudio.....	87
3.3.6. As reações durante a leitura.....	88
Considerações finais.....	92
Referências.....	95
Apêndices.....	100
Apêndice A - Questionário.....	101
Apêndice B - Exercício de leitura –Uma possível leitura de <i>A Bolsa Amarela</i>	102
Apêndice C - Solicitação de produção de texto crítico acerca da experiência.....	103
Anexos.....	104
Anexo A - Conto O bife e a pipoca.....	105
Anexo B - Conto Tchau.....	111
Anexo C – Foto da turma se familiarizando com outros livros de Bojunga.....	114
Anexo D - Fotos de alunos lendo <i>A Bolsa Amarela</i>	115
Anexo E - Produções textuais sobre o capítulo “O galo”.....	116
Anexo F - Exemplares do exercício - “ <i>Uma possível leitura de A Bolsa Amarela.</i> ”.....	121
Anexo G - Exemplares do posicionamento dos alunos sobre a experiência.....	140
Anexo H - posicionamento da professora titular da turma.....	156
Anexo I - Fotos dos alunos produzindo o relato por escrito e oralmente.....	157

Severina Diosilene da Silva Maciel

Um olhar sobre a família em *A Bolsa Amarela*:
entre o texto e a sala de aula

Campina Grande, Agosto de 2007

PARTE I

CAPÍTULO I

A NOSSA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

1.1 Considerações teórico-críticas sobre a literatura infanto-juvenil brasileira

No Brasil, as primeiras criações literárias para crianças datam do fim do século XIX e início do século XX. Até então, os livros eram trazidos de outros países. Ao importar livros, importava-se também a ideologia neles contida, por isso, as abordagens moralista, formadora e pedagógica das produções que chegavam ao Brasil influenciaram as produções literárias para a criança que começaram a ser fomentadas aqui. Sendo uma literatura escrita por adultos, estas não resistem a uma postura moralizante. Como precursores da literatura infantil brasileira, citam-se autores como Alberto Figueiredo Pimentel e Alexina de Magalhães Pinto, dentre outros, mas, uma literatura infantil concebida com base no nosso contexto só veio ocorrer com a obra de Monteiro Lobato.

Assim, a literatura destinada realmente à criança inaugura-se no Brasil em 1921 com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*¹. Por meio de uma linguagem original, criativa, marcada pelo coloquialismo e pelo tom de oralidade presentes nas narrativas da personagem Dona Benta, e dando voz às crianças através das personagens Emília, Narizinho e Pedrinho, José Bento Monteiro Lobato escreve objetivando formar um público leitor emancipado. Encontramos em Monteiro Lobato um escritor que pretende formar leitores capazes de se tornar descobridores, questionadores e críticos do que lêem. Guiados pela curiosidade aguçada de Narizinho, de Pedrinho, de Emília, do erudito Visconde de Sabugosa, de Dona Benta e de Tia Anastácia, os leitores são incitados a fazerem descobertas da realidade questionando-a.

Em sua obra, é possível visualizar o processo de interlocução leitor-autor através da presença dos personagens leitores, ouvintes e narradores. Nessa forma de recepção por parte dos personagens ouvintes, o leitor real é convidado a realizar uma leitura interativa, questionadora e crítica da obra.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se [sic] no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social,

¹ Segundo Coelho (1985, p. 187) *A menina do narizinho arrebitado* foi publicada e inserida nas escolas públicas do Estado de São Paulo, como o segundo livro de leitura.

político econômico, cultural,mas deixa sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Acreditamos que o sucesso do empreendimento literário de Monteiro Lobato está justamente nessa ruptura que ele faz da ideologia trazida pela literatura importada, contextualizando sua escrita com a realidade nacional. Antes de Lobato, os textos escritos para criança seguiam os modelos da escrita tradicional européia, dos séculos XVIII e XIX e mantinham-se fiéis aos objetivos pedagógicos, conservadores e formadores do pensamento das crianças, conforme a ideologia dos adultos. A obra de Monteiro Lobato, constitui-se, assim, um modelo revolucionário de escrita que rompeu com os padrões tradicionais, criando novas perspectivas para a criança e figurando como uma referência da literatura infantil nacional, pois ele produziu “uma obra para crianças fundada num tempo e espaço determinados, o do Brasil de sua época, rompendo com um tipo de literatura até então consumida pela infância” (ZILBERMAN, 2003, p. 158). Desta forma, a relevância e o sentido da obra de Monteiro Lobato é de ter criado uma estética da literatura infantil contextualizada com a nossa realidade, rompendo com padrões consagrados, questionando e relativizando a moral e a verdade, pois, “a moral de Lobato não é absoluta, está centrada em uma verdade individual” (CADEMARTORI, 1986, p. 52). Esse estilo de Lobato, que foi produzido no período de 1921 a 1944, foi capaz de formar vários seguidores, dentre os quais, Maria Mazzetti que, em 1966 publicou *O casaco mágico*, Fernanda Lopes de Almeida, que em 1971 publicou *A fada que tinha idéias* e *Soprinho*, Ruth Rocha, que publicou *O reizinho mandão* em 1978, Ana Maria Machado, que publicou *História meio ao contrário* em 1978, Lygia Bojunga Nunes que publicou *Os colegas*, seu primeiro livro em 1972. Dessa forma, percebemos que o senso de criatividade e imaginação de Monteiro Lobato criando uma literatura que se identificasse com o contexto nacional e com o universo da criança, propiciou o fomento de muitos leitores e influenciou uma geração de escritores.

1.1.1 A construção cultural das relações familiares no Brasil

Quando pensamos no conceito de família, associamos a uma construção de elos entre pessoas, por laços sanguíneos, por afetividade, afinidades e/ou objetivo comum. Na verdade, diversas são as concepções atribuídas a essa instituição. Dentre outras definições, família pode ser considerada como a união de “pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos” (FERREIRA, 2001, p.312). Do ponto de vista sociológico, a família representa uma microssociedade criada por vínculos de parentesco ou matrimônio, cuja estrutura e papel variam segundo o contexto social em que ela está inserida, a exemplo da família moderna que tem se modificado no que diz respeito à forma mais tradicional, bem como funções e papéis desempenhados pelos membros, como a família monoparental, cujos filhos vivem apenas com o pai ou só com a mãe. Assim, “a família pode ser definida como um tipo de agrupamento social primário, cuja estrutura em alguns aspectos varia no tempo e no espaço.” (OLIVEIRA 2002, p. 163)². Logo, o conceito de família não está estritamente ligado à instituição do casamento, ela pode ser formada das mais diferentes maneiras, desde a mais tradicional, até a união de pessoas por laços fraternos e solidariedade. Família é, portanto, a denominação atribuída à relação interpessoal, que há muito tempo existe e se perpetuou, embora com a ocorrência de algumas mudanças, visto que ela não continua estacionária diante das transformações ocorridas na sociedade. Essa relação é marcada por complexas mudanças comportamentais nas funções desenvolvidas pelos sujeitos dessa instituição ao longo da história.³

No Brasil, a formação da família e da relação entre seus membros, sob a visão

² Do ponto de vista jurídico, no Brasil, “a Constituição de 1988 consagra a proteção à família no art. 226, compreendendo tanto a família fundada no casamento, como a união de fato, a família natural e a família adotiva. De há muito, o país sentia necessidade de reconhecimento da célula familiar independentemente da existência de matrimônio.” (VENOSA 2005, p. 33),

³ A evolução da família, acompanhando o percurso da História, é objeto de análise de vários estudiosos. O historiador francês, Philippe Ariès, em sua obra denominada *História Social da criança e da família*, publicada em 1978, no capítulo intitulado *A família*, faz uma análise da família ocidental e do papel desempenhado por seus respectivos membros, tendo como base a iconografia, quando ele relaciona as transformações da família às imagens deixadas na História pelos pintores de determinada época, a exemplo das gravuras dos pintores Van Dyck, Ticiano e Abraham Bosse, que retratam imagens da família, situada nos séculos XVI e XVII. Nesse capítulo Ariès data as transformações ocorridas no núcleo familiar que culminaram com a origem da família moderna ocidental.

sociológica, ocorreu após a chegada dos portugueses⁴, pois antes da chegada e fixação do europeu, do português especificamente, originando a história da nossa colonização, havia apenas os grupos indígenas dentre os quais a noção de família enquanto núcleo isolado e composto por pais e filhos não existia. O que existia, e que ainda hoje existe nas comunidades indígenas, era um agrupamento de homens, mulheres e crianças convivendo pelo interesse comum que é a necessidade de assegurarem a sobrevivência, a segurança e a preservação da espécie. Os papéis e função de cada membro do grupo eram naturalmente definidos. “Era a mulher índia o principal valor econômico e técnico. Um pouco besta de carga e um pouco escrava do homem. Mas superior a ele na capacidade de utilizar as coisas e de produzir o necessário à vida e ao conforto comuns” (FREYRE, 2004, p. 185). Dessa forma, embora a mulher indígena fosse a força motriz na comunidade, existia uma hierarquia em que o homem detinha a autoridade.

Os relacionamentos eram poligâmicos, culturalmente natural. Naquele ambiente, as crianças eram criadas com certa liberdade, embora devessem obediência a regras naturalmente estabelecidas e respeito aos mais velhos. Às meninas eram ensinados afazeres domésticos, por sua vez, o curumim crescia com certa liberdade e se desenvolvia por meio do contato com os mais velhos. “Pode-se generalizar do menino indígena que crescia livre de castigos corporais e de disciplina paterna ou materna. Entretanto a meninice não deixava de seguir uma espécie de liturgia ou ritual, como aliás toda a vida do primitivo” (FREYRE, 2004. p. 207). Quando chegava a hora da iniciação que representava o rito de passagem da fase de criança para a fase adulta, o jovem nativo era instruído para o convívio no mundo dos adultos. Assim, dentre outros aspectos, os homens aprendiam a dominar as mulheres.

Com a chegada do europeu, veio também o desequilíbrio na vida indígena. Os nativos passaram a conviver com o homem branco e a sua rotina mudou. A cultura européia se impôs e aos autóctones. A educação das crianças foi influenciada pelos missionários. Vários índios foram batizados, a poligamia foi proibida, foi imposto aos nativos o vestuário europeu, alteraram-se o sistema de alimentação e de divisão de trabalho, introduziram-se doenças endêmicas e epidêmicas, conseqüentemente o nativo se viu obrigado a obedecer a regras e disciplinas do

⁴ Em seu ensaio intitulado *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (2004), o Sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre teoriza sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, sobre o processo de miscigenação entre o branco, o nativo e o negro trazido da África e sobre a influência desses elementos na formação da família brasileira alicerçada no sistema escravista e patriarcal que na colônia, organizou-se em torno da casa-grande e da senzala. O modelo dessa instituição era caracterizado pela presença do pai, detentor de todos os direitos, da mãe, mulher submissa e dos filhos que viam no pai a imagem a imitar.

homem europeu (FREYRE, 2004). O dominador usou, primeiramente, o nativo e depois o negro para as necessidades de trabalho, e a mulher para a formação da família.

A casa-grande e a senzala representaram todo um sistema econômico, político e social. Foi no interior desses ambientes que se fomentou a produção, o trabalho, a religião, os costumes, a política, dentre outros elementos sociais. Desenvolveu-se também a história da família brasileira, conforme os moldes patriarcais e perdurou por vários séculos, tendo resquícios ainda na atualidade. Foi, portanto, nosso modelo de família alicerçado no modelo da família européia ocidental, que se desenvolveu graças à estrutura colonial escravocrata.

A relação entre os membros dessa instituição tinha como base a autoridade do pai e a submissão dos filhos e esposa. No ambiente patriarcal, o direito da filha era totalmente cerceado, fato que se repetia quando ela se casava; a tirania apenas mudava da pessoa do pai para ser exercida pelo marido. Qualquer ato de rebeldia ou desobediência podia ter como conseqüência castigos severos. Logo cedo, as meninas eram preparadas para casar. Geralmente casavam aos doze ou treze anos, pois se chegassem aos quinze anos solteiras já eram consideradas velhas. Mal saiam da infância, as meninas já eram obrigadas a assumirem funções de adultos. Geralmente tinham muitos filhos, isto, quando não morriam de parto devido, entre outros fatores, a engravidarem sem terem o corpo totalmente adequado para a gravidez. Elas casavam por conveniência dos pais, e desses casamentos arranjados, era permitido casarem com os tios maternos, costume aceito socialmente na época. Outras vezes, como era costume também, casavam com o cunhado que ficara viúvo. De qualquer forma, à maior parte dessas mulheres, restava uma vida ao lado do homem a quem elas não amavam, pois era comum a elas só conhecerem o pretense marido no dia da cerimônia. Logo após, passavam a viver sob o jugo de um marido autoritário e adúltero. Dessa forma, à mulher, que vivia à margem do convívio social, restava apenas a companhia dos filhos e dos escravos. Nem mesmo amamentava seus filhos, pois, para tal função, havia a presença da ama-de-leite. De acordo com Freyre (2004), uma explicação para isso, seria o fato de elas engravidarem muito cedo, por volta dos doze ou treze anos, quando ainda não tinham estrutura física ideal para serem mães e amamentarem, ou mesmo porque, por terem muitos filhos, as mães ficavam debilitadas e, como conseqüência, tinham pouco leite. Esta justificativa de Freyre (2004) se assemelha à explicação que Philippe Ariès (1978) dá a respeito deste mesmo fenômeno, ocorrido em algumas cidades francesas. Justificativas que não são

compartilhadas por Elisabeth Badinter⁵ (1980), que vê no comportamento das francesas uma amostra de descaso e negligência, semelhante ao comportamento das mães portuguesas, que não amamentavam por questões de modismo, conforme Freyre (2004) analisa.

Hoje, o modelo de família é relativo; a família nuclear que gira em torno do pai, mãe e dos filhos coexiste ao lado da família composta por apenas um dos membros paternos, ao lado de uma família homossexual com filhos adotivos, ou sem filhos, e ao lado da família composta por apenas os filhos e outros membros que não são necessariamente os pais. Todavia, se essas famílias diferem na forma pela qual são constituídas, elas têm, geralmente, em sua base um elemento comum – os laços de afetividade e o respeito mútuo entre os membros.⁶ Portanto, rica ou pobre, grande ou pequena, de qualquer forma, as famílias de ontem e de hoje demonstram grande capacidade de sobrevivência, porque “A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado” (PRADO, 1981, p.12). É uma instituição que continua a ser um referencial para as pessoas, embora alguns valores tenham mudado e as relações entre seus membros variem, mediante circunstâncias sociais, culturais, econômicas, dentre outras.

Dentre os fatores que contribuíram significativamente para as mudanças ocorridas na família brasileira, encontramos aqueles de ordem econômica, religiosa e jurídica. Do ponto de vista econômico, por circunstâncias diversas, a função de manutenção do lar já não é obrigação apenas do homem, conseqüentemente, a função de chefe de família, antes restrita ao marido, vem sendo ocupada também pelas esposas. Sob o ângulo religioso, podemos observar que há uma diminuição da realização de casamentos religiosos e um aumento dos casamentos civis ou mesmo de uniões estáveis. Todavia, um fator jurídico que mudou sobremaneira o conceito de família foi

⁵ Em sua obra *Um amor conquistado – o mito do amor materno* (1980), Elisabeth Badinter mostra que o conceito de boa mãe ou mãe má é construído ao longo da história, através de discursos quer sejam de cunho filosófico, religioso ou político. Para construir seus argumentos essa filósofa francesa estendeu seu olhar para o papel desempenhado pelos outros membros no contexto familiar.

⁶ Em seu texto *O que é família* (1981), Danda Prado tece considerações a esse respeito, fazendo uma análise dos modelos de família construídos ao longo da história, e, nos mostra que “a família no entanto é ‘única’ em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência” (PRADO, 1981, p. 13-14). Segundo Prado, (1981, p. 76-77), a família brasileira não varia muito de uma camada social para outra, no tocante à questão dos laços de afetividade entre os membros desse contexto. Como também, ela pode apresentar características diferentes, dessa forma, geralmente, na classe média a unidade familiar apresenta características predominantemente da família nuclear. Na classe social elevada, é comum vermos nas famílias resquícios de características da família patriarcal, e, na classe baixa, o laço legal do casamento é pouco recorrente, como também apresenta, geralmente, a figura da mulher desempenhando o papel de chefe familiar, antes atribuído.

o fato de que “no Brasil, com a aprovação da Lei do Divórcio em 1977, tivemos um exemplo de mudança na instituição familiar do ponto de vista legal” (OLIVEIRA, 2002, p. 168). Assim, cresceu o número de famílias monoparentais, como também, um aumento nas uniões livres, por sua vez, houve um aumento no número dos filhos criados por pais separados que, sozinho, o membro assume a função paterna e materna, constantemente.

Percebemos que, ao longo da sua existência, conforme atestam as assertivas aqui expostas, a família passou por constantes mudanças. Embora nas relações familiares contemporâneas, de todas as classes sociais, ainda haja resquícios da família de cultura patriarcal, sobretudo nos papéis desempenhados pela mulher e pelo homem, embora a questão da linhagem também ainda seja relevante, quanto ao uso do nome e da tradição familiar, a microsociedade contemporânea apresenta-se, normalmente, unida por laços de afetividade e de afinidade.

1.1.2 As relações familiares na literatura Infanto-juvenil brasileira

Conforme dissemos anteriormente, a literatura infanto-juvenil brasileira, por muito tempo teve como parâmetro as produções européias. Assim, antes das produções de Lobato, os textos que circulavam em nosso contexto, direcionados ao público infantil, traziam uma representação das ideologias e dos costumes europeus presentes nos contos de fadas. Como sabemos, a origem dessas narrativas foi a recolha de contos e lendas que estavam na memória popular e que algumas foram publicados como literatura infantil inicialmente no século XVII por Perrault e posteriormente no século XIX pelos irmãos Grimm e por Hans Christian Andersen (CADEMARTORI, 1986).

Nos contos de Perrault, Grimm e Andersen identificamos a temática das relações familiares. *A pequena vendedora de fósforos*, de Andersen, conta a história de uma criança que, desde cedo, é obrigada a trabalhar para ajudar no sustento da casa, não vivendo, plenamente, sua infância e assumindo funções cabíveis ao adulto. *O pequeno polegar* revela um contexto familiar no qual o casal deseja muito ter um filho, a ponto de idealizá-lo; esse filho, ao nascer, nem sempre corresponde ao desejo dos pais. Nessa narrativa, o filho sai de casa, vive um bom tempo longe da família e depois volta ao aconchego do lar. Em *Cinderela* e *A Pele de asno*, de Perrault, as filhas são criadas sem a presença da mãe. No conto *Cinderela*, aparece a figura de um pai

viúvo, dedicado, porém casa-se novamente e, com a sua morte, a filha passa a ser criada pela madrasta e a sofrer maus tratos, até o momento em que conhece um príncipe, casa-se e vai viver de acordo com os padrões da sociedade da época. Em *Branca de Neve e os Sete Anões* e *A Bela e a Fera*, os filhos são criados sem a presença da mãe. *A Bela e a Fera* espelha o caso de uma família que empobrece e, para sobreviver, obriga os filhos trabalharem logo cedo. Em *A Bela Adormecida no bosque*, identificamos o modelo da família tradicional burguesa composta pelo pai, mãe e o filho, que representa a preocupação central do casal. Já em *Chapeuzinho vermelho* a figura materna sobressai. Por sua vez, em *O gato de botas*, é notória a questão da primogenitura que era uma prática recorrente até o século XVII dos pais beneficiarem apenas um filho em detrimento dos demais.

Em vários desses contos podemos identificar modelos de relações familiares em que ora prevalece a figura paterna representada pelo pai autoritário, ora esse pai está ausente. Noutros contos, ora prevalece a figura materna subjugada ao marido, ora ela inexistente, está morta. Há, ainda, enredos que apontam a presença da criança representando um estorvo, um empecilho para a sobrevivência do casal, sendo abandonada. E fica visível para nós a questão da dominação paterna sobre os filhos, a questão do incesto, dentre outros temas presentes no contexto familiar. Acreditamos que não há nesses contos um espaço em que apareça o discurso da criança, a voz desse ser que o represente fora da ideologia do adulto. É o adulto quem detém o discurso, a voz, o poder.

Na nossa literatura infanto-juvenil, a representação dessa microssociedade é mostrada em três vertentes, conforme o estilo do autor. Essas três vertentes são denominadas, segundo Zilberman (2003), de modelo eufórico, modelo crítico e modelo emancipatório.

No modelo eufórico, está introduzida a ideologia da família burguesa em que os pais, por trazerem para si a preocupação com a formação dos filhos, representam também um aprisionamento, o que gera uma insatisfação pueril. O modelo eufórico está assim caracterizado porque “privilegia os valores da existência doméstica, encerrando nela as personagens infantis” (ZILBERMAN, 2003, p. 209). Neste tipo de ficção, está impregnada a ideologia das relações familiares em que há a relevância da privacidade da família. Neste modelo, encontramos característica da família moderna ocidental que segundo Philippe Ariès (1978), é aquela família que se fortaleceu ao se opor à sociabilidade que predominava até o século XVII e buscou a intimidade no lar, sendo incompatível com esse novo ambiente a presença de terceiros. A

necessidade de intimidade foi generalizada nas famílias abastadas e penetrou em algumas famílias de classe social mais baixa. Desse modo, a sociedade cedeu lugar para a vida privada e surgiu a real preocupação da família com a criança.

Transparece nas narrativas uma euforia com a vida familiar, que, por sua vez, incute nas crianças normas e padrões sociais. No início das histórias que seguem esse modelo, todas as personagens vivem fechadas em casa, porém buscam novas experiências fora do lar, onde sempre retornam para a proteção dos adultos. Assim, nos textos, há a representação da criança inserida no ambiente familiar em que está segura e protegida pelos adultos. Entretanto, são os pais que detêm o poder de voz e de mando.

Assim, o universo dos textos divide-se em duas camadas, a das crianças que abandonam o campo domiciliar, mas não têm condições de romper com ele definitivamente; a dos adultos, de preferência os pais (as mães são raras nestes relatos) que regulam a vida familiar, ordenando suas concepções existenciais e o *modus vivendi* (ZILBERMAN, 2003, p. 210).

Há, portanto, nesses textos a representação da família que cuida, protege mas também cerceia a criança que, sentindo-se sufocada, tenta romper com esse tipo de relação, porém não consegue. A literatura, sob esta perspectiva, nos remete ao que Ariès (1978) afirma acerca do contexto da família moderna: os pais trouxeram para dentro do lar, com o auxílio da escola, a responsabilidade da formação educacional da criança anteriormente atribuída a terceiros e, dessa forma, a criança foi então retirada do convívio coletivo e do mundo dos adultos. Os cuidados esmerados da família, da escola, e de instituições sociais, a exemplo da igreja, para com a criança retiraram dela toda a liberdade antes desfrutada. Entretanto, segundo Ariès (1978), esse novo procedimento pôde ser a tradução do novo sentimento dos pais “o amor possessivo”, que deveria dominar o contexto familiar a partir daquele momento. Porém, não só a afetividade se manifestou nessa nova concepção da família, pois, conseqüentemente, a relação entre os membros passou por transformações. A partir do fomento de uma nova ideologia acerca dos papéis desempenhados pelos membros familiares, a figura materna começa a sobressair e a mãe começa a se preocupar com o bem-estar da criança, da mesma forma que questões relacionadas à igualdade de direitos entre o homem e mulher começam a ser discutidas, havendo como conseqüência, uma considerável aproximação entre a esposa e o marido.

O segundo modelo, apresentado por Zilberman (2003), constitui-se numa crítica ao modelo

eufórico de representação da família. Nesse modelo, insere-se uma visão contestadora do modelo da família burguesa, mostra-se a presença de conflitos e desavenças nos lares, como também o descompasso entre os desejos da criança e a vontade dos adultos. A família, vista no modelo eufórico como uma instituição harmônica, aparece no modelo crítico com toda sua problemática, com suas falhas. Esse modelo de representação tem como base uma atitude questionadora das circunstâncias sociais e familiares dentro das quais a criança está introduzida. Os heróis são apresentados inseridos no âmbito familiar embora esse contexto apareça como algo incômodo e desajustado, porque “a relação triangular não é apenas um fato psicológico, mas também uma realidade social” (BADINTER, 1980, p.23), na qual, por vezes, contextos e circunstâncias determinam os papéis desempenhados pelos membros de uma família. As circunstâncias condicionam as relações no interior da unidade doméstica as quais podem ser apresentadas em equilíbrio ou em desajustes.

O modelo crítico é um modelo que denuncia os desequilíbrios no interior da unidade doméstica, porém,

a denúncia toma a configuração de uma fotografia exterior do problema, de modo que não é filtrada pelas personagens e muito menos pelos heróis crianças. Dessa maneira, como no caso do modelo eufórico, este modelo crítico ainda encerra seus heróis no círculo familiar, embora apareça incômodo e desajustado (ZILBERMAN, 2003, p. 214).

Assim, no modelo crítico, são questionadas as relações familiares pautadas na figura do adulto detentor de direitos e saberes e os papéis impostos pelo homem e ratificados pelas instituições sociais, a exemplo da condição secundária da criança. Contudo, essa crítica não é feita pelas crianças, mas por um narrador adulto ou mesmo pelas situações vivenciadas nos enredos.

Esta perspectiva do modelo crítico de que a participação da criança no contexto familiar e social e seu respectivo papel sempre estiveram determinados em função de interesse de adultos exemplifica a relação familiar existente no século XVII, quando a autoridade suprema do pai imperava e aos filhos restavam o silêncio e a obediência. Segundo Zilberman (2003), um exemplo desse modelo de relação é encontrado nos livros de Érico Veríssimo.

A literatura infantil escrita com base no modelo emancipatório representa uma visão contestadora da família e da sociedade a partir do ponto de vista da criança. Os heróis são

colocados numa posição de autonomia em relação a uma instância superior e dominadora e a criança se posiciona criticamente perante a realidade em que está inserida. Nesse modelo, vemos as crianças se lançarem para fora do ambiente familiar, vivenciando novas situações, “experimentando contextos desconhecidos, sempre numa postura interrogadora” (ZILBERMAN, 2003, p. 215). Esses personagens estão sempre em processo de crescimento e de aprendizagem. Os padrões emancipatórios aparecem no momento em que outro funcionamento da estrutura familiar é apresentado, há uma relação mais próxima entre o adulto e a criança assim como uma negação à dependência e sujeição que se estabelecem entre eles. Nesse modelo de representação da família, as crianças são movidas pelo espírito de liberdade e emancipação. Os personagens evoluem dentro da narrativa e estão sempre em busca de soluções para os conflitos.

Esse modelo de representação da família na literatura infantil pode ser encontrado na obra de Monteiro Lobato, porque ele põe nos seus textos a representação da criança inserida no ambiente familiar em que ela questiona, critica e busca sua emancipação. Há, portanto, na literatura produzida por Lobato, uma ênfase na figura da criança e no papel que ela desempenha no contexto do lar. Lygia Bojunga também representa uma escritora que escreve com base na perspectiva de modelo emancipatório pois, no conjunto de narrativas em que ela retrata o tema das relações familiares, encontramos a representação da criança em busca de superação de conflitos e em processo de crescimento. Em seus textos, Bojunga contesta a estrutura da família tradicional erigida sob os moldes da família patriarcal em que o adulto detém o poder de voz sobre a criança. A criança ficcionalizada por Bojunga percorre caminhos em busca da sua afirmação como pessoa e no corte das amarras impostas pelo adulto. Esse processo de crescimento representa uma aventura na qual a criança consegue através de si mesma um meio para a superação de conflitos, diferentemente do que acontece nos contos tradicionais em que a criança supera conflitos apenas com ajuda de terceiros.

1.2. O Eu-artesã - O processo criador de Lygia Bojunga Nunes

Quando o leitor mergulha no livro que um escritor escreveu, ele está enveredando por um território sem fronteiras; nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou

em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor.

(Bojunga, 2004)

Através dos seus personagens, enquanto elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e acontecimentos, fundamentais para qualquer estudo ficcional, Bojunga espelha realidades do nosso cotidiano, instigando-nos a analisá-las, a refletirmos sobre elas. Dentro da magia, da fantasia e da simbologia, que é o universo da literatura infanto-juvenil, essa artesã, conforme ela se auto-denomina, nos transporta e nos leva a vivenciar, com seus personagens, as angústias, os conflitos, as alegrias e as transformações que são sentimentos inerentes ao homem, porque, através de seus personagens e das tramas que tece, ela “questiona valores estabelecidos, demolindo arraigados preconceitos contra a mulher, contra o velho, contra o artista, contra a criança – propondo novos estabelecimentos em relações entre as pessoas” (CADEMARTORI, 1986, p. 64).

Assim, com a capacidade de manipular a linguagem, armando um mundo ficcional onde aparece a crítica à repressão e ao autoritarismo dirigidos principalmente à criança, Bojunga propicia ao leitor um posicionamento de reflexão e de identificação com o texto. Dessa forma, com um tom leve e uma linguagem objetiva, Bojunga nos mostra vários dos papéis da literatura, dentre os quais o de humanizar, de fazermos tomar consciência de fatos e refletir sobre nossa condição no meio em que estamos inseridos. Essa característica de Lygia Bojunga justifica o fato de sua obra ser merecedora de consagração nacional e internacional e representa um objeto riquíssimo em aspectos que possam ser analisados, a exemplo de *A casa da madrinha* (1978) em que vemos a extraordinária capacidade de manipulação que a autora de *Corda bamba* (1979) faz com a linguagem para expor seus pensamentos quando ela faz uso dos recursos lingüísticos para criticar o modelo repetitivo e autoritário do sistema escolar no contexto da época em que o livro foi publicado. Observando os detalhes do texto de Bojunga, percebemos como ela organizou os signos lingüísticos para moldar seu discurso contestador sem que o texto parecesse uma crítica explícita, detalhes que certamente nos teriam passados despercebidos, caso não tivéssemos tomado conhecimento de como é importante voltarmos nosso olhar para as partes que compõem o todo, porque “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Assim, podemos tomar de empréstimo a assertiva de Antonio Candido (2000) para aplicar à escrita de Bojunga, quando este estudioso disserta sobre o sentido social simbólico de uma obra literária. Segundo Candido (2000), uma obra constituída nesse molde, não ilustra apenas fatos sociais como exemplos, não leva em consideração o elemento social exteriormente como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; o elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, dando-lhe forma. O *externo* (no caso o social) importa não como causa nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura da obra, tornando-se, portanto, *interno*.

Por meio do exercício de análise de sua obra, vemos que Bojunga foge aos modelos consagrados de escrita e apresenta, em suas narrativas, índices de renovação quanto ao trato dado à questão da criança e quanto ao manuseio da linguagem. Utilizando-se do recurso da simbologia, das figuras de linguagem, de neologismos, da oralidade, da linguagem poética, da intertextualidade, de onomatopéias, dentre outros recursos lingüísticos, como também fazendo uso de imagens de cunho simbólico-metafórico, do código onomástico e da personificação como recursos da linguagem, essa escritora desmitifica a postura dogmática do adulto-sabe-tudo frente à criança incapaz, sem impregnar seus textos do caráter pedagógico ou moralizante que é uma característica comum à maioria dos escritores infanto-juvenis.

Essa escritora prima pela confluência entre as diversas formas de manifestação artística, a exemplo de como ela “valoriza as relações intersemióticas, ao transpor da linguagem literária para a teatral alguns de seus livros, além de, em outros, trabalhar com diferentes expressões artísticas. É o caso da escultura em *Nós três* e da pintura em *O meu amigo pintor*” (CAMPOS 2004, p. 05). Merece destaque também a presença do teatro e da música vistos em *Angélica*, da arte circense em *Os colegas* e em *Corda Bamba*, das artes plásticas em *Seis vezes Lucas* que exemplificam a capacidade de Bojunga manusear a linguagem em suas diferentes modalidades.

Conforme nos afirma Abramovich, na apresentação de *A casa da madrinha* (1996), “Lygia Bojunga Nunes é uma autora maior em nossa literatura infantil. Seus livros (poucos, mas de qualidade superlativa) sempre se destacam no cenário das crianças.” Essa escritora é reconhecida e aplaudida pela crítica nacional e internacional foi premiada com o Nobel de literatura infanto-juvenil, o troféu Hans Christian Andersen, pela coletânea dos livros: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda*

bamba (1979) e *O safá estampado* (1980) e, recentemente, em 2004, recebeu o Prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), o maior prêmio mundial jamais instituído em prol da literatura para criança e jovens, criado em 2003 pelo governo da Suécia⁷. Embora haja todo esse reconhecimento, acreditamos, como base na nossa experiência de sala de aula, que Bojunga é pouco conhecida do leitor que só tem como instância mediadora entre ele e a obra, a escola.

Nas páginas construídas e delineadas com um trato peculiar pela criadora de *A Bolsa Amarela* (1976), vemos uma ampla amostra do que há de melhor para a leitura. Há histórias para rir e para chorar, para brincar e para questionar, para refletir e para sonhar. São, portanto, textos escritos de forma original em que Bojunga consegue costurar com linhas de histórias outras histórias. Desse entrecruzamento, a autora fomenta uma grande obra.

Este processo, também denominado de história-dentro-da-história, é bastante utilizado pela autora que vem de encontro às exigências da ficção contemporânea. As histórias se apresentam introjetadas no tecido narrativo, umas fazendo parte da narrativa principal, outras servindo de explicações elucidativas para melhor compreensão do universo ficcional (ASFORA, 1988, p. 117).

Essa peculiaridade de Bojunga ao tecer as suas histórias, imbricando um enredo a outro, para no final se confluírem num tecido narrativo, faz analogia à técnica artesã de composição compartimentada em que o artista junta pequenos retalhos e constrói uma colcha. É tecendo, misturando, costurando, moldando com as palavras que essa escritora dá forma à sua obra.

Lygia Bojunga rompe com a distância entre a fantasia e a realidade. Nas suas histórias tudo é possível. De uma forma profundamente original, conflui o riso, a beleza poética, o humor, a busca pela liberdade, questões sociais e o companheirismo entre crianças. Com uma sensibilidade afinada, deixa os leitores entrarem diretamente nos sonhos e fantasias que seus personagens usam para sobreviver. Ela segue a tradição do realismo mágico dos contos fantásticos, entretanto, inova e aperfeiçoa porque

trabalha sua narrativa em dois planos: o horizontal, em que se desenvolvem fatos seqüenciais vividos pelos diversos personagens, e o vertical, no qual a narrativa volta-se para os problemas interiores de cada um, característicos da infância (SANDRONI, 1987, p. 74).

⁷ Esta informação está na obra *Aula de inglês* (2006), uma das produções mais recentes de Lygia Bojunga, publicada pela Casa Lygia Bojunga.

Dessa forma, Bojunga impregna suas narrativas de fantasias, as quais servem muitas vezes como forma de as personagens ultrapassarem experiências pessoais difíceis ou como fuga de uma realidade cruel, diferentemente dos contos fantásticos tradicionais em que elementos externos fazem parte da história de vitória do personagem, como fadas, duendes, varinha mágica, dentre outros. É o que vemos no seu primeiro livro, *Os colegas* (1972), em que as personagens buscam no companheirismo e na arte circense, que é uma das demonstrações da fantasia, libertar-se dos sofrimentos e sobreviver. Nesse livro, como em *Angélica* (1975), os personagens são animais humanizados, o que reforça o efeito cômico. Os personagens bichos também estão presentes em *A Bolsa Amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), e, *O sofá estampado* (1980).

Desse modo, em grande parte de suas histórias, Bojunga consegue, por meio da fantasia, levar seus personagens a vivenciarem situações que nos encantam, nos entristecem e nos fazem questionar atitudes e comportamentos, dentre eles o autoritarismo do adulto sobre a criança. Nesse universo da inventividade, objetos são antropomorfizados, animais vivenciam situações próprias dos humanos, a personagem conflui o real com o imaginário, e nesse processo consegue edificar sua identidade e sua inserção no meio em que está inserida. Esse uso peculiar que Bojunga faz da linguagem para compor as narrativas nos leva a querer saber, assim como Sandroni, na apresentação do livro *Tchau* (1995), “como é que Lygia consegue ser sempre original, ir tão dentro da personagem que inventa, descrevê-la numa linguagem tão sua, tão clara, tão rica?”. Há também na escrita de Bojunga a mescla de sentimentos; a tristeza convive ao lado da alegria, a desilusão com a esperança, a euforia com a apatia. Geralmente, a criança, muitas vezes sozinha e abandonada, recorre à fantasia para se sentir melhor.

As fantasias servem geralmente para que as personagens resolvam situações conflituosas. Em *A Casa da Madrinha* (1987), percebemos que as experiências fantásticas de Alexandre durante a busca pela casa longínqua de sua madrinha são, na realidade, a concretização das fantasias de felicidade e amparo de um menino pobre em busca de melhores condições de vida. Em *A Bolsa Amarela*, o ato de Raquel guardar suas vontades na bolsa é também uma forma de representação de que, pelo menos naquele *mundo*, ela pode ter poder de mando. Em *O abraço*, a “presença” de Clarice na vida de Cristina faz com que esta conviva com a lembrança de ter sido violentada. Em *Os colegas*, a vida no circo, a representação, a fuga do mundo real é o essencial para a sobrevivência dos amigos. Em *Angélica*, o disfarce do porco é vital para a sobrevivência dele. Em *Seis vezes Lucas* (1995), a máscara e o terraço são como amuletos que encorajam o

menino Lucas a agir sem medo. Assim, na tessitura das suas narrativas, Bojunga realiza um entrecruzamento entre a ficção e a realidade.

Nessas narrativas, vemos, ainda, além da confluência entre a fantasia e o real, do trato especial com a linguagem, as cores ganharem relevo. “Ainda tinha mais esse mundo pra descobrir: a cor.” (BOJUNGA, 2001, p.42). Dessa forma, as cores trazem para as narrativas toda uma simbologia, a exemplo do amarelo da bolsa amarela de Raquel, que tem toda uma significação:

A bolsa por fora: era amarela. Achei isso genial: pra mim, amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato (*A Bolsa Amarela*, 2004, p. 27).

O amarelo não é um amarelo qualquer, ele representa uma perspectiva de mudança, de crescimento da personagem, de auto-conhecimento, de despertar. Para Alexandre de *A casa da madrinha* (1978), “a flor amarela que enfeitava o peito da porta azul” tem a significação do crescimento, da descoberta, da perda do medo, do encontro consigo mesmo. A cor amarela é ligada à alegria da vida e é recorrente nas narrativas de Bojunga. A simbologia das cores se evidencia em *O meu Amigo Pintor* (1978), que descreve como um personagem, o menino Cláudio, busca, por meio das cores, expressar seus sentimentos em relação à perda de um amigo e explicar o porquê dessa perda. Mais uma vez, a cor amarela se evidencia; dessa vez é a cor do relógio quando toca, mostrando a passagem das horas. Em *O meu amigo pintor*, o personagem principal vê na cores as explicações para questionamentos da vida. Para situações tristes ou alegres.

Por sua vez, quando Maria, a personagem principal em *Corda Bamba* (1979), abre as portas fechadas, de cores diferentes, as cores têm uma representação para a personagem, que busca superar a perda dos pais.

Maria se virou para sair; o olho bateu na porta amarela. Veio uma vontade tão grande de ver o que é que tinha lá dentro que Maria não resistiu: saiu correndo e abriu a porta. [...] Márcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer. Maria espichou o pescoço, louca pra ver. Louca pra se ver. Quis gritar ‘Nasci! O bebê do barco sou eu!’, mas emoção era tão grande que o grito não saiu. (*Corda bamba*, p. 92).

É na porta de cor amarela que ela se vê nascer. A porta amarela representou para a menina uma descoberta que a ajudou a superar o trauma causado pela morte de seus pais.

A dona Gracinha, personagem de *Sapato de Salto* (2006, p. 45), ordenou que pintassem a casa toda de amarelo. “– Tudo amarelo! Amarelo bem forte! (...) Ele obedeceu: parede, porta, janela, número da casa, beiral do telhado, maçaneta, fechadura, tudo amarelo. Bem forte.” Essa cor e as demais expressam sentimentos, atitudes, situações, emoções e dão sua cota, juntamente com outros recursos, para a construção das histórias. Para Cristina, personagem de *O abraço*, o preto, o cinza e o branco têm toda uma significação na ponte entre a vida e a morte. Conforme Bojunga (2001, p. 10), essa relação dela com as cores remonta ao tempo em que ela era criança e brincava com o costureiro, estojo de costura de sua mãe.

Não bastasse o trato peculiar que Bojunga faz com a linguagem, ela busca nas questões psicológicas e sociais temas para enformar suas narrativas. Em *Angélica*, existe um personagem que é um porco, que gostaria de ser aceito pelos outros sem ser discriminado, sofre com essa discriminação, mas, com o tempo, aceita a si mesmo como é. Em *A Bolsa Amarela* (1976), a protagonista Raquel é uma menina que, como o porco, gostaria de ser aceita pelos outros, nesse caso, pela sua família. Por sua vez, em *A Casa da Madrinha* (1978), Alexandre, um menino pobre, busca em seus sonhos e em suas fantasias viver uma vida melhor.

O drama da violência sexual, do assassinato, da infidelidade conjugal, do preconceito sexual, também são tematizados nos livros de Bojunga. Conforme vemos em *O abraço* (1995), Cristina é molestada e assassinada. Em *Aula de Inglês* (2005) e *Sapato de salto* (2006) há a recorrência de temas que lidam com conflitos familiares, amorosos e sexuais. Entretanto, os livros supra citados apresentam uma novidade na escrita de Bojunga: enquanto a maioria dos livros está voltada para o público infante-juvenil, esses estão mais direcionados ao leitor adulto, todavia a confluência entre o realismo e o fantástico, recorrente nas outras obras, se repete nestas.

As questões sociais reais também sobressaem na escrita de Bojunga. Na década de 70, no contexto político em que o direito e a liberdade de expressão eram cerceados no Brasil, essa escritora começou a publicar seus livros. Por meio de um tratamento especial dado às palavras e através do uso de recursos lingüísticos, Lygia Bojunga coloca em seus livros questões externas que enformam suas narrativas. A escola Osarta, filtrando os pensamentos do pavão, os donos que

costuraram o cérebro do galo Terrível para que ele fosse para as rinhas sem questionar, o botão prendendo os pensamentos da cegonha, Angélica, a prisão do galo Rei, são questões de cunho social externas que constroem os enredos das narrativas em que a busca dos personagens pela liberdade individual e pela inserção social se sobrepõem. Entretanto, não há nessas histórias uma lição de moral ou um questionamento explícito, o leitor interage e faz a leitura da obra, que une a brincadeira, a seriedade e a linguagem poética. Nesse aspecto, Bojunga converge para o pensamento de Sandroni (1980, p. 11), quando ela afirma que a literatura “atua no terreno das idéias. Mas pode atuar contestando o poder constituído através de representações (metáforas)”. Dessa forma, manuseando os recursos lingüísticos de forma peculiar, Bojunga contesta o autoritarismo da época representado nas instituições sociais a exemplo da escola e da família.

Por vezes, as narrativas expõem uma realidade cruel, *O abraço* (1995), *Tchau* (1985), *Os colegas* (1972), *A casa da madrinha* (1978), *Seis vezes Lucas* (1995), *Angélica* (1975), *A cama* (1999) expõem temas como preconceito social, discriminação, desemprego, conflito familiar, dentre outros. A morte também se constitui temática das narrativas de Bojunga. Em *O abraço*, *Nós três*, *O meu amigo pintor*, *Tchau*, *A cama*, esse tema não é tabu, aparecendo com roupas diferentes. “O guarda-roupa da morte é vastíssimo; ela usa as vestimentas mais inesperadas, se disfarça de tudo que a imaginação pode inventar” (*O abraço*, 2001, p.10).

Por fomentar uma obra com riquezas de metáforas, ludismo, domínio técnico e perfeita confluência de elementos sociais com o individual, “por manter em suas obras, sem exceção, excelente qualidade literária” (PINTO, 2006), Lygia Bojunga se destaca entre os autores brasileiros contemporâneos que escrevem para o público infanto-juvenil e para o leitor adulto. Seus livros estão traduzidos para 19 idiomas entre os quais francês, alemão, espanhol, norueguês, sueco, hebraico, italiano, búlgaro, checo e islandês. Até o presente momento, essa Gaúcha, que adotou o Rio de Janeiro e Londres como seus refúgios, escreveu 20 livros, sendo que alguns são de cunho autobiográfico e metalingüístico, a exemplo de *Livro – um encontro* (1988) *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), de cunho metalingüísticos, em que Bojunga se dirige ao leitor para dialogar com ele sobre questões relacionadas à sua escrita, “nessa trilogia, a autora estabelece um diálogo consigo e com o leitor sobre o ato de escrever, o processo de criação e os percalços enfrentados pelo escritor quando tenta investigar ou mesmo fotografar a alma humana” (CAMPOS, 2004, p. 05). Por sua vez, *Feito à mão* (2002) revela ao leitor aspectos ligados ao trabalho e à vida dessa escritora que em sua caminhada recebeu vários prêmios. Em 2002, Lygia

Bojunga publicou *Retratos de Carolina*, inaugurando uma casa editorial para abrigar seus personagens – Casa Lygia Bojunga.

Reconhecida internacionalmente, Bojunga buscou um novo objetivo, não apenas escrever, mas participar de toda a construção dos seus livros, assim, com o projeto Casa Lygia Bojunga, ela resolveu relançar sua obra. Em 2005, a casa já havia acolhido todos os livros dessa autora os quais foram relançados. Todavia, antes da inauguração da Casa, Bojunga viajou pelo Brasil, divulgando-a. Essas viagens, ela denominou de Mambembadas, e fez uso do livro *Fazendo Ana Paz* para divulgar sua história de escritora.

1.3 A representação das relações familiares na obra de Bojunga

Além de todos os temas elencados sobre os quais Lygia Bojunga escreve com maestria, é recorrente nas narrativas dessa escritora o tema da família, especialmente do papel desempenhado pela criança nesse núcleo social. Como já afirmamos, Bojunga se apresenta no cenário da literatura infanto-juvenil escrevendo conforme a perspectiva do modelo emancipatório de representação da família, em cujo ambiente a criança é inserida, questionando e buscando sua autonomia. É nesse ambiente em que a criança, ao enfrentar uma situação conflituosa, adquire conhecimento de si própria e se emancipa. A criança convive com uma relação entre perdas e ganhos, desse modo, é comum nos depararmos com a criança que perde alguém querido, mas adquire auto-conhecimento e amadurecimento psicológico. Assim, em *Corda Bamba* (1979), encontramos Maria superando o trauma da morte inesperada dos pais. Em *O meu amigo Pintor* (1987), partilhamos do sofrimento do menino Cláudio causado pela morte de um amigo adulto, ao tempo em que ganha experiência de vida. Em *Tchau* (1985), obra composta por quatro contos, a presença dos temas da separação, das diferenças de classe, da inveja, da solidão, do companheirismo, dentre outros, dá forma ao livro. Especificamente no conto que intitula o livro, a personagem Rebeca adquire maturidade, após ser abandonada pela mãe. Em *Seis vezes Lucas* (1995), há a questão da infidelidade conjugal, e Lucas perde o encanto e a idolatria que sentia pelo pai ao começar a vê-lo com os defeitos, mas ganha auto-conhecimento e confiança em si próprio. Assim, a relação em que a criança perde algo, mas diante de tal fato adquire sabedoria, crescimento interior e emancipação, é bastante estreita nas narrativas de Bojunga.

Em *Angélica, A Bolsa Amarela, A casa da madrinha, A cama, Sapato de Salto, Seis vezes*

Lucas, Aula de Inglês, Tchou, Corda bamba, assim como em outras narrativas de Bojunga, percebemos o trato constante que essa autora dá à temática das relações familiares, retratando os papéis desempenhados por cada membro familiar, principalmente a criança que está representada num ambiente opressor, buscando soluções para os problemas impostos pela sociedade adulta, construindo sua identidade e sua emancipação.

É recorrente nas narrativas de Lygia Bojunga o personagem oprimido buscar uma saída para seu drama. O protagonista se encontra em situações conflituosas que, somente com o auxílio da fantasia, consegue superar a opressão. Desse modo, o personagem principal adentra no mundo do jogo imaginário, buscando a superação de problemas do seu mundo real no contexto familiar em que se sente acuado, subjugado, silenciado.

A tessitura das narrativas de Bojunga confirma os pressupostos de Regina Zilberman (2003) sobre o fato de que, no modelo emancipatório, a literatura escrita para a criança coloca seus heróis numa posição de busca de valorização por parte do adulto. Assim, lendo as narrativas de Lygia Bojunga, não podemos deixar de assumir uma postura crítica e questionadora acerca do papel desempenhado pela criança no contexto familiar das novelas, o qual é uma verossimilhança de protótipos dos muitos papéis desempenhados pelo infante nas relações familiares, herdadas da ideologia da família patriarcal. Essas narrativas podem ser interpretadas como uma crítica à relação familiar na qual o adulto detém o poder de juço sobre a criança. Desse modo, a autora de *Retratos de Carolina* (2002), por meio das situações que usa para enformar sua obra, leva o leitor a se identificar com as situações que são vivenciadas pelas personagens, quando retrata em suas narrativas situações cotidianas dos ambientes familiares reais.

Na maioria dos seus textos, Bojunga se baseia fortemente na perspectiva da criança. Ela observa o mundo através dos olhos da criança. Todavia, nem sempre esse olhar é inocente, ingênuo, brincalhão, ele pode ser triste, cruel, esperançoso, distante, mas, acima de tudo, esse olhar “vê” na fantasia a possibilidade de superação, crescimento e vida. Em suas histórias, Bojunga incita o leitor a transitar com a personagem do mundo real ao mundo fantasioso. O leitor comunga também com os conflitos, dúvidas, questionamentos da personagem, em busca da assunção.

Em 2006, passados quatro anos da abertura da casa editorial, Lygia Bojunga lançou *Aula de Inglês* e *Sapato de salto*, são histórias que, dentre outros temas, retratam questões de

relacionamento familiar. Esses livros mostram uma inovação na escrita de Bojunga, ao trazerem questões relacionadas não apenas ao universo da criança, mas também conflitos e situações vivenciados pelos jovens e adultos. Essas duas obras ratificam a singularidade do estilo criativo de Lygia Bojunga.

CAPÍTULO II

DA IMAGINAÇÃO À REALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM A *BOLSA AMARELA*

2.1 Uma leitura das relações familiares representadas em *A Bolsa Amarela*

Ao longo da sua existência, as relações familiares passaram por constantes mudanças, a exemplo do que mostram os pressupostos de Ariès (1978) e Prado (1981). E a figura da criança, inserida neste contexto, ganhou maior significação ao longo da história porque, se antes ela era relegada, sendo cuidada e educada por terceiros, hoje, após as mudanças sociais ocorridas, dentre as quais a necessidade de intimidade das famílias, na maioria dos lares, esse ser pueril recebe mais atenção e mais cuidados dos pais e familiares, como também por parte de outras instituições sociais e de leis que primam pelo seu bem-estar.

Com uma linguagem inventiva, fundindo os mundos da fantasia e do real, Bojunga construiu *A Bolsa Amarela* num estilo que lhe é peculiar. Vemos que os aspectos estilísticos se coadunam à abordagem de um tema social para dar forma à massa verbal dessa narrativa. *A Bolsa Amarela* aborda a temática das relações familiares e o papel desempenhado por cada membro, especificamente a inserção da criança buscando sua emancipação. Aliás, como já afirmamos, faz parte do estilo de Bojunga usar o externo para enformar à sua obra. Da mesma forma, a variedade de recursos lingüísticos usados por esta gaúcha para compor essa novela nos mostra a capacidade que ela tem de manusear a linguagem, a exemplo da presença de neologismos bastante explorada na narrativa, o que mostra o brincar com as palavras, tão comum na escritora.

2.1.1 A identidade da heroína no espaço familiar

Escrito por Lygia Bojunga, e publicado em 1976, o livro *A Bolsa Amarela* narra a história da menina Raquel, a filha caçula de uma família nuclear, composta pelos pais e por quatro filhos, inserida no contexto de classe social economicamente baixa. Raquel vive em conflito com a família e com isso desenvolveu três vontades: a vontade de crescer, a vontade de ser menino e a vontade de ser escritora. Principalmente as vontades de ter nascido menino e de ser grande,

porque, segundo ela, ser menina e ainda por cima ser pequena não era *legal*⁸. Raquel acredita que não é bem vinda na família, se acha à margem, e buscou na amizade que desenvolveu com amigos imaginários, a superação de seus problemas.

Narrado em primeira pessoa, o livro *A Bolsa Amarela* tem seu início com o monólogo de Raquel, a personagem-narradora, sobre o seu desejo de esconder as três vontades que ela não controla.

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto... Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.(p. 9)

Neste monólogo, três expressões de Raquel nos chamaram a atenção: “minhas três vontades engordando desse jeito”; “eu tenho que achar depressa um lugar para esconder as três”; “eu não quero mais ver gente grande rindo de mim”.

Na primeira expressão, a voz da personagem explicita uma atitude de impotência diante de uma situação incontrollável, de um desejo que crescia sem limite e controle, que podia levá-la à situação constrangedora passível de escárnio de outros. Diante desse fato incontrollável, o pensamento da narradora volta-se para a busca desesperada de encontrar um local para esconder as vontades, tendo como justificativa o fato de ela ser constantemente objeto de chacota dos adultos no núcleo familiar. O tom incisivo quando ela diz: *eu tenho e, eu não quero*, nas duas últimas expressões, denota um estado de apreensão, angústia, medo e revolta, mas, principalmente, mostra uma atitude decidida da personagem em romper com aquela situação incômoda.

As três frases que nos chegam como a porta de entrada para a leitura da obra são relevantes para toda a tessitura textual pois a narrativa foi construída em torno dos três elementos: vontades incontrolláveis a serem escondidas, a busca de refúgio da personagem no mundo imaginário para superar o conflito na relação familiar e a sua aceitação por parte da família, principalmente pelo fato de ela se sentir injustiçada no ambiente dos adultos.

Segundo Amorim (2003, p. 55), “o detalhe é um elemento revelador e tem muito a dizer sobre o conjunto.” Concordando com esse estudioso, entendemos que os detalhes de uma obra correspondem a uma porta de entrada para a leitura textual. E, embora saibamos que a

⁸ *Legal* é uma expressão da personagem se referindo à sua insatisfação por ser criança e ser menina.

compreensão, interpretação e análise são possibilidades de leitura, visto que o texto é passivo de várias interpretações, direcionamos nosso olhar para os detalhes deste monólogo interior da personagem narradora para iniciarmos o percurso de análise de *A Bolsa Amarela*, buscando realizar uma leitura possível sobre o tema das relações familiares, enfatizando o papel desempenhado pela criança no contexto do lar.

Como em outras histórias dessa autora, em *A Bolsa Amarela*, há um aspecto de renovação de Lygia Bojunga quando ela, desconsiderando a técnica tradicional, inicia a narrativa com uma situação de conflito, como também estrutura o enredo inserindo uma história dentro de outra. Essa técnica usada por Bojunga de inserir um gênero textual dentro de outro, proporciona um efeito dinâmico na narrativa. Em *A Bolsa Amarela*, além da inserção das cartas e do romance, escritos por Raquel, temos a presença de várias narrativas simultâneas, sendo desenvolvidas nos planos horizontal e vertical. Dessa forma, podemos identificar na novela pelo menos dois enredos, enfoque da nossa análise, distribuídos em dez capítulos: Em um enredo, Raquel expõe fatos vivenciados no seu contexto familiar, como também seus problemas interiores, e em outro, temos a história de Raquel com seu mundo imaginário, com a presença dos amigos da protagonista, a exemplo da história do galo Afonso, do alfinete e da guarda-chuva.

A personagem-narradora começa a expor sua relação familiar para o leitor, questionando o seu nascimento, ao amigo imaginário:

Querido André

Quando nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos...

Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha condição de ter filhos.”

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? ...E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não? (p. 11-12)

Essa atitude reflexiva e questionadora da personagem-narradora que permeia toda a instância o narrativa do texto representa um fato corriqueiro, uma verossimilhança com alguns contextos familiares. Esse questionamento presente na voz Raquel nos remete ao que já era pensado no século XVIII, quando, segundo Ariès (1978), uma das marcas mais características da família da época era a preocupação de igualdade entre os filhos do casal e a preocupação com a criança; fato mostrado também por Badinter (1980), ao afirmar que, no século citado, a mulher aceitou o papel de boa mãe e a criança passou a ter uma função importante no lar. A atitude da

personagem-narradora também nos leva a refletir sobre as palavras de Prado (1981) acerca da família contemporânea, ideal, ser aquela em que os laços que unem os membros são valorizados e cada membro desempenha um papel conforme seu desejo.

Em *A Bolsa Amarela*, foi empregada a linguagem coloquial com a qual a narradora-personagem expõe sua realidade, seu convívio com os demais membros da família. A linguagem aproxima a fala da personagem com o universo do leitor. Aliás, o uso do recurso de termos usuais da oralidade, como frases curtas, subtração de morfemas, repetições, foi bem marcado nessa narrativa. Vejamos:

- Que que há? **tô** dizendo que ele é inventado. **Invento** onde é que ele vai escrever, **invento** o que é que ele vai dizer, **invento** tudo. (p. 16)

- Ah, **pera** lá, Afonso! A bolsa já **tá** lotada. (p. 63)

Nesses exemplos percebemos que os termos usuais da oralidade causaram um efeito de aproximação da linguagem das personagens com a da criança ou mesmo do adulto leitor.

Vemos em *A Bolsa Amarela* a narrativa acontecer em espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro. Nele, encontramos a riqueza, a pobreza e a transgressão às leis. O espaço urbano, em especial a ambiência do lar, representa para Raquel viver numa prisão, num núcleo conflituoso onde o autoritarismo prescinde da vontade da criança.

Minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso ir na casa de ninguém: ele sai, passa chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar. (p.12-13)

Segundo Raquel, sua vida é solidão total. Conforme a personagem explicita, não há tempo para diálogo e companheirismo neste contexto familiar. À televisão é dada a atenção que é negada à criança. É interessante atentarmos nossas reflexões para a simbologia da televisão, a maior cadeia de comunicações de massa, que é apresentada no contexto da narrativa e em muitos lares da vida real como um instrumento que produz mutismo entre as pessoas.

Acerca do elemento tempo, vemos que em *A Bolsa Amarela* há uma unidade seqüencial e o tempo cronológico aparece em alguns momentos, a exemplo do dia do almoço. Entretanto, predomina o tempo psicológico que relacionamos ao processo de descoberta da personagem-narradora e à ocasião em que ela busca sua emancipação.

A voz de Raquel representa, na verdade, a fala de um sujeito que quer ser aceito pela sua família em igualdade de condições com os demais membros. Na cena do almoço, na casa da tia Brunilda, a personagem assim declara toda sua indignação por não ser levada em consideração pelos seus parentes:

Encheram meu prato. Tomei coragem e falei:

_ Tia Brunilda, a senhora vai me desculpar, mas se tem comida que eu não topo é bacalhau.

_ Bobagem da Raquel, ela gosta sim – o meu pai falou.

Olhei pra minha mãe e ela fez cara de quem diz: “não cria caso, sim, Raquel?” Meu irmão tava do meu lado e disse: “come “. Minha irmã tava do outro e me deu uma cutucada pra comer. Vi que ia dar alteração. Então mandei recado pro estômago agüentar firme, e comecei a mastigar devagar. (p. 73)

As expressões “ela gosta sim”, “não cria caso” e “come”, como também “cutucada”, simbolizam e sintetizam, naquele momento, todo o autoritarismo dos adultos sobre a criança. Mandar o “recado pra o estômago agüentar firme” e começar a “mastigar devagar”, lembra uma cena de alguém que, estando preso, sendo torturado e, na impossibilidade de reagir, fica passivo, esmorece e aceita os castigos. É também uma situação verossímil a muitas ocorridas em que a criança é obrigada, pelo adulto, a comer algo de que ela não gosta, sem vê respeitado seu gosto em deglutir ou não a comida.

2.1.2 As relações da heroína com os personagens imaginários

Na fuga para o imaginário e no contato com os amigos, Raquel representa um comportamento comum da criança. Conforme sabemos, toda criança, em algum momento de sua vida, fantasia amigos e situações e “vive” nesse mundo imaginário. “É essa necessidade que a criança tem, vez por outra, de escapar de si mesmo pela ficção, de se colocar na pele de outra

pessoa, um animal... e mesmo, se podemos dizer de um objeto [...]” (HELD, 1980, p. 43)⁹. Todavia, Raquel não fazia uso desse expediente, *vez por outra*; esse comportamento era rotineiro, como forma de libertação e de busca de liberdade de expressão. Naquele mundo fantasioso, escrevendo para amigos inventados e criando histórias de faz-de-conta, Raquel personificou nos amigos imaginários a companhia que ela precisava no ambiente familiar. Essa atitude da narradora nos lembra que

a criança joga sem pensar porque joga, mas jogando ela atinge uma generalização do afeto. Objetos e situações do mundo real são tomados em uma representação que permite tanto a repetição de experiências agradáveis, quanto à alteração ou reorganização de fatos não aprazíveis, numa tentativa de adaptação a eles (MAGALHÃES, 1987, p. 26 - 27).

Concordamos com o pensamento de Magalhães, quando ela faz considerações acerca da necessidade que a criança tem de adentrar no mundo do jogo, na acepção de um modo de realizar atos diferentemente do esperado pelo adulto, para poder, então, se adaptar ao mundo real, tendo a literatura infantil como uma das peças do jogo. Em *A Bolsa Amarela*, Bojunga mescla o real com a fantasia. O mundo de faz-de-conta surge para Raquel como a possibilidade e o caminho para o seu desenvolvimento, viver o jogo da imaginação e da fantasia representou para a menina a mediação entre ela e o contexto real.

Semelhante à ficção, na vida real, geralmente, o adulto não consegue adentrar no mundo imaginário desenvolvido pela criança, no mundo que ela construiu. Por vezes, o adulto age de forma castradora da capacidade imaginativa do infante, conforme a família de Raquel agiu ao proibi-la de escrever para os amigos imaginários. A família não buscou, dessa forma, seguindo o pensamento de Held (1980), ajudar no desenvolvimento de Raquel, ao contrário, estava extirpando da cabeça de Raquel as raízes da imaginação criadora da menina. : “Eu estava tão ligada na carta do André que nem tinha visto o meu irmão atrás de mim lendo também. Ele me arrancou a carta” (p. 16). Quando o irmão não compartilhou com Raquel daquele momento imaginário, fantasioso, ele estava tolhendo uma habilidade criadora da criança. Ele estava “arrancando” a inventividade de Raquel.

Raquel se sentia subjugada e buscava, na fantasia, amigos com quem pudesse se

⁹. Na obra *O imaginário no poder – as crianças e a literatura fantástica* (1980), Jacqueline Held tece considerações a respeito da importância da fantasia e do imaginário no processo de desenvolvimento da criança, a exemplo dos contos fantásticos.

relacionar. Na bolsa e com o pessoal de lá, a personagem-narradora vivia de forma lúdica, tinha liberdade de imaginação e não havia restrição entre o irreal e o real, esses dois mundos conviviam harmoniosamente. A bolsa amarela se apresentou para ela com toda uma carga de significação, diferente do conceito usual dado ao objeto pela tia Brunilda. Esse objeto simbolizou para Raquel um espaço físico onde ela guardava a si própria. Por isso que era, em alguns momentos, tão pesada. Ela carregava na bolsa o peso da sua existência no contexto familiar.

Amor, carinho, respeito e atenção foram necessidades procuradas por Raquel especificamente na família, entretanto, esses sentimentos lhe chegaram primeiro através da amizade com amigos imaginários. André aparece no início das narrações de Raquel, a instigá-la a adentrar o mundo imaginário, fantástico, o sonho, o mundo do faz-de-conta. Por sua vez, o contato com Lorelai a leva a se inserir no mundo real do contexto familiar e a rever sua relação com os demais membros familiar. Assim, acreditamos que Lorelai simbolizou para Raquel uma leitura da sua família, ao tempo em que a levou a optar por ficar naquele núcleo real.

2.1.3 As relações da heroína com os membros familiares

Remetendo-nos ao contexto em que *A Bolsa Amarela* foi publicada pela primeira vez, 1976, época em que os brasileiros se encontravam sob o regime da Ditadura Militar, nos atrevemos a fazer uma comparação do contexto político e social dos brasileiros com o contexto ficcionalmente construído por Bojunga - a casa de Raquel, um local onde um grupo prescindia da vontade do governado. Esses contextos opressores se assemelham com alguns ambientes familiares de antes e de hoje, em que a criança se vê cerceada de sua liberdade e da atenção dos adultos. Os brasileiros buscaram se libertar daquele ambiente opressor, fato que só aconteceu de forma lenta e gradual. Raquel também buscou, com o auxílio da fantasia, libertar-se, e foi um processo lento e gradual.

Através da *A Bolsa Amarela*, como também em outras narrativas, Bojunga expõe a relação familiar em que o adulto detém o poder de voz e a criança, sentindo-se incomodada com a situação, busca sua emancipação.

Na bolsa amarela que ganhou, Raquel guardou suas vontades e outros objetos, além dos nomes que ela usava, pois do nome de batismo ela não gostava. Em relação aos nomes das

personagens, Bojunga nomeou Raquel, o tio Júlio, a tia Brunilda, o primo Alberto, a menina Lorelai. Ela deu às personagens uma identidade social, uma individualidade, porém aos outros membros da casa de Raquel, isso não aconteceu. Lá havia Raquel, o pai, a mãe, o irmão e as irmãs, talvez esse fato seja para enfatizar a distância dos mesmos para a vida da personagem principal. Sem o nome, eles eram meros coadjuvantes (e por que não dizer figurantes?) que estavam representando justamente a ausência na vida da menina. A ausência dos nomes nos remete, também, para o lugar e para o papel que eles representam no contexto familiar para Raquel.

A família de Raquel representa uma relação na qual a criança, embora destrutada pelos adultos, questiona, critica, tenta se impor. Raquel configura a criança diferente da casa. Conforme ela afirma, sua relação com os demais familiares é conflituosa, ela tem outra postura mediante os fatos da vida, ela questiona, busca explicações para as coisas que a cercam. Questiona até o seu nascimento e a sua criação, e a postura dos pais diante da vida:

[...] Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver; agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto pra criança. E o pior é que esse negócio de emburramento em casa me dá uma aflição danada. (p.19)

A atitude crítica e contestadora que Raquel desenvolve, para ter liberdade de ação e pensamento bem como para viver feliz, explicita o seu desejo de viver em um ambiente familiar no qual as relações sejam baseadas na afetividade e respeito mútuos. Entretanto, por não conseguir realizar esse sonho, ela buscou na bolsa amarela, nos amigos imaginários, a solução. Segundo Raquel, seus pais não a levam em consideração, seus irmãos, por serem mais velhos, se acham no direito de castigá-la chegando mesmo a bater nela. Os pais são, de certa forma, ausentes, os irmãos também; Raquel tem consciência de viver sozinha embora tenha uma família, assim, a única forma de driblar a solidão é a companhia dos amigos imaginários.

Não vemos Raquel ser merecedora de atenção especial dos pais e irmãos. Seus irmãos só se aproximam dela para repreendê-la e os pais ratificam essa atitude autoritária. O irmão mais velho aparece conversando com Raquel, entretanto, segundo a personagem ele não leva em consideração o que ela diz: “meu irmão nem ligou. Mas também por que que ele ia ligar? Eu tava

dizendo que ser homem é bom...” (p. 17). Conforme ouvimos na voz da narradora, não havia atitude de respeito às opiniões dela, por parte do irmão. Já a irmã que fica com ela em casa, a destrata. Esse procedimento que faz parte da formação educacional que Raquel recebe em casa, no seu cotidiano, representa o autoritarismo e imposição, situações aceitáveis em tempos anteriores, nas famílias patriarcais e que são hoje recorrentes, embora seja a conversa e o relacionamento amigável que devam guiar educação e a formação pueril. Acima de tudo, é o afeto que deve determinar a educação e relação entre os membros da família contemporânea.

Não podemos esquecer a figura da tia de Raquel, a tia Brunilda, na cena do almoço em família quando trata a sobrinha como uma débil, dirigindo-se à protagonista sempre no diminutivo. Mais uma vez, percebemos a criatividade no uso da linguagem:

Desabei numa poltrona. A tia Brunilda disse logo:

_ Vem cá. Raquelzinha. Senta aqui nessa cadeirinha.

_ Essa poltrona é tão gostosa, tia Brunilda.

_ Aqui você fica muito mais engraçadinha. Vem.

Todo mundo me olhou. Não tive remédio, fui. Botei a bolsa amarela atrás da cadeira pra ver se ninguém prestava atenção nela.

_ Você tá ficando uma mocinha, hem?

_ Quer um amendoinzinho?

_ O que você arrumou aí no narizinho?

Eu ia respondendo e pensando: será que eles acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam *inho* em tudo que falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem? (p. 69- 70)

Seguindo o “pensamento” de Raquel, percebemos que o uso do diminutivo pela tia Brunilda (somente naquela situação, a tia usou o diminutivo seis vezes.) não está significando expressão de afetividade, carinho ou amor. Conforme Raquel se pergunta, a tia não via na sobrinha a capacidade dela entender a linguagem dos adultos. Embora a tia sempre se dirigisse a Raquel no diminutivo, ela estava sempre impondo algo à Raquel, era uma autoridade adocicada, imposta pelo restante da família à criança para que ela executasse ações contrárias ao seu querer, como forma de agradar aos tios ricos.

_ Raquel, canta pro tio Júlio e pra tia Brunilda aquele versinho inglês que você aprendeu na escola. É tão bonitinho...

Eu tava com vontade de tudo, menos de cantar. Fiquei tirando a casca do amendoim pra ver se eles batiam papo e esqueciam de mim. Mas não esqueceram. Então eu cantei. Saiu ruim toda a vida. Mas foi só eu acabar que

eles disseram:

_ Agora dança aquela dancinha que outro dia você dançou lá em casa.
Ficaram todos me olhando. Esperando. Olhei meu pai pra ver se ele me salvava.
Mas ele mandou recado de olho dizendo: “dança logo, menina!” (p. 70-71)

Essa cena nos leva a crer que além de os adultos tratarem a criança como se ela não tivesse vontade própria, ela serviu também como objeto de distração, cena que retrata o comportamento comum dos pais tratarem os filhos no século XVII. O uso que Bojunga faz da linguagem na frase, atribuindo a ação da fala ao olho do pai de Raquel, nos remete a expressões opressoras comuns aos nossos ouvidos, que são utilizadas em situações de intimidação e imposição. O olhar do pai de Raquel foi suficiente para que ela agisse conforme queriam.

Não bastasse as imposições dos pais, irmãos e tios, ainda há o primo Alberto para subjugar Raquel. Alberto é aquele menino que nasceu em ambiente estável, de posição social financeira elevada. Ele personifica o filho que nasceu em um lar padronizado de acordo com o que a sociedade conceitua de família tradicional. Segundo Raquel, Alberto tem quatorze anos *mas já resolveu a muito tempo que não é mais criança e pronto*. É o típico filho mimado que os pais fazem todas as suas vontades e compactuam com seus caprichos. Um desses caprichos é implicar e destratar Raquel. Uma das atitudes autoritárias de Alberto em que Raquel se viu totalmente insultada na sua dignidade foi o fato do primo violentá-la psicologicamente ao tentar abrir a bolsa dela sem o seu consentimento e com a conivência dos demais que estavam presentes. Os adultos a ridicularizaram a ponto de ela enfrentá-los.

Foi aí que o Alberto se abaixou pra apanhar o guardanapo e gritou:

_ Ih pessoal, vocês já viram o tamanho da bolsa da Raquel?

_ O que é que você carrega aí dentro, hem, Raquel?

Todo mundo resolveu olhar a bolsa amarela. Respondi já meio afobada:

_ Nada. Não carrego nada, viu?

E aí o Alberto falou:

_ Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem. _ Mas disse aquilo cantando. Com a música de “Vou passear na floresta, enquanto seu lobo não vem”.

Meu coração disparou. Tudo o que o Alberto dizia que ia fazer, fazia mesmo; ...

—Estendia as mãos assim que nem garra de monstinho, e fazia cada careta horrível.

O pessoal desatou a rir. Principalmente a tia Brunilda. Ria de chorar. Parei de contar, me levantei, e botei a bolsa atrás de mim. Aí o Alberto começou a me fazer cócega pra ver se eu saía da frente da bolsa. Pra quê! Fiquei na maior chateação:

_ Tia Brunilda, diz pro Alberto parar com isso, sim?

Ela ria.

_ Por favor , tia Brunilda!

_ A senhora acha engraçado tudo que o Alberto faz, não é? Ele pode fazer a maior besteira do mundo que a senhora acha graça. (p. 74-75).

O Alberto gritou. Ele não pediu para ver o que havia na bolsa, mas disse que ia expiar a bolsa. *Ele estendia as mãos* como se elas fossem garras e sua expressão facial transmitia medo em Raquel, como se ele fosse monstro. Os gestos monstruosos e a aparência tenebrosa intimidavam a menina. Raquel estava se sentindo preste a ser “devorada” em sua dignidade pela atitude e gestos do Alberto.

A menina se viu tão amedrontada e insultada que não mediu palavras para demonstrar sua indignação. Mas mesmo assim, o primo continuou a impor a vontade dele por meio também da força física. Assim, além de chateada com a situação, ela se viu impotente diante da atitude do primo e da cumplicidade do restante da família. Em meio àquela situação, as vontades de ser garoto e de ser grande que Raquel havia escondido na bolsa começaram a engordar muito e a bolsa também. “A bolsa desatou a dar pinote no chão” (p.68). Diante dessa personificação, o pessoal se assustou. Raquel foi salva da situação embaraçosa que lhe causaram por meio da ação do galo Afonso. O almoço que Raquel não desejava participar se transformou num pesadelo.

Pensando sobre o comportamento de Alberto, talvez seja o reflexo da permissividade com que os pais dele o educam. Raquel se refere a esse fato na hora da sua indignação tanto pela atitude do primo como pela convivência dos presentes principalmente da mãe de Alberto. Quanto ao senhor Júlio, ele se mostra omissivo diante da atitude prepotente do filho. Embora, segundo Raquel, ele seja autoritário com Brunilda, tratando-a conforme era normal o tratamento do marido para com a esposa na família patriarcal, em que o homem era o chefe, o Senhor Júlio não teve uma atitude de reprovação em relação ao comportamento inadequado do filho. Ele se mostra permissivo, o que nos leva a acreditar que ele herdou e ainda acredita no discurso anterior de que as mulheres não deveriam trabalhar fora, contribuindo para a manutenção do lar, mas terem a responsabilidade pelos afazeres domésticos e pela educação do filho.

Eu fico boba de ver a tia Brunilda comprar roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:

_ Se ela enjoa tão depressa, pra que que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais? (p.25)

Talvez por não poder trabalhar e só ficar em casa, subjugada à atitude autoritária do marido, a Brunilda tenha desenvolvido a mania de comprar. Talvez na busca de algo que, no contexto familiar ela não tivesse, a exemplo da liberdade individual, como valor essencial na vida do ser humano, ela tenha encontrado no hábito de comprar, um escape.

Quanto à mãe de Raquel, por meio da personagem-narradora, vemos que se trata de uma mãe que precisa trabalhar fora para ajudar no sustento da casa. Diferentemente do papel desempenhado pela mulher da família tradicional de outrora, a mãe de Raquel é a mulher que, mediante as circunstâncias, assumiu, junto com o marido, o sustento da casa. Entretanto, embora ela trabalhe fora e contribua financeiramente, ela não conseguiu sua autonomia. É uma mãe, segundo Raquel, ausente no relacionamento com a filha e submissa ao marido que é o chefe.

Contrariamente a Alberto e ao ambiente em que ele vive, é o que vivencia Raquel, uma menina de dez anos, num contexto, segundo ela, opressor e autoritário. Ela se sente rejeitada no lar. Porém, conforme sua criadora, Raquel é uma menina *exigente, obstinada e centralizadora* (BOJUNGA, 2004, p.12), características que serviram para ela buscar sua auto-afirmação, liberdade e a aceitação da família, i.e., sua emancipação, embora essa família não fosse para Raquel um elemento acolhedor, oferecendo-lhe os cuidados e a atenção necessários para o seu crescimento e desenvolvimento. Essa família falhou no papel de dar o amor e os cuidados que certamente fariam Raquel se sentir querida e segura para enfrentar a vida. A família ideal para Raquel, aquela família que a amasse e a aceitasse, servindo de base e confiança para que ela pudesse se desenvolver, existia na Casa dos Consertos, onde cada membro respeitava a individualidade e autonomia do outro.

Na família de Raquel, segundo ela, não vemos o relacionamento baseado na afetividade e liberdade nem no respeito à criança. Ficcionaliza a diferença do modelo de relações familiares que Rousseau imaginava ideal, o modelo em que “cada família se tornaria mais unida na medida em que o apego recíproco e a liberdade constituíssem seus únicos laços” (ROUSSEAU, apud BADINTER, 1980).

2.1.4 As formas de simbolização das relações familiares em *A Bolsa Amarela*

Acerca do processo de simbolização, Alfredo Bosi (2000) afirma que os símbolos, inclusive os visuais podem ser interpretados conforme o contexto. Podemos tomar como exemplo dessa afirmativa a presença das duas pipas que Raquel solta no ar. Uma com o rabo vermelho e outra com o rabo amarelo, ambas segundo a protagonista, representavam as duas vontades que ela fez desaparecer, a vontade de ser menino e a vontade de ser grande. Duas vontades que para Raquel não tinham mais razão de existir, pois a partir do instante em que ela conheceu a realidade da Casa dos Consertos, ela começou a pensar não só sobre a atitude da sua família, como também sobre a atitude própria. Dessa forma, enquanto as duas pipas ao desaparecerem no espaço simbolizaram para Raquel aceitação de sua condição de criança e de menina no contexto familiar, a Casa dos Consertos simbolizou a aceitação de Raquel da sua família, conforme ela era.

Naquela noite fiquei pensando na Casa dos Consertos e não liguei a mínima de perder o sono. Pra ser franca, até que curti. E por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai? (p. 118)

A Casa dos Consertos simbolizou a família que a menina idealizava e “consertou” o relacionamento desmantelado da casa de Raquel. Na realidade, o comportamento da família dela não mudou, mas, sim, a forma como a personagem-narradora o via. Acreditamos, então, que a partir da visita à Casa dos Consertos Raquel sofreu uma catarse. Ela passou a conversar consigo mesma, passou por um processo de assunção, de libertação das coisas que lhe oprimiam, conseqüentemente passou para o processo de aceitação dos outros. Assim, as mudanças começaram a ocorrer:

Os rabos ficaram um barato. Vermelho e amarelo. Peguei a vontade de ser garoto; o Afonso pegou a vontade de ser grande, e a gente ficou vendo de onde é que vinha o vento. Quando eu berrei “já!” nós dois saímos correndo pras pipas pegarem o vento. Lá se foram as duas com o rabo sacudindo. (p.132)

Essa descoberta nos é exposta por Raquel num momento considerado de certa forma poético. A menina consegue superar a crise no relacionamento familiar e ver o mundo de outra forma. Esse aspecto de mudança de atitude da narradora nos remete à característica de personagem do tipo redondo, pois não só a personagem principal como também seus amigos imaginários vão se transformando ao longo da história, principalmente no aspecto psicológico.

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram. (p. 125)

Na Casa dos Consertos, Raquel viu a desconstrução da figura do pai autoritário e detentor do poder, o pai agia de igual para igual com os outros membros. Ela viu também a harmonia que na sua casa não existia, refletida na cara de felicidade de cada membro. Porém, após aquele momento, somente quando a criança se voltou para dentro de si, ela começou a compreender a atitude dos seus familiares. A integração no contexto familiar e social estava, portanto, na dependência da assunção da personagem-narradora consigo mesma.

Mas eu fiquei parada, querendo entender melhor a gente daquela casa. aponte o homem:

_ Ele é teu pai?

_ É. _ E aí ela apresentou os três: - Meu pai, minha mãe e meu avô.

_ Por que é que ele tá cozinhando e tua mãe tá soldando panela?

_ Porque ela hoje já cozinhou bastante e ele já conserto uma porção de coisas; e eu também já estudei um bocado e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo.

_ Por quê?

_ Pra ninguém achar que tá fazendo uma coisa demais. E pra ninguém achar também que está fazendo uma coisa menos legal do que o outro.

...

_ Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe?

_ Chefe?

_ É, o chefe da casa. quem é? Teu pai ou teu avô?

_ Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor.

_ Você também pode achar?

_ Claro! Eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo mundo acha igual.

_ Mas pode?

_ Por que é que não pode?

(p. 112-115)

Na Casa dos Consertos, Raquel se deparou com o modelo de relação familiar que ela buscava, ela se deparou com “a família ideal, aquela em que os laços de parentesco são valorizados, em que cada membro desempenhe o seu papel” (PRADO, 1981). A partir daquele momento, Raquel começou a pensar diferente, buscando aceitar o papel desempenhado em seu contexto familiar, como também a aceitação e o respeito de que ela precisava, ingredientes indispensáveis para o seu desenvolvimento físico e psicológico. Raquel começou a entender o modo como a família dela a tratava e fez uma nova leitura da sua realidade familiar, embora não conseguisse resolver a situação conflituosa, ela procurou conviver da melhor forma possível com sua família.

Raquel nos remete à criança inserida no modelo emancipatório estudado por Zilberman (2003). Ela é aquela criança que busca fugir dos relacionamentos pautados no modelo crítico. Aliás, as personagens de Bojunga sempre estão em fase de crescimento e descobertas, conforme vemos em outras narrativas. Dessa forma, por que Raquel ia querer ser grande? Por que ela ia querer ser garoto? Se ela já havia conseguido sua assunção e assim se integrar ao contexto familiar? “Tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei. A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve.” (p. 135).

Observamos, na narrativa que ora analisamos, o posicionamento contestador da autora acerca da atitude autoritária do adulto em relação à criança, no contexto do lar, o que

ratifica uma das características da escrita de Nunes que é o questionamento e um posicionamento crítico que a criança e o jovem devem ter para poderem construir sua identidade num determinado contexto social (MACIEL, 2004, p. 51).

Assim, em *A Bolsa Amarela*, podemos entrever que Bojunga conduziu sua escrita para trazer voz para a criança que se sente marginalizada no contexto familiar. A personagem protagonista conviveu com situações conflituosas com sua família, até o momento que, de certa forma, conseguiu sua emancipação.

Ao narrar sua relação com os outros membros da família. Esse narrador homodiegético nos leva a vivenciar com ele as angústias, as frustrações, as revoltas, os desejos e o seu crescimento. Por meio da voz desse narrador, que “não nos permite saber com certeza aquilo que

se passa (e que se passou)” (REUTER, 2002, p. 82), adentramos em seu íntimo e com ele vivenciamos tanto os conflitos como também, o seu renascer.

A tessitura dessa narrativa corrobora com os pressupostos de Zilberman (2003) sobre o fato de que, no modelo emancipatório, a literatura escrita para a criança coloca seus heróis atuando de forma questionadora e de busca de valorização por parte do adulto. Assim, lendo *A Bolsa Amarela* dentre outras narrativas de Lygia Bojunga, não podemos deixar de assumir, junto com Raquel, uma postura crítica acerca do papel desempenhado pela personagem-narradora no contexto familiar. Esse papel é uma verossimilhança com a posição que muitas crianças assumem em contextos familiares nos quais ainda há resquícios da ideologia da família patriarcal em que a criança era relegada. Assim, *A Bolsa Amarela* pode ser interpretada como uma crítica à relação familiar na qual o adulto detém o poder de jugo sobre a criança.

Quanto à linguagem usada para dar forma à massa verbal desse livro, vemos que *A Bolsa Amarela* está impregnada de fantasias e simbolismos. Embora não possamos precisar ou generalizar, esse livro é dirigido ao público infanto-juvenil, porém não quer dizer que o público adulto não possa se aventurar nas fantasias *de e com* Raquel, no imaginário dessa personagem. No livro, o personagem principal é uma criança que se apresenta inserida num contexto de família emancipatória, porque vemos Raquel lutar pelo poder de voz e refletir sobre o papel que desempenha no âmbito do contexto familiar em que o adulto detém o poder de mando, numa família que tem comportamentos característicos da família patriarcal.

Essa obra foi publicada em 1976 e, no hiato de trinta e um anos, o tema das relações familiares ainda é relevante para Bojunga. Ao escrever de acordo com a perspectiva do modelo emancipatório de família, Bojunga mostra sua preocupação com o papel que a criança desempenha no contexto em que está inserida. Dentre as narrativas que representam essa preocupação vemos *Angélica, A casa a madrinha, Corda bamba, e Seis vezes Lucas*.

PARTE II

CAPÍTULO III

LEITURA- LITERATURA- ENSINO

Se eu pudesse leria todos os textos do mundo nem que fosse para traduzi-lo letra por letra.

(fala de um aluno)

3.1 Contextualizando leitura, literatura e ensino

Quando nascemos e interagimos com nosso meio social, adquirimos conhecimentos que podemos ampliar no decorrer de nossa aprendizagem existencial. Ao longo desse processo, começamos a fazer uma leitura do mundo e de seus valores. Começamos a realizar uma leitura ao nosso redor por meio dos sentidos, até o momento em que nos apropriamos da escrita. Nesse processo, compreendemos e damos significação ao que nos cerca, não só por meio da linguagem dos sentidos, mas também por meio da linguagem escrita. Em face disto, ler “significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 1989, p. 34). Logo, a capacidade de leitura de fatos, objetos, situações, dentre outros, é a mediação necessária entre nós e o mundo, e, “o sentido que se tira da leitura [...] vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde o leitor evolui” (JOUVE, 2002, p. 22). Dessa forma, a leitura é uma experiência concreta cujo sentido é atribuído pelo leitor, num determinado contexto.

Por sua vez, a leitura de textos literários dá espaço para contemplarmos a subjetividade da linguagem em seu contexto social, nos enriquecendo como leitores e como indivíduos. A leitura literária contribui para que possamos expor nossas emoções e sentimentos ao tempo em que representa uma constante descoberta do mundo, “já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual” (ZILBERMAN, 1985, p. 21). Isto é, a leitura é uma significação singular, uma experiência pessoal que se estabelece entre o leitor e a obra.

Sabemos que “o impulso para ‘ler’, para observar e compreender o espaço em que se vive e os seres e coisas com que se convive” (COELHO, 1980, p. 4) é algo inerente ao homem e que a leitura representa um meio de descoberta, mas a importância da leitura e, por extensão, da leitura literária, está diretamente relacionada com as mudanças ocorridas na escola na sociedade européia, a partir do século XVII, e que se refletiram no âmbito econômico, político e social. Assim, inserida no contexto industrial burguês, a escola se apresenta ocupando a função de educar a criança, em auxílio ao núcleo familiar, função anteriormente delegada a terceiros. Deste modo, a leitura surge como uma ponte entre o indivíduo e a aquisição de conhecimentos e de cultura. Democratiza-se o saber e entra em cena uma cultura de massa com a popularização da literatura, com base em interesses mercantilistas.

O sistema educacional burguês reorganiza o ensino. Todavia, a literatura usada na escola geralmente se apresentava para fins didáticos. O livro de ficção não era usado para representar simbolicamente o real, levando o indivíduo a adentrar em seu universo, enriquecendo-se, mas servia para ensinar normas comportamentais. Desse modo, o desenvolvimento intelectual e emocional da criança era manipulado e controlado a partir de um novo olhar do adulto sobre a infância. A arte literária não era usada como função formadora, no sentido de proporcionar ao indivíduo o conhecimento do mundo que o cercava, tampouco era usada para levá-lo a agir criticamente sobre o mundo. Ela era lida atrelada a ensinamentos de conceitos e regras, perdendo-se, assim, a essência da literatura na acepção de que

O texto literário detona a condição de criador no leitor, já que ele, recebendo a palavra do outro, é convidado a expressar seu sentimento, sua razão, e nisso afirma sua originalidade. Mais ainda, no diálogo da leitura lúdica e polêmica que a literatura pode oferecer, está a semente de sua condição de sujeito histórico, a insubmissão à manipulação que dilui o gosto, a escolha e o prazer nas receitas e respostas prontas (YUNES, 1988, p. 61-2).

Segundo Yunes (1988), os textos literários proporcionam ao leitor uma nova forma de visualizar a leitura através do dinamismo e do lúdico, além de levá-lo a adquirir sua autonomia e seu auto-conhecimento. Infelizmente, a literatura aparecia e ainda aparece no contexto escolar de forma equivocada, ao ser vinculada ao livro didático, servindo, geralmente, de pretexto para ensino de gramática, para ensinamentos moralizantes, numa tentativa de incutir na criança padrões comportamentais ideologicamente construídos pelos adultos, além de ser, muitas vezes por diversas pessoas, estereotipada como literatura menor.

Dessa forma, acreditamos que a escola contraria a relevância da leitura literária, que é levar o leitor a assumir o papel de sujeito, interagindo com o outro no meio em que está inserido. Conseqüentemente, em muitos casos, o aluno não desenvolve o gosto pela leitura literária, por não a vê como um instrumento enriquecedor de conhecimento de si e do mundo. O ensino da literatura deve, portanto, estimular uma vivência efetiva do indivíduo com o texto, proporcionando o crescimento do aluno enquanto leitor, sem cobranças ou finalidades pedagógicas, mas como um instrumento capaz de levá-lo a descobertas através da sua interação com o texto.

No contexto das mudanças surgidas na sociedade moderna, surge a literatura infantil. De acordo com estudos realizados sobre a origem da literatura direcionada à criança, a exemplo do

que teoriza Coelho (1987), Zilberman (1990) e Gotlib (1988), esta criação artística teve início no Classicismo francês do século XVII e início do século XVIII, quando foram publicados *As fábulas* de La Fontaine (1668-1691), *As aventuras de Telêmaco*, de Fenelon (1717) e *Os contos de Mãe Gansa*¹⁰ apresentados por Charles Perrault. Nesses contos, apresenta-se, preferencialmente, a figura de um auxiliar com propriedades extraordinárias para ajudar o herói em situações conflituosas. Assim, uma fada, um duende, um animal encantado, levam o personagem central à resolução do problema. A presença desses seres imaginários, fantásticos, os quais não fazem parte do mundo real, é o que dá a característica às produções literárias dos contistas. Assim,

A literatura infantil tem como parâmetros contos consagrados pelo público mirim de diferentes épocas que, por terem vencidos tantos testes de recepção, fornecem aos pósteros referenciais a respeito da constituição da tônica literária do texto destinado à criança. No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil (CADEMARTORI, 1986, p. 33).

Desse modo, do resultado do recolhimento dos contos que foram adaptados sendo transmitidos aos ouvintes e leitores ao longo dos tempos, demarca-se a origem da literatura infantil. Sobre esse processo de formação, da literatura infantil, defende Zilberman (2003, p. 48), que

a parceria com o fantástico remonta aos começos da produção orientada ao público infantil, quando os primeiros escritores, como Charles Perrault, no século XVII, e os irmãos Grimm, no início do século XIX, adonaram-se dos contos de fadas.

Embora a preocupação inicial de Perrault não tivesse sido com as crianças, com a adaptação de *A pele de asno*, história de uma relação conflituosa entre um pai e uma filha (pelo fato de ela saber ser desejada pelo pai), esse escritor começa a produzir uma literatura voltada

¹⁰ Esses contos foram publicados em 1697 por Charles Perrault com o título de *Histoires ou contes du temps passé* (histórias ou contos do tempo passado) e com o subtítulo *Contes de ma mère Loye* (contos da mãe Gansa). Oito contos, advindos do imaginário popular compunham esta coletânea. São eles: *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borracheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*.

para temas que envolvem a infância. E, com a publicação de *Contos de Mãe Gansa*, ele fez nascer a literatura infantil, com as intenções, dentre outras de divertir a criança, principalmente as meninas, mas também orientar, pois, tendo se originado num contexto em que a sociedade e a escola voltavam-se para a educação da criança, a literatura infantil surgiu inicialmente com a pretensão de educar. Seu caráter era puramente formador, educacional e pedagógico. Dessa forma, “até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos” (ZILBERMAN, 2003, p.16). Assim, nessa arte, em muitas obras, ainda são incutidas ideologias formadoras e moralizantes com finalidades pragmáticas e objetivos didáticos.

Se na Idade Média, a criança era vista como um “adulto em miniatura” (COELHO, 1980, p. 8) e era educada através da interação com os adultos, imitando-os, sobretudo porque não havia livros, nem histórias dirigidas especificamente para os infantes, com a organização familiar moderna, há uma mudança na educação pueril¹¹ e a leitura, através da escola, passa a ser um instrumento de formação para as crianças. Na sociedade do século XVIII, cujas idéias iluministas predominavam, a escola e a leitura foram promovidas, mas, na verdade, representavam instrumentos de manipulação da criança pelo adulto, que fazia propagar seus interesses ideológicos de formação pedagógica.

Dois séculos após as primeiras publicações de Perrault, ressurgiu o interesse dos adultos pelas narrativas maravilhosas. Outra coleta de contos populares é realizada na Alemanha, pelos irmãos Grimm, alargando a antologia dos contos de fadas. Jacob e Wilhelm Grimm, filólogos e estudiosos da mitologia germânica, com o interesse de analisarem a evolução da língua, recolheram da memória popular as lendas, dentre as quais, algumas foram publicadas como literatura infantil. Entre os contos publicados pelos irmãos Grimm estão: *João e Maria*, *Os músicos de Bremen*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho vermelho*, *A Gata Borralheira*. Ainda no século XIX, Hans Christian Andersen recolhe da literatura popular nórdica vários contos e cria outros, a exemplo de: *A pequena vendedora de fósforos*, *A princesa e a ervilha*, *As roupas novas do imperador*. As narrativas foram reescritas ao longo dos tempos e perduram até hoje como contos de fadas. “Tanto em Grimm como em Perrault predomina uma atmosfera de leveza, bom humor ou alegria” (COELHO, 1987, p. 75) e, essa característica faz os

¹¹ Ariès, Philippe., em *História social da criança e da família* (1978), discute a função da escola no processo de formação da criança.

textos serem bem aceitos pelas crianças ao longo da história da literatura infantil.

Segundo Zilberman (2003), a literatura não era vista sob a perspectiva artística e lúdica, mas meramente pedagógica, seu estatuto artístico não era reconhecido. Em decorrência da Revolução Industrial, da expansão da vida urbana, entre outros fatores, e, principalmente, em decorrência do papel que a escola assumiu de intermediária entre o indivíduo e a leitura, convertendo-se na condição de ingresso ao universo literário, é que o livro para criança assumiu, uma finalidade educativa.

Conforme Zilberman (2003) nos explicita, a emergência da literatura infantil explica-se historicamente, na medida em que surgiu estreitamente ligada a um contexto social, delimitado pela presença da família nuclear doméstica e particularizada condição pueril, enquanto faixa etária e estado existencial. A solidificação da família burguesa composta por um novo conceito de infância, modificou o *status* da criança na sociedade e no âmbito doméstico. No contexto da sociedade burguesa a família e a escola juntam-se com o objetivo de formarem a criança e determinarem seu lugar na sociedade. A literatura, portanto, tornou-se um instrumento por meio do qual a pedagogia almejou atingir seus objetivos - educar e formar as crianças conforme a ideologia da sociedade européia.

3.2 A *Bolsa Amarela* na sala de aula: um momento de interação e diálogo

Durante muito tempo, a análise da arte literária considerava ora apenas o lado produtivo, ora apenas a obra, relegando o aspecto receptivo e comunicativo. Dessa forma, desconsiderava-se a importância do efeito estético e se esquecia de que “a experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (JAUSS, 1979, p. 46). Assim, relegava-se o fato de que a literatura, enquanto agente de mudança e de formação do homem, tem sua relevância na medida em que texto e leitor interagem e produzem sentido. A partir dos anos 60, do século XX, os teóricos da Escola de Constança apresentaram uma nova forma de realização de leitura literária quando direcionaram as análises para a relação texto-leitor. Neste contexto, Hans Robert Jauss apresenta a Estética da Recepção que, dentre outros pressupostos, vê a relevância do leitor no processo de análise da obra como também a influência da obra na visão de mundo do leitor. Desta forma, a estética da

recepção procura estudar a leitura concreta pois, para ela, o texto apenas se materializa através da atuação do leitor. Segundo Zilberman (1989, p. 33), sete teses embasam esta teoria, dentre elas destacam-se a tese de que a natureza eminentemente histórica da literatura se manifesta durante o processo de recepção e efeito de uma obra, e a tese de que a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo, então, em seu comportamento social. De acordo com os princípios desta nova forma de leitura literária, a leitura concreta de uma obra se dá através do processo no qual o leitor realiza e significa o texto e este, por sua vez, age sobre aquele, modificando-o. A atitude receptiva é iniciada a partir da aproximação entre texto e leitor e a relação dialógica entre eles está na dependência do grau de identificação ou de afastamento do leitor com a obra.

Em 1976, Wolfgang Iser apresenta a teoria do leitor implícito, cujo foco é o efeito do texto sobre o leitor.(JOUVE, 2002, p. 14). O conceito de leitor implícito desenvolvido por W. Iser foi operado por Jauss e representa um pressuposto importante para a estética da recepção. Este conceito parte do conhecimento de que o texto se concretiza mediante o intercruzamento de duas vertentes ou horizontes de expectativas: o horizonte implícito de expectativas, com caráter intraliterário lançado pela obra, relacionado com o efeito (*wirkung*) e a recepção (*Rezeption*), de caráter extraliterário, condicionada pelo leitor. Na primeira vertente há a configuração de que o efeito da obra sobre o leitor é predeterminado pelo texto. A obra direciona a leitura enquanto que o sujeito leitor reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto. Dessa forma, o leitor reúne o conjunto das orientações internas do texto de ficção para que esse último seja recepcionado. A recepção, por sua vez, é condicionada pela ação do leitor ao complementar de forma ativa as lacunas dos elementos constitutivos do texto que o induzem e o guiam para a atividade de leitura. “Assim, o vazio possibilita a participação do leitor na realização do texto” (ISER, 1979, p. 131) e, diante dessa interação, o leitor significa o texto.

Segundo Zilberman (1989, p. 64), para Iser, o leitor é o sujeito responsável pela concretização da obra literária quando, mediante o ato da leitura, transforma o objeto considerado artefato artístico à condição de obra de arte. Em outras palavras, o texto é considerado incompleto até o momento em que o leitor, um ser virtual e imprescindível, debruça-se sobre ele, preenchendo-lhe as lacunas e, concedendo-lhe o estatuto de obra de arte pois “a obra literária é comunicativa desde sua estrutura; logo depende do leitor para a constituição do seu sentido.”(ISER, 1976 apud ZILBERMAN, 1989, p. 64). Assim, a atividade do leitor em preencher os

espaços de indeterminação contidos no texto representa, portanto, a noção de concretização da obra.

A relação de leitura e efeito na qual leitor colabora com suas experiências pessoais para fornecer vitalidade à obra e manter com ela uma relação dialógica propicia a dimensão da Estética da recepção, pois na experiência estética, o efeito

visa à função, que os textos desempenham em contextos, à comunicação, por meio da qual os textos transmitem experiências que, apesar de não-familiares, são contudo compreensíveis, e à assimilação do texto, através da qual se evidenciam a ‘prefiguração da recepção’ do texto, bem como as faculdades e competências do leitor por ela estimuladas (ISER, 1996, p.13 – 14).

Assim, a comunicação entre texto e leitor se dá nesse processo de interação, em que o leitor projeta-se sobre o texto, preenchendo os vazios constitutivos e dando-lhe um significado, e o texto, por sua vez, age sobre o leitor, provocando reações motivadas pela leitura.

Todavia, esse diálogo entre literatura e leitor não ocorre com freqüência na sala de aula, pois, a escola e a prática cotidiana de alguns professores privam os alunos dessa experiência salutar, quando desconsideram o uso do texto literário ou quando fazem uso dessa arte de forma equivocada, não levando o aluno a um maior envolvimento com o livro. Dessa forma, a não-consideração ou o uso indevido da literatura estará “negando a riqueza interior que a leitura pode nos proporcionar” (PINHEIRO, 2002, p. 29) e provocará uma ruptura grave na relação leitor e texto. Este afastamento estará suprimindo no leitor novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e formadoras, estará negando-lhe o acesso a um meio para a ampliação de seus horizontes, de sua emancipação.

Foi acreditando nesses pressupostos, que realizamos a presente pesquisa numa sala de aula de 8ª série do ensino fundamental, a fim de proporcionar o encontro entre os alunos e a obra de Lygia Bojunga Nunes e analisar a recepção da novela *A Bolsa Amarela*, por parte desses alunos. entre os alunos.

De acordo com os procedimentos adotados para a realização desse estudo, a nossa investigação se tratou de uma pesquisa circunscrita no paradigma de pesquisa temática e de pesquisa de campo, porque realizamos a análise do tema das relações familiares na obra *A Bolsa Amarela* e, posteriormente, realizamos a experiência estética em sala de aula, quando tivemos um contato direto com a situação pesquisada assumindo papel de observador e explorador,

coletando diretamente os dados. E a abordagem dos dados se deu de acordo com a análise qualitativa (BARROS; LEHFELD, 1990).

Trabalhamos com uma turma da 8ª série da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego, instituição composta por 950 alunos, distribuídos nos três turnos, nos segmentos de Ensino Fundamental da segunda fase e Ensino Médio. O prédio escolar é composto de 08 salas de aula, funcionando nos três turnos. Além das salas de aula, a escola possui uma dependência destinada à secretaria e à diretoria, uma biblioteca, três banheiros, uma sala de informática, um refeitório, e duas salas destinadas ao arquivo e ao depósito, respectivamente. Esse ambiente representa um espaço destinado a uma clientela de alunos pertencentes às diversas classes sociais do município. A escola está localizada na avenida Nossa Senhora do Desterro no município de Boqueirão, cariri paraibano, município composto por pouco mais de 15.000 habitantes, que foi emancipado politicamente em 1959, tendo, desde então, como fonte econômica, a pesca, o plantio às margens do seu açude Epitácio Pessoa, assim como a confecção de redes em teares artesanais. Foi nesse ambiente que, no período de 01 de agosto a 22 de outubro de 2006, nos horários de 19:00 às 20:15h. e de 20:15 às 21:30h., realizamos a experiência de leitura, em que a figura do leitor estivesse em primeiro plano e que ele pudesse relacionar a obra lida à sua vida, sem entretanto, desconsiderarmos a elaboração estética do texto e o estudo do tema predominante nele contido.

Tivemos como colaboradores da experiência 34 alunos que pertencem à classe social média-baixa e que estudam à noite, porque têm outros afazeres durante o dia. A maioria reside na zona rural do município e usa o transporte estudantil público para frequentar a escolar. A turma era composta por 17 alunos do sexo masculino e 17 do sexo feminino, dos quais, 15 alunos tinham entre 14 e 17 anos; 06 tinham entre 17 e 19 anos e 13 tinham mais de 19 anos.

A professora titular da turma, que muito contribuiu para a realização da pesquisa, tem formação superior em língua e literatura e atua no magistério há cinco anos.

Para a coleta de informações, utilizamos a observação da prática de leitura, realizada com regularidade pela professora titular da turma, denominada “aula de leitura”, anotando, em diário de campo os atos relevantes da professora e dos alunos, no decorrer da experiência estética; realizamos, também, uma sondagem do conhecimento que os alunos tinham da obra da autora, através da leitura coletiva do conto “O bife e a pipoca” da obra *Tchau* (ver anexo A) e do

conto que intitula a obra (ver anexo B); aplicamos, ainda, um questionário (ver apêndice A), cujo objetivo era traçar o perfil dos alunos enquanto leitores literários.

No decorrer da leitura da narrativa *A Bolsa Amarela*, foi solicitada aos alunos, a produção de um texto interpretativo sobre o capítulo “o galo” (ver exemplos em anexo E), e, posteriormente, foi entregue uma atividade com perguntas de interpretação e compreensão textual (ver exemplos em anexo F). Por fim, foi solicitado aos alunos e à professora que produzissem um texto, se posicionando criticamente em relação à experiência e ao texto (ver anexos G e H respectivamente). Houve também relatos orais dos alunos que quiseram se pronunciar, gravados em fita de áudio (ver fotos em anexo I) os quais foram transcritos e analisados.

Os vários procedimentos didáticos dos quais fizemos uso durante esse período da experiência estética estavam vinculados ao paradigma da Estética de Recepção, modelo de teoria de leitura literária que teve como precursor Hans Robert Jauss, como também pelos pressupostos de Wolfgang Iser, sobre a interação do texto com o leitor. Estes membros da Escola de Constança, na Alemanha, teorizam sobre a leitura literária como eixo na figura do leitor, tanto no que se refere à repercussão de uma obra diante do leitor, como também à ação deste indivíduo para validar a obra. Zilberman (1989, p. 10 -11) afirma que

a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o ‘Terceiro Estado’, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social.

Como teoriza Jauss (apud ZILBERMAN, 1989), o leitor é imprescindível para dar constituição e significação à obra literária. Sozinha, a obra não tem sentido. Assim é o leitor ativo que produz e compartilha do sentido proposto de uma obra. Mediante a participação ativa do leitor, preenchendo os espaços vazios da obra, dá-se a concretização da mesma. Assim, buscamos, na experiência de leitura de *A Bolsa Amarela* desenvolvida com os alunos, analisar a relação entre o texto e o leitor, atentando nosso olhar para as três atividades simultâneas que compõem a experiência estética, a *poiesis*, que corresponde ao prazer de leitor em “se sentir o co-autor da obra”, a *aisthesis*, relacionado ao efeito da obra sobre o leitor, e a *katharsis*, entendida como a nova postura assumida pelo leitor após a realização da leitura (JAUSS, 1979).

Em outras palavras, atentamos nosso olhar para os efeitos que o texto produziu no leitor, o posicionamento deste diante do lido e a contribuição que o texto lhe trouxe.

Iniciamos a experiência no primeiro dia, apresentando a proposta de leitura para a turma que a acolheu de forma calorosa. Argumentamos que a experiência ajudaria a turma a conhecer a obra de Lygia Bojunga (apenas um aluno afirmou conhecer a autora), como também ajudaria na ampliação das habilidades de leitura e análises literárias. Antes, porém, por dois encontros, equivalentes a quatro aulas, observamos a prática de leitura, estabelecida com regularidade pela professora titular, realizada da seguinte forma: a professora selecionava na biblioteca uma variedade de livros da *Coleção literatura em minha casa*. Mediante escolha aleatória, ela levava à sala uma mescla de autores, histórias e gêneros literários, predominando o conto. Na sala, ela expunha os livros na mesa e chamava os alunos para escolher o que gostariam de ler. Depois da escolha, os alunos liam silenciosamente até o fim da aula, quando então os livros eram recolhidos. Observamos que aquela era uma prática de leitura, solitária, em que os alunos não socializavam o que haviam lido, não comentavam entre si ou com a professora. Apenas liam. Reconhecemos que era positiva a atitude da professora em se dirigir à biblioteca, que estava fechada, abri-la e recolher do acervo os livros que ela acreditava que os alunos iriam gostar, pois somente através desse gesto os alunos tinham contato com os livros literários, visto que, na ausência dessa atitude, a escola não oferecia outras oportunidades para os alunos terem contato com a literatura.

Embora saibamos que em muitos contextos familiares a prática de leitura literária precede à escola, é a escola a primeira responsável pela mediação entre o aluno e a leitura de livros literários. Enquanto ambiente institucionalizado responsável pela formação do indivíduo e do leitor, cabe à escola entender, conforme Filipouski (1985), que a leitura de uma obra amplia os horizontes do leitor porque a literatura representa, de forma criativa e ampla, o mundo inteiro. Dessa forma, a escola que proporcionar meios para desenvolver o hábito da leitura no estudante, estará propiciando a formação de um leitor com rica imaginação, e ampla visão de si e de mundo.

Esta condição de mediadora entre o aluno e a literatura, que se espera da escola, não corresponde ao que presenciamos na instituição onde realizamos a pesquisa. Vimos que o processo de leitura sobrevivia devido ao compromisso da educadora, responsável pela turma, que valorizava o trabalho de leitura como fonte de prazer e de conhecimento. Dentro das suas possibilidades, a professora tentava cumprir a função de privilegiar o aprendizado do aluno e

prepará-lo para interagir criticamente na sociedade, tendo como suporte a leitura literária. Ela entendia o quanto “é importante que o trabalho com texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2002, p, 36). Assim, esta profissional assumiu uma postura pedagógica, em relação ao ensino da literatura, de respeito ao texto, não o usando como pretexto, e vendo a relevância da literatura como uma arte que engrandece o ser humano.

Após o tempo de observação, começamos a leitura da obra de Lygia Bojunga. Em acordo com a professora, decidimos ler os contos “O bife e a pipoca” e “Tchau”, ambos do livro *Tchau*. Esses contos foram escolhidos por serem narrativas compactas, o que favorecia para o início da nossa experiência, e por abordarem o tema das relações familiares, o que possibilitaria a familiarização dos alunos com o tema que seria trabalhado, quanto com a obra de Bojunga. A leitura desses contos representaria um instrumento de iniciação e sondagem antes de realizarmos a leitura da novela *A Bolsa Amarela*, já que supúnhamos que aquela experiência era nova para os alunos.

O conto “O bife e a pipoca” foi xerografado e distribuído para todos os alunos presentes. Perguntamos se eles já o conheciam e, mediante a resposta negativa, que foi unânime, começamos a leitura. Inicialmente, solicitamos que fosse realizada uma leitura silenciosa e em seguida, realizamos uma leitura oral. Logo após, seguiu-se uma discussão acerca das impressões que os alunos tiveram do texto. Comentários vários surgiram, a exemplo da amizade entre pessoas de classe social diferente, crise financeira na família, pobreza, dentre outros. Passado o momento da discussão, começamos a falar sobre o livro e os outros contos que o compunham. O término daquele encontro se deu com a leitura do conto “Tchau”, o comentário a respeito das impressões que os alunos tiveram e o comentário, também, sobre a questão temática representada no conto. Em seguida, solicitamos que os alunos respondessem ao questionário a ser devolvido na aula seguinte.¹²

Após a leitura dos questionários, levamos os livros da autora para circularem na sala (ver foto em anexo C), assim, do conjunto da obra de Bojunga publicada até 2006, apenas *Livro- um encontro* (1988), *Paisagem* (1992), *O Rio e Eu* (1999) e *Retratos de Carolina* (2002) não foram

¹² Essa “aula seguinte” era o quinto horário daquele dia, no qual a professora retornou à sala para ministrar aula para a turma e aproveitou para recolher os questionários. De posse dos questionários, vimos os alunos não conheciam a obra de Lygia Bojunga.

vistos pelos alunos. O nosso objetivo, naquele momento, era levar os alunos a terem um contato efetivo com os livros, para realizarem uma primeira leitura da ficção de Bojunga. Acreditamos que só se desenvolve o gosto pela leitura a partir de uma aproximação afetiva e efetiva do leitor com o livro. Assim, comentamos sobre os títulos dos livros, sobre as temáticas recorrentes, sobre a autora, as ilustrações e, mediante solicitação dos alunos, resumimos e contamos o enredo das obras com as quais eles estabeleceram uma relação dialógica, folheando os livros, lendo alguns trechos e, desta forma, ampliando o conhecimento da literatura de Bojunga. No mesmo encontro, iniciamos a leitura de *A Bolsa Amarela*, foco do nosso estudo. Para tanto, o livro foi xerografado na íntegra para todos os alunos, mas eram entregues, nas aulas, apenas os capítulos que seriam lidos, deixando, assim, uma expectativa para a aula seguinte. De forma geral, cada aula era composta da leitura, oral ou silenciosa, de um ou mais capítulos, seguida de uma discussão (ver foto em anexo D).

Na leitura do primeiro capítulo, “As vontades”, sugerimos que os alunos lessem algumas páginas, silenciosamente, e, após o tempo determinado, abrimos a discussão sobre as expectativas levantadas por eles através dos trechos lidos. Assim, nessa relação dialógica entre o aluno e o texto lido, poderíamos observar como se dava a fusão dos horizontes de expectativa, “uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83).

Após aquele momento, lemos o capítulo oralmente, pois acreditamos que, quando lemos um texto em voz alta para um grupo de pessoas, somos mediadores da interlocução que cada ouvinte está mantendo com o texto. Dessa forma, objetivávamos que os alunos se envolvessem nas emoções e sentimentos que a leitura proporciona. Percebíamos que, naquele processo de leitura, os alunos adentravam a história e depois comentavam o que haviam entendido ou não, ao tempo em que se posicionavam criticamente. Alguns comentários surgiram. Os mesmos foram anotados a exemplo de *quem já viu um galo falar? Ou É muita fantasia, isso não existe não. Ou ainda: eu me lembro quando eu era criança e também conversava com amigos imaginários.*¹³

No decorrer dos encontros, os alunos permaneceram empenhados na leitura e discussão do texto. Sugerimos que durante a leitura eles fossem grifando trechos, frases ou palavras que

¹³ Estes comentários são analisados no tópico das análises.

achassem relevantes serem discutidas. Dessa forma, houve encontros que, além de comentarmos a interpretação textual, dialogamos sobre a linguagem empregada por Bojunga, o tema das relações familiares, predominante no texto, a fantasia, a simbologia, dentre outros aspectos. O caráter de texto literário permitiu um trabalho com diversos conceitos, como os de recursos expressivos, níveis de linguagem, imagens, metáforas, símbolos e sugestões, universalidade do texto literário e especificidades da obra.

Após a leitura de *A Bolsa Amarela*, toda a classe estava de posse de um exemplar do livro, como também de um exemplar do conto “O bife e a pipoca”. Familiarizaram-se um pouco com a história e com o estilo de escrita dessa escritora, além de terem produzido textos orais e escritos sobre o que haviam lido. O nosso objetivo com a experiência de leitura representava algo mais que a realização dessas atividades, pois queríamos observar, na experiência estética realizada com a obra *A Bolsa Amarela*, como se davam as três atividades simultâneas que significariam a leitura da obra pelos alunos. Assim, para sabermos com se deram as três atividades: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* (JAUSS, 1979), questionamos oralmente à turma se havia gostado da experiência de leitura da obra, o que achou da obra e o que sentiu ao lê-la

Para servir de registro, solicitamos que os alunos e a professora titular produzissem um texto, escrito, sobre a experiência (ver anexos G e H respectivamente). Num segundo momento, solicitamos que quem quisesse se posicionar oralmente, para ter seu relato registrado em fita de áudio, que o fizesse. Três alunos teceram comentários sobre a experiência (ver foto em anexo I) os quais foram gravados e transcritos porque, corroborando com as premissas da estética de recepção, acreditamos que o livro só se materializa, mediante a leitura. E o leitor por mais passivo que possa ficar diante do texto sempre estará atribuindo-lhe uma significação.

Assim, mediante as respostas dadas pelo público leitor pesquisado, acreditamos que a leitura extrapolou sua finalidade pedagógica e assumiu a função de leitura produtiva, leitura participativa. A obra teve um impacto sobre os leitores, conforme foi explicitado nos textos críticos e nos depoimentos.

Desse modo, nossa experiência de leitura buscou desenvolver, de forma dinâmica e prazerosa, a leitura de uma obra literária, cujo sentido fosse construído mediante a participação do leitor, levando o aluno a perceber que

o texto é, pois o lugar onde o encontro se dá. Tal materialidade se constrói nos encontros concretos de cada leitura e estas, por seu turno, são materialmente

marcadas pela concretude de um produto com ‘espaços em branco’ que se expõe como acabado, produzido, já que resultado do trabalho do autor escolhendo estratégias que se imprimem no dito. O leitor trabalha para reconstruir este dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras (GERALDI, 1991, p. 167).

Desse modo, a leitura realizada pode ser vista como crescimento intelectual de forma real e significativa para a vida dos educandos, como experiência de vida para os alunos. A turma da oitava série não apenas recebeu uma significação do texto, mas produziu a significação para *A Bolsa Amarela*. Assim, a leitura dessa obra representou, além de um instrumento de emoção, diversão e prazer, um meio de ampliação de mentalidade e percepção crítica dos alunos acerca da importância da leitura literária em suas vidas.

3.3 A análise das experiências: possíveis leituras de *A Bolsa Amarela*

Ao analisarmos os dados coletados procuramos, identificar o que resultou do contato entre a obra *A Bolsa Amarela* e os alunos participantes da pesquisa. O processo de análise foi realizado de acordo com os critérios postulados de que o texto só se materializa mediante a leitura, e de que “a recepção da arte não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa” (JAUSS, 1979, p. 57). Em outras palavras, um texto literário está sujeito a diversas impressões e leituras, considerações que estão na dependência dos diferentes tipos de leitores e dos diferentes contextos de circulação.

Conforme afirmamos anteriormente, iniciamos o nosso contato com os colaboradores com a leitura dos contos “O bife e a pipoca” e “Tchau”, que estão presentes na obra *Tchau*. Os dados colhidos sobre a leitura desses contos são registros das impressões que os alunos tiveram e que foram escritos em diário de campo. A leitura do primeiro conto gerou, na maioria da turma, uma reflexão sobre a diferença entre os modelos de família ali representados. Enquanto a família de Rodrigo era estabilizada financeiramente e vivia em harmonia, a família de Tuca era pobre e

desajustada. Vejamos a reflexão do aluno Carlos¹⁴ sobre essa questão: *isso é uma coisa que a gente vê todo dia. Os pais têm muitos filhos sem poder criar. Muitos abandonam a família e os filhos ficam sofrendo. Aqui mesmo a gente vê isso.*

A exemplo de Carlos, os alunos refletiram sobre a situação de Tuca, na qual ele se sentia impotente em viver em uma família em que o pai não estava presente, a mãe era uma alcoólatra, tendo sua função no lar substituída pela filha mais velha, e os irmãos logo cedo precisavam *se virar* para sobreviverem. Os alunos identificaram na família de Tuca a representação de um problema social vivenciado em seu cotidiano.

Sobre o conto *Tchau*, a reação dos alunos foi de indignação em relação à mãe de Rebeca. Quando terminamos a leitura do conto, a expressão de tristeza estava estampada no rosto dos alunos. Em seguida, essa reação foi substituída por exclamações de revolta. Vejamos algumas:

Isso é uma mãe desnaturada! Como é que uma mãe deixa um filho por causa de um namorado? (Jussara)

Coitada da criança. Uma mãe que faz uma coisa dessa não tem sentimento! (Adriana)

Ela podia até ter abandonado o marido, mas abandonar a filha por um namorado! (Pierre)

Essas exclamações de revolta e indignação mostram que a turma vivenciou com Rebeca o sofrimento de ser abandonada pela mãe. Os alunos internalizaram o desespero da criança em tentar, sem sucesso, convencer a mãe a não deixar a família.

Quanto ao questionário que aplicamos cujo objetivo era traçar o perfil dos alunos enquanto leitores literários. Das 14 questões deste instrumento, selecionamos a terceira, a sétima e a nona para a nossa análise, por acreditarmos que elas são significativas para nossa pesquisa. Vejamos:

Quando criança, você lia livros de literatura infanto-juvenil? O objetivo desta indagação era conhecer a experiência dos alunos com a literatura infantil, quando crianças. A esta

¹⁴ Por questões éticas, omitimos os nomes verdadeiros dos alunos.

indagação, 11 afirmaram que não leram livros infantis quando crianças, 05 não responderam, 17 responderam afirmativamente e citaram alguns clássicos e 01 respondeu afirmativamente, porém não citou nenhum livro. Analisando essas respostas, vimos que metade da turma teve algum contato com a literatura quando criança e a outra metade foi privada da companhia dessa arte que, entre outras funções, “confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 1988. p. 243), provocando-lhe as mais variadas reações que vão desde o prazer emocional, o deleite, a alegria, a tristeza ou mesmo a repulsa, a insatisfação, a raiva, entre outros.

Com relação à sétima questão: *Como você desenvolveu o gosto por leitura literária?*, 14 alunos afirmaram que sozinhos, 12 alunos afirmaram que foi na escola, 05 alunos afirmaram que foi com a família, 01 aluno não respondeu e 02 alunos disseram que foi através de amigos.

Mediante as respostas, vimos que, dos 34 alunos, apenas 12 tiveram a escola como o ambiente propiciador do desenvolvimento pelo hábito da leitura. A resposta a estas duas questões explicita a inércia da escola enquanto mediadora entre a leitura e o leitor, ao mesmo tempo em que servem para ratificar a nossa defesa de que a leitura literária precisa estar mais presente na sala de aula para que ela possa desempenhar papel cada vez mais importante na vida dos alunos. Não apenas na vida escolar, mas também na vida fora da escola.

A questão 09 era a seguinte: *Cite alguns escritores que você conhece.* 24 alunos citaram Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Moacyr Scliar, entre outros. 02 afirmaram não lembrar, 04 não responderam, 01 afirmou não conhecer ninguém, 02 afirmaram “não sei” e 01 respondeu de forma ilegível. De acordo com essas respostas, vemos que a maioria da turma teve algum contato com a literatura. Porém, conforme supúnhamos, os nossos colaboradores desconheciam Lygia Bojunga, até aquele momento.

3.3.1 Leitura do capítulo “O galo” com a respectiva produção textual dos alunos

Conforme dissemos anteriormente, a turma de 34 alunos esteve sempre assídua durante as aulas. Todos os alunos realizaram as atividades propostas. Todavia, por questões práticas, fizemos uma seleção de cada atividade realizada, com base no critério de originalidade e coerência com a leitura que o texto permite, para fazermos nossa análise. Assim, das 34 produções textuais sobre o capítulo “O galo”, teceremos as nossas considerações sobre três

produções (ver em anexo E). A solicitação dessa atividade teve como objetivo levar os alunos a perceberem como Raquel conseguiu unir o mundo real da sua família ao mundo imaginário que criou como forma de superação do seu conflito interior.

A primeira produção, intitulada *O diploma dos melhores tomadores de conta de galinhas*, explicita uma leitura coerente com o texto original. Todavia, o leitor não expôs uma leitura mais minuciosa do capítulo. O aluno foi muito objetivo e sucinto em sua produção, demonstrando pouco envolvimento com o que havia lido.

Na composição *Interpretação do conto 'O galo'* (ver anexo E), a leitora relacionou a primeira aparição do personagem na narrativa quando ainda estava sendo inventado por Raquel à nova aparição dele, quando foi encontrado pela protagonista na bolsa amarela. Ela demonstrou ter realizado uma leitura mais detalhada do que aquela que vimos na produção analisada anteriormente. Acharmos muito interessante o fato da leitora relacionar os desejos do galo aos de Raquel. Relevante também é a inserção de sua subjetividade na leitura. Essa leitora fez uma leitura predominantemente emocional.¹⁵

A terceira composição, intitulada *resumo* (ver anexo E), mostra que a aluna realizou uma leitura objetiva, sucinta e criativa do capítulo. A aluna teve a idéia de inserir uma ilustração no texto, mostrando dar sentido ao elemento gráfico para a ampliação da leitura textual. Ela também expôs sua subjetividade ao afirmar que viajou e se aventurou nas aventuras de Raquel, ao escrever o resumo. Demonstrou uma leitura coerente com o texto base nos níveis emocional, racional e sensorial.

As três composições, apresentadas aqui como um recorte das leituras realizadas com o capítulo “O galo”, ratificam que na leitura espontânea, “o leitor é envolvido pela história que o toca de diferentes maneiras” (FARIA, 2004, p. 21). Assim ele pode se envolver e adentrar no mundo do personagem e compartilhar suas vivências, como pode também realizar uma leitura mais limitada, superficial, sem um envolvimento efetivo. Ademais, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2003, p. 11). Assim, acreditamos que naquele contexto, em que os alunos se encontravam, as leituras realizadas foram pertinentes com o que o texto autoriza.

¹⁵ Em *O que é leitura* (1989), Maria Helena Martins conceitua os três níveis de leitura: sensorial, emocional e racional, e mostra a relevância dos mesmos para a compreensão textual.

3.3.2 O exercício: uma possível leitura das relações familiares representadas em *A Bolsa Amarela* – o resultado imprevisto na leitura dos alunos.

Solicitamos uma atividade de leitura dirigida (ver anexo F) sobre *A Bolsa Amarela*, como forma de ampliar as possibilidades interpretativas que o texto autorizava, instigá-los a considerar a elaboração estética do texto e levá-los a uma reflexão de alguns elementos relevantes para a significação global da obra, porque “O texto permite e valida muitas leituras, às vezes até divergentes entre si; mas o texto não admite nem valida qualquer leitura.” (AMORIM, 2002, p. 60). Nosso objetivo era realizar uma leitura minuciosa atentando para as partes que engendram a tessitura da obra. A atividade era composta por onze questões que propiciaram o entendimento global do livro. As questões 02, 04, 07 e 11, eram direcionadas para o tema das relações familiares analisado na obra. Diziam respeito ao papel desempenhado pela personagem-narradora no âmbito familiar. Com estas questões, queríamos saber o envolvimento que os alunos tiveram com o texto e se eles haviam percebido na narrativa a relevância dada pela autora ao tema.

A segunda questão foi a seguinte: *Raquel pertence a uma família de classe média, é filha caçula de um casal que tem quatro filhos. Como Raquel se relaciona com a família dela?* Todas as respostas dadas pela turma explicitaram que o relacionamento de Raquel com os demais membros de sua família era conflituoso e mostraram que uma das causas era a falta de atenção dos demais membros para com Raquel. Vejamos algumas respostas:

Resposta (1)

Sua relação familiar era cheia de conflitos. Por ter nascido muito depois de seus irmãos eles costumavam dizer que ela tinha nascido na hora errada dando a idéia que ela não era desejada. Ela não era compreendida nem recebia a atenção devida. (Rosy)

A resposta de Rosy chama a atenção para o fato de que, por ter nascido muito tempo depois dos outros irmãos, Raquel era incompreendida e excluída. Essa resposta confirma o que a personagem-narradora explicita em suas conversas com o amigo imaginário. Há nessa resposta um destaque para a questão da diferença de idade entre a protagonista e os outros membros da

família. Quando Rosy diz que Raquel *nem recebia a atenção devida*, identificamos uma aproximação afetiva da leitora com a personagem. Percebemos que a leitora se compadece com o que a personagem-narradora expõe. Essa expressão nos sugere que Rosy se identificou com a personagem vivenciando com ela toda a situação.

Resposta (2)

Raquel vivia em conflito com a família porque a sua família não a entendia, não lhe dava atenção. Ela queria que sua família lhe compreendesse. (Só)

A resposta de Só confirma haver um conflito no relacionamento de Raquel e sua família. Ela relaciona a falta de entendimento e de atenção dos demais membros da família em relação à Raquel como a possível causa do conflito.

Resposta (3)

Ela não vivia bem com sua família, vivia em conflitos, não se sentia amada, ninguém lhe dava atenção. Ela queria que alguém ouvisse ela e conversasse com ela. (Maciel)

Na resposta de Maciel é enfatizada a falta de amor no relacionamento como também o mutismo e a falta de atenção no contexto familiar em que a menina estava inserida. Percebemos que Maciel analisou tanto o que a personagem-narradora expôs em seus desabaços, quanto as atitudes dos membros explicitadas na narrativa. Esse leitor destaca dois motivos para a ocorrência do conflito familiar, o amor e atenção que não eram dados à menina pela família, como também a falta de diálogo e de companheirismo entre ela e os outros membros da casa.

Resposta (4)

Ela vivia em conflito com a família por se sentir que chegou tarde na família e não era amada e nem entendida (Cléa)

Cléa identificou que Raquel se sentia excluída por ter nascido sem ser desejada como também não se sentia amada e era incompreendida. Na resposta de Cléa é enfatizado o que a

personagem-narradora sentia. Podemos perceber que essa leitora se ateve mais ao lado sensível da personagem-narradora ao explicitar os sentimentos da menina.

Resposta (5)

Raquel vivia em conflito com a família dela, pois eles achavam que ela não era pra ter nascido e a rejeitavam e humilhavam.(Sara)

Por sua vez na resposta de Sara, a causa do conflito não era relacionada ao que Raquel sentia, mas à postura dos outros membros em relação à menina. Essa leitora acreditou em todas as afirmativas da personagem-narradora. Seu ponto de vista nos dá a percepção de que essa aluna se envolveu com a personagem ratificando as afirmativas por ela expostas.

A quarta questão foi a seguinte: *narrada em primeira pessoa, A Bolsa Amarela tem seu início com o desabafo de Raquel sobre o seu conflito familiar e a exposição do seu desejo de esconder as três vontades que ela não controla. Nessa parte ela escreve uma carta a André. Quem é esse André? O que ela escreve na carta? Vejamos algumas respostas:*

Resposta (1)

André é um amigo imaginário. Raquel escreve na carta que esta querendo bater um papo com alguém porque na sua casa ninguém lhe dá atenção, sua família vive ocupada e não tem tempo pra ela e é escrevendo pra André que ela desabafa tudo que sente.(Só)

Resposta (2)

Era um amigo imaginário. Ela se queixa de não darem ouvidos para ela e da solidão. Que sua família não tem tempo para ela. (Cléa)

Resposta (3)

André é uma fantasia, um amigo imaginário que ela encontra para conversar, falando pra ele como ela vivia com a família e como ela se sentia diante de sua vida familiar.(Maciel)

Resposta (4)

Uma fantasia de Raquel. Raquel reclama de ser excluída da família, de que a família não dá atenção. Que ela vive solitária. (Priscila)

Resposta (5)

André é um amigo imaginário, então Raquel se queixa porque sua família não tem tempo de lhe escutar e não dava a mínima atenção pra ela ai ela inventa um amigo e escreve contando sua vida solitária.(Sara)

Resposta (6)

Um amigo imaginário. Nestas cartas ela se queixa da solidão e usa esse 'amigo' como alguém com quem ela pode contar (Rosy)

Conforme vemos nas respostas, estes alunos e os demais perceberam que, por se achar excluída do ambiente familiar, Raquel desenvolveu a amizade com um amigo imaginário e com ele a menina conseguiu o diálogo que tanto buscava com os outros membros da família. Os alunos interpretaram a fuga de Raquel para o imaginário como uma busca de companheirismo e da atenção que ela precisava para minimizar sua carência afetiva e sua solidão.

A sétima questão era a seguinte:*quanto ao tema, percebemos em A Bolsa Amarela que Lygia Bojunga trabalha vários temas. Cite alguns.* Mesmo afirmando que na obra havia o trabalho com outros temas, o objetivo dessa pergunta era saber qual a relevância que os alunos dariam ao tema das relações familiares. Todos os alunos afirmaram que o tema das relações familiares estava presente na obra e o colocaram em primeiro lugar na lista dos temas identificados. Vejamos algumas respostas:

Resposta (1)

Lygia Bojunga Nunes expressa no livro *A Bolsa Amarela* a relação familiar, a atenção que a família deveria ter um com o outro, os conflitos que há entre a família (Só)

Resposta (2)

Relacionamento familiar, a busca pelo direito de liberdade de expressão, amizades pessoais, discriminação. (Rosy)

Resposta (3)

Relação entre família, liberdade de expressão, amizade.(Cléa)

A exemplo do que o restante da turma respondeu, as três alunas perceberam que as relações familiares era o tema enfatizado na obra. Vemos que os colaboradores da pesquisa identificaram no texto, cheio de simbologia e fantasia, uma reflexão acerca de uma situação real problematizada na ficção. Embora em alguns momentos eles tenham achado engraçadas as situações vivenciadas por Raquel, eles perceberam a complexidade do tema exposto na obra. Mesmo se posicionando de forma sucinta eles explicitaram ter identificado a temática central da obra.

A questão 11 era a seguinte: *Defina o comportamento de Raquel no início da história e no final.* Com essa pergunta, objetivamos que os alunos conseguissem perceber o processo de crescimento psicológico e emancipatório da personagem-narradora, como também seu novo posicionamento acerca do relacionamento entre ela e os demais membros da família. Vejamos algumas respostas:

Resposta (1)

No começo da história Raquel não tinha identidade formada pois ela era muito criança. Mas já no fim da história ela já entendia as coisas da vida e realmente ela encontrou sua identidade verdadeira.(Priscila)

Ao se referir à formação da identidade de Raquel, Priscila abstraiu que a personagem-narradora cresceu. Quando ela afirma: *no fim da história ela já entendia as coisas da vida*, percebemos uma referência ao processo natural de crescimento e de entendimento das *coisas da vida* (dentre elas a relação familiar), que a personagem-narradora vivenciava. Compreendemos

que, para a aluna, a personagem protagonista entendeu esse fato e assim construiu uma nova identidade, mas é possível perceber, no posicionamento de Priscila, que ela relacionou a mudança de comportamento de Raquel ao fator idade, como se esta tivesse envelhecido. Dessa forma, percebemos que Priscila não explicitou se entendeu o crescimento interior da personagem como um processo psicológico, ou seja, um processo de crescimento interior. Uma justificativa possível para essa interpretação é que a leitura em sala de aula da obra *A Bolsa Amarela* foi o primeiro encontro dessa leitora com a obra.

Resposta (2)

No início da história Raquel tinha um comportamento mais infantil e não vivia bem a realidade de sua família. Durante o desenrolar da história ela foi amadurecendo aos poucos a medida em que as coisas foram acontecendo, e já no final ela foi mudando a sua forma de pensar e tendo mais consciência. (Cléa)

Conforme Priscila percebeu, Cléa também entendeu que Raquel passou por um processo de crescimento. Todavia, esta entendeu que o crescimento da personagem-narradora foi um fenômeno interior que teve como consequência a possibilidade da personagem-narradora desenvolver uma nova percepção acerca de como as pessoas da sua família agiam em relação a ela, passando a agir diferente. Acreditamos que Cléa apresentou uma leitura mais ampla sobre o crescimento da personagem protagonista. Entendemos que essa aluna relacionou o processo de emancipação da personagem-narradora enquanto condicionador da capacidade dessa personagem se relacionar melhor com a família.

Resposta (3)

Raquel, no início se sentia triste por causa de sua vida familiar, mas diante dessa tristeza, ela criou personagens e foram seus personagens que fizeram ela se sentir feliz no final, pois foram os personagens que ensinaram a ela como ser feliz. (Maciel)

Maciel percebeu no comportamento de Raquel um estado de tristeza. Entendemos que ele se sensibilizou com as afirmativas da personagem-narradora e atribuiu a tristeza da personagem à relação que ela tinha com os familiares. Além disso, o aluno reconheceu a importância que as

fantasias de Raquel tiveram no processo de crescimento da menina, servindo como remédio e ensinamento para ela ser feliz. O interessante nessa resposta é que o aluno vê a importância da fantasia como um auxílio para a personagem superar conflitos. Ele percebeu a importância desse recurso estilístico que é usado com recorrência por Bojunga na composição de suas histórias.

Resposta (4)

No início da história Raquel tinha uma atitude infantil, mas suas histórias e aventuras a fizeram mudar de atitude e também o seu jeito de pensar. Por meio de suas histórias, Raquel supriu sua necessidade de atenção e aprendeu a se virar sozinha e isso de certa forma lhe foi benéfico, pois quando aprendemos algo por si só damos mais valor e 'crescemos'. (Rosy)

Da mesma forma que Maciel enfatizou a importância da fantasia para o crescimento da personagem-narradora, Rosy também percebeu o desenvolvimento de Raquel e amplia essa percepção quando afirma que esse processo foi *benéfico*. Interessante nessa resposta é que Rosy se posiciona subjetivamente, trazendo para si a vivência da personagem. Ao afirmar *pois quando aprendemos algo por si só damos mais valor e 'crescemos'*, a aluna mostrou ter relacionado sua mundividência à experiência da personagem. Na situação ficcionalizada, a leitora viu uma reflexão de vida. Percebemos que a leitura dessa novela despertou na aluna a sensibilidade e o posicionamento crítico.

Resposta (5)

No início da história Raquel não gostava de sua família porque ninguém lhe dava atenção e ela vivia em conflitos. No final Raquel vê que cada família tem seu problema mas no fundo todos se gostam. (Só)

Na resposta de Só, vemos que ela percebeu a mudança ocorrida em Raquel, enfatiza o comportamento dos familiares de Raquel como causa dos conflitos vivenciados pela menina e a indiferença dos demais membros da família em relação à Raquel como o motivo da personagem-narradora não gostar da família. Vale salientar que a afirmativa da aluna: *Raquel não gostava de*

sua família se aproxima de uma posição radical pois a criança vivia questionando o posicionamento dos familiares em relação a ela, mas não afirmava que não gostava dos mesmos. Nesse sentido, a leitora extrapolou as informações do texto. Quando a aluna conclui a resposta afirmando: *no final Raquel vê que cada família tem seu problema mas no fundo todos se gostam*. Percebemos que ela relacionou o problema figurado na ficção com situações reais, afirmando que em toda família há problemas de relacionamento, mas que todos os membros dessa instituição se gostam. Ela demonstra que concebe essa instituição como a família que Zilberman (2003) caracteriza como modelo eufórico, e não reflete que há relações familiares em que a afetividade entre os membros é relegada.

Resposta (6)

No começo da história Raquel era uma pessoa revoltada e solitária. Por isto ela inventava personagens imaginários para lhe fazer companhia. Só que com o decorrer da história, no final ela já estava se sentindo mais leve, sem revolta. Já estava de bem com ela mesma. (Maria)

Maria conseguiu perceber a mudança comportamental de Raquel: se antes a personagem se sentia *revoltada e solitária*, depois ela se sentia *leve, sem revolta, de bem com ela mesma*. A resposta da aluna apresenta uma percepção mais subjetiva do comportamento da personagem-narradora, ao interpretar que o conflito vivenciado pela personagem estava relacionado com o seu estado de espírito, era um conflito íntimo que somente ela poderia resolver.

Resposta (7)

No início da história Raquel não se dava bem com a família, mas no final ela acabou mudando a rotina e aceitando sua família. (Sandro)

Sandro afirmou que houve uma mudança no comportamento de Raquel acarretando uma nova postura dela perante a família. Ao afirmar que *ela acabou mudando a rotina e aceitando a sua família*, Sandro mostra que o processo de aceitação da família por parte de Raquel foi um acontecimento que decorreu por iniciativa da criança que viu na mudança de atitude a superação para o conflito.

Entendendo que um texto seja polissêmico¹⁶ e que devido a essa característica ele admite várias leituras, acreditamos que as diversas leituras, aqui realizadas acerca do comportamento da personagem Raquel, são permitidas. Elas mostram que cada leitor se apropriou do texto dando-lhe a significação que achou pertinente, mas, em comum, todos identificaram o processo de crescimento interior da personagem e o efeito que esse processo teve na relação da personagem com sua família. A emancipação de Raquel foi uma leitura compartilhada por todos os alunos.

3.3.3. A produção final – o efeito

A produção textual final (ver anexo G), conforme explicamos anteriormente, foi solicitada para analisarmos a acolhida do texto *A Bolsa Amarela* pelos alunos, como também o efeito da leitura sobre os eles. Todos os alunos se prontificaram a produzir o texto final. Das produções elaboradas, elencamos, alguns depoimentos que traduzem a significação que a turma deu à leitura da obra *A Bolsa Amarela*.

A proposta para a elaboração textual era a seguinte: *após a realização da experiência de ler com você alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência. faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou.*

Nós não mencionamos, na proposta, o título da obra *A Bolsa Amarela*, primeiramente porque havíamos lido outros textos de Bojunga com eles, e também, para que eles se sentissem livres para se posicionarem. A intenção era que a menção ao livro *A Bolsa Amarela* fosse algo espontâneo.

Toda a turma se posicionou. Dos 34 alunos apenas três não se referiram à obra *A Bolsa Amarela*, limitaram-se a dizer que gostaram dos textos lidos e da experiência estética. O restante da turma gostou da experiência e se posicionou acerca do livro *A Bolsa Amarela*, conforme veremos em alguns relatos:

¹⁶ Faria (2004, p. 12), tece considerações acerca da relação entre polissemia do texto e reações no leitor.

Resposta (1)

Bom eu gostei muito do texto e da história que era contado por Raquel e também acho que era de muitas fantasias e de muitas realidades como a história de porque que ela era a ovelha negra da família não exatamente mais era como fosse porque Raquel era muito ignorada pelas as pessoas da sua própria casa e eu entendi que toda criança pensa diferente dos adultos e que as pessoas precisa tentar entender melhor as crianças nas suas vontades e desejos que fosse menos ignorada eu acho que Lygia Bojunga Nunes, queria mostrar o lado bom de ser criança e se expressar os sentimentos das outras pessoas que não tem coragem de conversar com seus filhos. (Ana)

A resposta apresentada por Ana explicita que ela gostou da experiência de ter lido a obra. O interessante nessa resposta é que a aluna enfatizou a importância do tema estudado correlacionando-o à sua experiência de vida.

Resposta (2)

Bem na verdade foi uma experiência muito gostosa. Pois a cada capítulo lido a curiosidade aumentava mais para ler o próximo. Para mim às vezes chegou a ser chata a leitura mas ao decorrer da leitura eu começava a entender, e foi bom porque o livro que nós lemos falou na verdade o que acontece com algumas crianças. Tive alguns momentos em que eu me encaixava na história. [...] Aprendi a viajar.

Sugestão: seria bom se nós continuássemos lendo outros livros, pois estimula muito nossas cabeças. Nós lemos muitos livretos, mas não é tão bom como ler livro. (Maria)

A resposta de Maria converge com o posicionamento de Ana sobre o prazer de ter lido *A Bolsa Amarela* e sobre o fato de ter relacionado o tema apresentado na obra com sua visão de mundo. Porém, Maria acrescenta em seu posicionamento o desejo de continuar lendo literatura em sala de aula e a satisfação em ler um livro, já que se refere a livretos, como menor. Na frase: *aprendi a viajar*, percebemos o quanto foi significativa para essa aluna a realização da leitura do livro *A Bolsa Amarela*.

Resposta (3)

Foi uma experiência muito boa porque eu leio vários livros, mas dessa natureza nunca havia lido, principalmente de Lygia Bojunga Nunes.

Esse livro *A Bolsa Amarela*, é um livro que mexe com a nossa imaginação a gente lendo esses livros nossa mente volta ao passado de quando a gente era criança, nos lembrando que éramos em algumas coisas como a personagem

Raquel. Eu por exemplo me identifiquei com ela em alguns casos, como por exemplo: quando ela inventou um amigo André, a amiga, Lorelai. *A Bolsa Amarela* nos ensina frases que nunca escutamos, aprendemos a resgatar as brincadeiras de crianças. Eu gostei muito desse livro. Espero que no futuro essas leituras se tornem uma matéria na sala de aula. Foi boa essa experiência. (Newman)

Na resposta, vemos que Newman gostou da experiência de leitura do livro *A Bolsa Amarela* e se identificou com a personagem. A aluna reviveu situações ocorridas na sua infância e apreciou o estilo de Lygia Bojunga. Como Maria, Newman também expressou seu desejo de continuar lendo literatura em sala de aula. Essa aluna ratifica o posicionamento de vários estudiosos da literatura acerca da necessidade que temos de nos envolver com essa representação artística

Resposta (4)

Eu gostei muito dessa experiência, de passar três meses conhecendo o trabalho e a vida de Lygia Bojunga Nunes,[...] Eu gostei bastante de ler o livro *A Bolsa Amarela*, porque neste livro aborda vários temas como: a relação familiar, o preconceito, a discriminação que a personagem Raquel convive com a sua família. Os pontos positivos é que o livro tenta passar para nos leitores. Eu queria muito ler outros livros de Lygia Bojunga.[...](Só)

Na resposta de Só, há ênfase no tempo que ela passou conhecendo a obra de Lygia Bojunga e no desejo que ela tem de ler mais livros dessa autora. A aluna especifica o prazer de ler *A Bolsa Amarela* pelos temas que essa obra abordou principalmente a relação entre Raquel e sua família. Ela vê no livro pontos positivos, embora não os tenha explicitado. Percebemos que foi um prazer para a aluna ter conhecido a obra de Lygia Bojunga e ter lido *A Bolsa Amarela*.

Resposta (5)

Bom, essa experiência que eu tive para com esse texto é que; eu não conhecia a leitura quer dizer, de uma forma tão aprofundada. E *A Bolsa Amarela*, veio como uma ajuda para conhecer mais a leitura, e de saber entender cada ponto do escrito e saber que é bom dividir a leitura.

Eu acompanhei todas as partes do texto *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes e pra mim foi uma experiência ótima e queria repetir a dose e poder conhecer mais e mais textos todos os anos.

Se eu pudesse leria todos os textos do mundo nem se fosse para traduzi-lo letra por letra.

Também depois dessa experiência ótima e meu depoimento de coração sinceramente o que eu entendi. (Alex)

Na resposta, percebemos uma grande carga de emoção quando Alex se posiciona sobre a experiência e uma vontade enorme que tem de continuar a ler literatura. Alex atribui a essa experiência a descoberta de novas formas de leitura. É como se a experiência com a leitura do livro *A Bolsa Amarela* tivesse aberto novas possibilidades desse aluno compreender a prática social da leitura. Quando ele afirma: *Se eu pudesse leria todos os textos do mundo nem se fosse para traduzi-lo letra por letra*. Vemos nessa afirmativa a ratificação da importância da literatura na vida do ser humano.

Resposta (6)

Para mim, eu achei ótima essa experiência, fez nós alunos conhecer livros que nós não conhecemos.

As histórias foram muitas divertidas, cada uma com um pouquinho, de aventura, de amor, e alegria. Com sentimentos e até imaginação. Eu gostei da parte que Raquel leva o guarda-chuva para o concerto e ela faz novos amigos, amigos divertidos que entende ela um pouquinho.

A parte mais engraçada do livro *A Bolsa Amarela* eu achei do almoço.

Eu achei o texto maravilhoso nunca tinha lido livros infantis, mais eu li e gostei muito. (Lu)

Vemos nesta resposta que a realização da experiência de leitura do Livro *A Bolsa Amarela* representou uma descoberta do prazer que a leitura literária pode proporcionar. A afirmativa: *Eu achei o texto maravilhoso nunca tinha lido livros infantis, mais eu li e gostei muito*, confirma o nosso posicionamento de que *A Bolsa Amarela* é uma obra capaz de despertar o interesse em diversos leitores independentemente da idade que eles tenham.

Resposta (7)

Eu gostei porque foi uma experiência muito boa e nessa experiência eu vi como era possível entrar com outra história naquele mesmo texto que estava escrevendo e também vi como é bom ler histórias infantis.

O que eu não gostei foi porque na hora que eu estava mim apegando com essas aulas já estava chegando ao fim e aí eu estava sentindo falta que era uma aula tão boa que eu não queria que acabasse agora mais espero que retorne sempre. [...] (Vando)

A resposta de Vando apresenta o prazer que ele teve em vivenciar a experiência de leitura do livro *A Bolsa Amarela*. Mostra também que o aluno fez uma leitura da forma como Lygia Bojunga teceu o enredo encaixando uma história dentro de outra. Analisando a afirmativa: *vi como é bom ler histórias infantis*, entendemos que o aluno se mostrou gratificado em ter lido a história infanto-juvenil e confirmou a nossa opinião de que *A Bolsa Amarela* pode ser apreciada por diversos leitores.

Resposta (8)

Essa experiência foi excelente para mim, pois a leitura é minha paixão. Leio vários autores e me encantei com *A Bolsa Amarela* isso porque sua autora se expressa de um modo interessante e uma linguagem simples que nos ensina lições valiosas.

Uma coisa que eu não gosto é saber que estudos e leituras como essas não fazem parte do currículo de nossa escola, pois acho que experiências assim nos aproximam mais da leitura e com isso do aprendizado.

Minha sugestão é que deveria haver um projeto para que além de redação e gramática houvesse também aula de leitura na nossa escola. Garanto que isso só acrescentaria conhecimento e bons hábitos de leitura.

Agradeço pela oportunidade de conhecer a autora Lygia Bojunga e pelo presente que foi uma cópia do seu livro. Obrigado pela ótima experiência. (Rosy)

O posicionamento de Rosy apresenta uma visão ampla da importância da leitura literária na escola. Ela expõe sua satisfação em ter lido *A Bolsa Amarela*, elogia a autora e mostra que se sente preocupada em perceber a ausência da leitura literária em sala de aula. Ela apresenta um posicionamento reflexivo acerca da necessidade da inserção da literatura em todas as séries, o que proporcionaria conhecimento e outros benefícios. Rosy demonstrou reflexão acerca da função

que a leitura deve exercer no âmbito escolar, numa atitude que é fruto de sua experiência como leitora, já que não houve discussão sobre o papel da leitura na sala de aula, em nossos encontros.

Resposta (9)

A minha experiência de ler os textos de Lygia Bojunga Nunes, foi muito ótima, descobri contos e histórias diferentes. Entendi mais como se faz uma leitura correta.

Eu achei todos os textos ótimos, mas o que mais eu gostei foi *A Bolsa Amarela*, porque foi na história da *Bolsa Amarela* que surgiu o Afonso, o Alfinete e o Guarda-chuva sem falar no terrível. Para mim, ter embarcado nas aventuras das histórias de Lygia Bojunga, foi um grande prazer. [...] (Jéssica)

A resposta dessa aluna se aproxima das demais quando ela explicita sua satisfação em ter lido *A Bolsa Amarela*. O interessante nessa resposta foi a aluna ter afirmado que embarcou nas aventuras das histórias e que foi um prazer. Essa afirmativa da aluna nos traz a imagem de alguém que se deixa levar pelo mar a fora, pronto para vivenciar as aventuras e descobertas imprevisíveis. O navegador se deixa levar aonde o barco for. Ao deixar-se levar pelas aventuras da obra, Jéssica encontrou também aprendizagem e descobertas, conforme ela diz: *foi muito ótima, descobri contos e histórias diferentes*.

Resposta (10)

Eu adorei, foi uma experiência maravilhosa, gostei muito de ler *A Bolsa Amarela*, nas histórias tiveram várias que eu gostei, por exemplo: o Galo, o Almoço, em fim gostei de todos, não tem uma história que eu não gostei. Porque todas foram legal, eu gostei principalmente da Raquel, porque ela era uma menina que vivia muita aventuras, eu comecei a ler essas histórias no dia 22 de agosto, eu não gostava muito de ler, mais depois que comecei a ler os livros de Lygia Bojunga, eu aprendi mais a gostar de ler, eu li todas as histórias de *A Bolsa Amarela*. Para mim foi uma experiência muito boa, nunca vou esquecer.

Eu nunca tinha lido alguns livros antes, só que eu comecei a me interessar mais (Luana).

A aluna viu na leitura da obra *A Bolsa Amarela* o prazer em compartilhar das aventuras da personagem e o despertar para o gosto da leitura literária a partir da experiência com a obra de Lygia Bojunga. Ela compreendeu que a leitura literária pode ser um caminho para novas descobertas.

Resposta (11)

Lendo Lygia Bojunga, eu gostei bastante dos textos, pois a cada texto eu aprendi muito sobre literatura, apesar de que, eu gosto bastante de ler, e os textos eram interessantes como por exemplo: O galo, o Alfinete, o Guarda-Chuva eram história bobas, mas ao mesmo tempo quando você vai lendo no decorrer da história, vai ficando interessante que você não quer parar de ler.[...].
(Sara)

Como os demais alunos, Sara demonstra nesta resposta que a leitura foi significativa para ela. Embora tenha afirmado que achou as histórias bobas, a experiência representou aprendizado e prazer. Ela encontrou algo interessante nas mesmas que despertou a sua vontade para continuar a leitura.

Resposta (12)

O que eu mais gostei foi de ter aprendido muita coisa, a não inventar mentira só pra ter amigo. E eu gostei de ler pela primeira vez um livro *A Bolsa Amarela* que eu nunca tinha ouvido falar. [...] A parte do livro que eu adorei foi a do almoço quando fala que a bolsa começa a pular foi uma parte muito engraçada. Mas vou ficar triste porque não vamos ter mais aulas de literatura infanto-juvenil mas gostei de tudo que se passou nesse tempo. (Val)

Nesta resposta percebemos a confluência entre o prazer e o aprendizado produzidos na aluna pela leitura do livro *A Bolsa Amarela*. Há, nesse posicionamento, o lamento da aluna em saber que no âmbito escolar ela não terá mais contato com a literatura infanto-juvenil, mas há também a satisfação de ter vivido a experiência de leitura. Porém, quando ela afirma que aprendeu muita coisa, dentre outras, *a não inventar mentira só pra ter amigos*, vemos que essa aluna tem a percepção de que a leitura literária tem, dentre outras, a função que Candido (1999) denomina de função formativa. Confirmando o posicionamento de Candido, Val entendeu que a literatura ensina, transmite valores e leva o leitor a ter nova percepção do mundo e de si. Ela encontrou na leitura o valor estético da obra e o que afirma Candido (1999, p. 3) quando ele diz que *a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial*.

Resposta (13)

Eu gostei muito de conhecer os textos de Lygia Bojunga Nunes, em especial o livro *A Bolsa Amarela*. Com esse livro eu aprendi a prestar mais atenção na

história que eu estou lendo. A história desse livro é muito interessante e mágica, é muito emocionante viver a história de Raquel e seus companheiros. Para mim foi muito gratificante esses momentos que eu vivi aqui com esse livro. A partir do momento que eu conheci essa história eu passei a me interessar mais pela leitura. Eu espero que venha outras professoras fazer esse mesmo trabalho aqui.(Cléa)

O posicionamento de Cléa é muito interessante porque ela afirma que após conhecer a obra ela começou a se interessar mais por leitura. Percebemos, portanto, que *A Bolsa Amarela* despertou nessa aluna a vontade de se aventurar no mundo mágico da leitura. Quando Cléa afirma: *é muito emocionante viver a história de Raquel e seus companheiros*. Fica explícito que houve um grande envolvimento entre a leitora e o texto. Ela deu sentido ao texto ao tempo em que ele produziu um efeito nela. Cléa conclui seu posicionamento com a esperança de que a literatura possa permanecer em sala de aula o que representa uma reflexão sobre a importância dessa arte para o ser humano.

Resposta (14)

Bem sobre a experiência eu gostei muito das histórias de Lygia Bojunga que é umas histórias legais saudáveis. Eu não gostava de ler mais através dessas histórias de Lygia Bojunga eu agora sou outra pessoa gosto de ler histórias, das histórias de Lygia Bojunga eu gostei mais da história do galo que é uma história que acontece na vida real hoje.
[...] É uma pena que não vamos mais ler todas juntas, rir juntos,[...] (Daniela)

O posicionamento de Daniela é interessante porque ela explicita que a experiência de leitura da obra *A Bolsa Amarela* lhe causou um efeito importantíssimo: o despertar para o gosto pela leitura literária. Ela reafirma seu posicionamento quando diz: *eu agora sou outra pessoa gosto de ler histórias*. Entendemos que esta afirmativa comprova a função formadora que a literatura pode desempenhar na vida do ser humano.

Resposta (15)

Eu escrevo sobre Lygia Bojunga Nunes.
Essa experiência foi muito importante para mim, pois quando criança eu conhecia mas histórias infantis, mas no decorrer dos anos fui lendo e conhecendo histórias mas interessantes.
Eu nunca tinha imaginado e nunca vi falar sobre Lygia Bojunga Nunes, mas hoje sei quem é ela, e posso dizer que eu fico feliz de conhecer e aprender o trabalho de Lygia Bojunga.

São histórias que quando lemos se sentimos vivendo dentro delas. O bife e a pipoca, O galo o almoço, o alfinete de fraudas, O guarda-chuva. (Maciel)

O posicionamento de Maciel confirma todos os outros aqui elencados. Ao afirmar que, no momento da leitura, ele se sentia dentro das histórias, esse aluno explicita em síntese todo o seu envolvimento na experiência. Inferimos com esta resposta que foi um envolvimento em que houve aprendizagem e prazer.

Esses relatos trazem uma gama de significados, produzidos pela turma, de acordo com a sua história de leitor literário. Conforme nos diz Abreu (2000, p. 129), “O gosto e a apreciação estética não são universais, mas dependem do universo cultural no qual se inserem os sujeitos”. Desse modo, levando em consideração a história de leitor de cada aluno e o contexto em que eles estavam inseridos, acreditamos que, de forma geral, com base nestes depoimentos, os alunos tiraram um sentido do texto literário, e, principalmente, atribuíram-no um sentido maior. Todos foram unânimes em afirmar que a obra lhes causou um efeito benéfico. Eles riram, brincaram, se encantaram, viajaram, aprenderam, ficaram felizes, enfim, confirmaram sua humanidade.

Para a análise da experiência de leitura, é preciso, portanto, diferenciar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor:

Ou seja, entre o efeito, como o momento condicionado pelo texto, e a recepção, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade (JAUSS, 1979, p. 49-50).

Dessa forma, o horizonte de expectativa interno ao texto, uma vez que derivado do próprio texto, foi reconstruído pelos próprios ao serem incitados a mostrar o que compreenderam da novela. Entretanto, como o horizonte de expectativa social é mais problemático de ser estabelecido, ele foi reconstruído a partir das declarações a respeito da experiência de leitura da obra *A Bolsa Amarela*.

3.3.4. Releitura da professora titular

A professora titular da turma desempenhou uma função relevante no desenvolvimento da experiência. Contribuiu significativamente dando sugestões, nos ajudando no planejamento e na

execução das aulas. Ela é uma profissional que concebe a literatura como um instrumento que produz prazer, fruição e desenvolvimento no ser humano. É uma leitora madura, uma leitora que conforme reler o texto, constrói uma nova significação para a obra e para si própria, como podemos perceber no seu posicionamento. Vejamos:

Foi uma experiência prazerosa, pois tive a oportunidade de reler *A Bolsa Amarela*, e o que é melhor, com as reflexões de uma pessoa que conhece melhor a autora e sua obra, como no caso da aula em que pudemos refletir sobre intertextualidade, poesia, pontos onomásticos...

Um dos vários pontos positivos foi que ao final da nossa experiência os alunos tiveram a oportunidade de terem nas mãos o livro como um todo (mesmo em xerox). Também compartilharam suas experiências e suas leituras.

No entanto, alguns encontros foram fragmentados, o que permitiu que alguns se dispersassem e não fizessem uma leitura mais significativa.

Quanto a mim, tive o prazer em contribuir de alguma forma para que a leitura seja estudada... e pesquisas nesse âmbito realizadas, como também ajudar uma pessoa amiga em seus trabalhos acadêmicos.

Embora a professora já tivesse lido *A Bolsa Amarela*, essa leitura atual produziu uma nova significação para a obra e para ela. O posicionamento da professora (ver anexo H) nos remete ao que Amorim (2002, p. 67) fala de que “o texto não é algo isolado do mundo. Sua significação mobiliza idéias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto.” Concordamos com esta afirmativa e acreditamos que a experiência estética realizada representou um novo contexto de leitura da obra e proporcionou à professora uma ampliação dos sentidos que ela havia atribuído ao texto na primeira leitura. Conforme ela afirma, discutimos além do tema, outros elementos que fazem parte da tessitura da obra, a exemplo de algumas questões presentes no exercício de leitura (ver anexo F). O estudo desses elementos representou uma descoberta para esta professora.

Como leitora madura, ela percebeu a importância de os alunos serem presenteados com o livro (talvez este seja o primeiro livro de cada um dos alunos e o incentivo para que adquiram outros.), compartilhem experiências e leituras. Percebeu, também, que para haver uma leitura mais significativa de uma obra é preciso que o leitor esteja envolvido e concentrado no momento da leitura. Embora ela tenha afirmado que em alguns momentos sentiu dispersão de alguns alunos e falta de uma leitura mais significativa do texto por parte deles, esta professora atribuiu à leitura: prazer, reflexão, conhecimentos e partilha de experiências.

Esta professora é coerente em seu posicionamento, mostra-se crítica, reflexiva e consciente acerca da função social da leitura literária. Ela entende que a literatura proporciona ao ser humano apreender a si e ao mundo.

3.3.5 A transcrição dos relatos gravados em fita de áudio

Essa experiência foi ótima. É bom trabalhar um novo método de ensino, assim nós nos desenvolvemos mais ainda e conhecemos novos escritores e seus livros por exemplo. *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes. Esse período que convivemos eu gostei muito principalmente na aula em leitura. Só acho ruim é que já acabou. (Alex)

Eu gostei muito de realizar essa experiência de ler alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostei muito pra mim eu que vivi esta história a gente se aventurou nesta história bastante, foi bem divertida a gente brincou riu com as histórias do Guarda-chuva, do Alfinete, do galo que só pensava em briga que o pensamento dele foi costurado, eu já tinha lido alguns outros livros mas nunca tinha gostado tanto como eu gostei dos livros de Lygia Bojunga Nunes. (Mirtes)

Essa experiência para mim foi sensacional, porque a leitura vem se desenvolvendo mais e mais, e também a escrita que também é importante, depois dos textos distribuídos na sala [...] a minha vontade de ler foi aumentando cada vez mais e desenvolveu muito a minha leitura. Toda vez que eu fazia a leitura eu sempre tinha uma história para contar e assim vinha se evoluindo a vontade de ler.(Priscila)

Esses posicionamentos que foram gravados em fitas de áudio (ver foto em anexo I) corroboram com as demais opiniões analisadas. A recepção e o efeito significativos da obra *A Bolsa Amarela* foram justificativas de que “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 1993. p. 15). Isto é, se o texto não tivesse produzido alguma sensação, reação ou efeito nos alunos, ele não teria sido tão bem acolhido pela turma. O texto só foi relevante porque recebeu do leitor e produziu nele um sentido.

3.3.6 As reações durante a leitura

A turma sempre se mostrou atenta e receptiva à leitura realizada. Ao abrirmos espaço para as discussões, procurávamos sempre estimular uma vivência dos alunos com o texto de forma que a experiência os enriquecesse como leitores, sem que houvesse cobranças ou finalidades imediatistas. Queríamos que eles entendessem que a leitura literária é uma descoberta contínua e conseguimos que eles se posicionassem de forma espontânea e gratuita. Assim conseguimos anotar diversas reações porque, conforme Iser (1996, p. 07), no sentido restrito, a recepção se refere à assimilação documentada dos textos e é, por conseguinte, “extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão dos textos”. Essas reações e atitudes foram anotadas por nós. Assim registramos quando ora eles riam de algum episódio, ora ficavam tristes, outras vezes diziam que aquilo era *fantasia demais*. Essa interação entre a turma e o texto foi citada em alguns depoimentos. Dentre elas três nos chamaram a atenção. A do aluno José que aparentemente passivo nas aulas, (assistiu todas) revelou um sentido para a obra ao afirmar que:

Em primeiro lugar, eu nunca tinha lido livros de Lygia Bojunga Nunes. Para ser uma escritora de livros de literatura, até que é bem legal os livros. Não é que eu esteja criticando a literatura, pra mim é uma coisa sem lógica, não passa de uma mentira disfarçada, em que o escritor passa para o papel uma série de coisa que nunca existiram e não vão existir.

A atitude de José mostra que, mesmo não gostando de literatura, ele atribuiu significação para os textos lidos. Mesmo desconhecendo a função social, formadora e emancipatória da literatura, quando diz que literatura *é uma coisa sem lógica, não passa de mentira disfarçada [...]* coisa que nunca existiram e não vão existir, percebemos que o horizonte de expectativas de José foi superado, esse aluno não se identificava com a literatura mas achou *bem legal* os textos lidos. Ao invés de ele ter uma atitude de estranhamento diante do texto, ele demonstrou aceitação e sua suposta passividade ou indiferença observadas nas aulas não se confirmaram no momento de seu posicionamento. Acreditamos que José tenha razões suficientes para ter construído essa relação de afastamento com a leitura literária. Talvez pela forma, provavelmente equivocada, com que esta arte lhe tenha sido apresentada, em sua história de leitor. Pois. “diferentes leitores,

espectadores, ouvintes, produzem apropriações inventivas – e diferenciadas dos textos que recebem” (ABREU, 2000, p. 124). A literatura, ainda não significa para José, o que representa para a grande maioria da turma.

Outra reação que presenciamos e que foi ratificada com depoimentos, foi o fato de os alunos acharem engraçados alguns trechos devido a sua inverossimilhança com o real, mas ao mesmo tempo adentravam na aventura da personagem-narradora, compartilhando com ela seus conflitos e sua emancipação a exemplo do que nos falou Pierre: “quem já viu um galo falar?” Ou o que José afirmou: “É muita fantasia, isso não existe não.” Nesse momento, compartilhamos com eles que os fatos eram engraçados e irreais e que a autora teria se apropriado da linguagem de forma criativa e inventiva para questionar situações reais.

Por sua vez, a reação de identificação da leitora Newman com a personagem Raquel “eu me lembro quando eu era criança e também conversava com amigos imaginários” reafirma a capacidade que a literatura tem de nos transportar para outros lugares. Nesse caso, Newman voltou à infância, compartilhou com Raquel de momentos fantasiosos e imaginários.

As reações de estranhamento e ao mesmo tempo de identificação com a obra foram sempre explicitadas pelos alunos durante a leitura. Conforme podemos ratificar com o posicionamento de Pierre.

Eu gostei muito de ter participado da leitura dos textos que foi apresentado em classe.

A parte mais que, eu gostei do texto foi do galo dentro da bolsa. Eu achei muito engraçado quando a personagem imaginava coisas sem fundamento mas ao mesmo tempo tinha coisa muito interessante.

Ao afirmar que achou muito engraçado, sem fundamento, mas que tinha muita coisa interessante, esse leitor mostra uma atitude diante do texto de cumplicidade porque ele interagiu com o texto conseguindo ver mesmo nas *coisas sem fundamento* algo interessante.

Pierre e os demais leitores dialogaram com o texto realizando uma leitura emocional, mas também racional e crítica. A apreciação foi positiva, foi sensível, e eles souberam com discernimento se posicionar oralmente, nas discussões, como também nos textos escritos, embora tenhamos percebido uma certa limitação quando eles precisaram expressar seus pontos de vista na linguagem escrita. Dessa forma, acreditamos que a experiência estética realizada com *A Bolsa Amarela*, na turma da 8ª série, da Escola Conselheiro José Braz do Rego vem ratificar, conforme

Coelho (1980, p. 4), que “O impulso para ‘ler’, para observar e compreender o espaço em que vive e os seres e coisas com que vive, é como sabemos algo inerente ao ser humano” .

A assiduidade da turma, o interesse, o prazer em realizar a experiência de leitura da obra *A Bolsa Amarela*, atribuindo um sentido ao ato ratificam a relevância da literatura para o homem, pois o texto literário, é “um texto que expressa a vontade de criar, um texto que mais interroga do que responde, um texto opaco, cuja obscuridade misteriosa é o desafio que propõe a busca de sentido.”(LEITE; MARQUES, 1985, p. 43). Dessa forma, o texto literário corresponde a um instrumento capaz de nos levar a assumir o papel de leitor sujeito, um crítico, como também estimular a nossa criatividade a nossa fantasia, o nosso desvelamento. Com sua estrutura, marcada pelos espaços em branco e pela incompletude de sua cerne, *A Bolsa Amarela* buscou em cada leitor, com sua singularidade e mundividência, o preenchimento dos seus vazios. O leitor, por sua vez, ao dar forma e sentido, complementando a tessitura da autora, recebeu do texto um sentido para si próprio. Conforme podemos ver na fala dessa aluna:

A bolsa amarela era para a Raquel colocar todos os seus desejos. Eu achei interessante que além dos desejos ela colocava os personagens de suas histórias e falava com eles. Ela tinha muita imaginação, qualquer objeto para ela tinha vida. A Raquel achava que o galo (Afonso) o guarda-chuva e o alfinete eram iguais a ela, sozinhos; por isso ela queria ajudar, se dedicava a eles, mas na verdade ela era quem precisava de ajuda e de atenção por parte da família. Sei lá se isso não era só impressão que ela tinha que a família não gostava dela, e que não lhe dava atenção? Minha família sempre me deu atenção mas eu também tinha uma amiga imaginária, o seu nome era Bety. Quando eu estava conversando com Bety eu não via mais nada na frente, era como se eu estivesse em outro lugar, às vezes meu pai e meus irmãos ficavam horas me olhando conversar com Bety e eu nem via eles na minha frente, era muito engraçado quando meu pai batia palmas aí eu despertava. Era como se eu estivesse sonhando. Aí todo mundo ria junto. Sei lá isso é coisa de criança mesmo. Será que não era, por que eu não tinha uma irmãzinha só tinha irmão e ficava sozinha em casa? Talvez. (Newman)

Newman interagiu com a obra preenchendo os vazios do texto, completando o significado que o texto permitia. Ela se debruçou sobre a obra ao tempo em que viu sua experiência de vida representada nas atitudes da personagem. Ao relacionar sua experiência própria com a vida de

Raquel, a aluna demonstrou uma atitude reflexiva sobre a criança usar a imaginação e se aventurar na fantasia em busca de realizações. Ao refletir sobre a condição de Raquel, a aluna voltou ao tempo de infância, releu sua própria relação com o mundo do faz-de-conta e, mesmo dizendo que se dava bem com sua família, ela reflete que talvez buscasse na relação com a amiga imaginária a companhia de uma irmã que ela não tinha. Newman entendeu que o universo imaginário de uma obra literária é capaz de nos levar a refletir sobre nossa existência. Este posicionamento da aluna ratifica que ao lermos uma obra, estabelecemos uma relação mútua de troca de significações e de complementação. Nos guiando pela leitura que o texto autoriza, complementamos o sentido da obra e recebemos dela um efeito de distanciamento ou de identificação. Desse modo, a leitura realizada por essa leitora pode ser vista como um crescimento intelectual significativo para a sua vida. Representa uma experiência de vida em que a aluna não apenas recebeu uma significação do texto, mas produziu a significação para *A Bolsa Amarela*. Isso comprova os pressupostos de Jauss quando ele defende que o texto se concretiza mediante o intercruzamento de duas vertentes ou horizontes de expectativas: o horizonte implícito de expectativas, com caráter intraliterário lançado pela obra, relacionado com o efeito, e a recepção, de caráter extraliterário, condicionada pelo leitor. Assim, a leitura dessa obra representou, além de um instrumento de emoção, diversão e prazer, um meio de ampliação de mentalidade e percepção crítica da leitora acerca da importância da leitura literária em sua vida, como também, essa leitora concretizou a obra no momento em que a leu.

Acreditamos que Newman e os demais alunos vivenciaram a relação mútua de troca com a novela *A Bolsa Amarela* e demonstraram a identificação que tiveram com a obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por tradição entendemos o processo histórico da práxis artística, então ele deve ser pensado como um movimento que começa com a recepção, que apreende o passado, trá-lo de volta a si e dá ao que ela assim transformou em presente, traduziu ou ‘transmitiu’, o sentido novo que implica seu esclarecimento pela atualidade.

Hans Robert Jauss

Conforme afirmamos na introdução, os nossos objetivos com esse estudo, foram: analisar o tema das relações familiares na obra *A Bolsa Amarela* por acharmos significativa a forma como Lygia Bojunga introduz esta temática nas obras, especificamente no que diz respeito ao papel da criança no contexto familiar, e realizar uma experiência estética com a leitura de *A Bolsa Amarela* em uma turma de oitava série de Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, no município de Boqueirão, tendo como base norteadora para a realização estética, os pressupostos de Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1979).

Assim, buscamos ver na experiência de leitura o efeito que *A Bolsa Amarela* produziu nos leitores, a significação que esta obra teve para os alunos que a leram, como também, mediante a interação entre leitor e texto, a ocorrência da concretização da obra.

Ratificamos, após a nossa pesquisa, o posicionamento de Jauss (1979) acerca de que a completude de uma obra se dá mediante a participação efetiva do leitor, somente através da leitura, a obra se materializa. Por sua vez, a obra também causa um efeito no leitor, por mais passivo que ele possa parecer, ele traz em si uma significação advinda da obra. Dessa forma procuramos, no contexto da sala de aula onde realizamos a experiência, trabalhar o texto *A Bolsa Amarela*, de forma que a obra pudesse servir, entre outras coisas, para recuperar a emoção da turma ao lerem o texto literário e levá-la à descoberta que o texto pode oferecer deu um significado para suas vidas e suas relações sociais dentro e fora da escola.

Os depoimentos dos alunos refletiram suas concepções e o efeito que a obra lhes causou, bem como as expectativas que foram construídas ao longo da leitura. As reações observadas nos explicitam que os alunos relacionaram o que leram com suas vidas. Demonstraram tristeza,

alegria, questionamentos, críticas, sonhos, enfim, realizaram uma leitura em que afloraram sentimentos e emoções, mas também uma leitura racional. Assim acreditamos que a obra *A Bolsa Amarela* se materializou mediante a leitura com os alunos.

Concluimos que as condições políticas-econômicas, ideológicas e formadoras dos alunos e alunas são as responsáveis pela forma como eles e elas recepcionaram a obra, e pelo conseqüente efeito por ela causado. Os depoimentos da turma mostraram que os alunos têm consciência da falta que a leitura literária faz em suas vidas e quanto foi enriquecedora a experiência estética realizada na sala.

Foi possível perceber que a habilidade de leitura literária ainda é limitada na turma, talvez por falta de um incentivo maior por parte do sistema escolar que ainda não está conseguindo mediar de forma eficaz o encontro do aluno com o texto literário. Somem-se a isso as especificidades individuais de cada aluno que apresenta toda uma gama de carências financeiras, instrucional, dentre outras. Isso, conseqüentemente, interfere negativamente para a construção de um leitor e de um sujeito emancipado, capaz de ler não apenas a leitura literária, mas a leitura do mundo e de si mesmo.

Ao conseguir o envolvimento dos alunos com o texto, rindo de algum episódio, entristecendo-se com outros, descobrindo com a personagem Raquel crescimento interior, pudemos perceber o quanto é empobrecedor e frustrante o fato de o sistema escolar, geralmente, não proporcionar ao aluno viver o lúdico, a fantasia e as emoções contidas no texto literário. Foi principalmente nos momentos de suspense, de tristeza das personagens, de angústia de uma outra situação apresentadas no texto, que percebemos o envolvimento de todos. Fazendo-nos viver a experiência do texto e do grupo, percebemo-nos como pessoas que também se entristecem e riem, criticam, questionam, refletem, enfim, significamos o texto. Desse modo percebemos o quanto foi gratificante a realização da experiência de leitura da novela *A Bolsa Amarela* com a turma. Conseguimos nos envolver com a leitura, compartilhar experiências, construir novas experiências e nos enriquecer como seres humanos, percebendo que a leitura literária abre caminhos para refletirmos sobre determinada realidade e sobre nós mesmos.

Sabemos, entretanto, que a indiferença da Escola à literatura, proporcionando essa carência não é um problema isolado. Esse problema é complexo e abrangente e merece reflexões e soluções. O sistema escolar precisa reconhecer que o texto literário é um agente de mudança e de construção do homem e precisa ser utilizado para a construção de conhecimentos dos alunos,

não como instrumento moralizante ou pedagógico, mas como um caminho para a compreensão e significação de si próprio e do mundo, um conhecimento totalizador, interpretativo da realidade do homem.

Os alunos que apenas estão habituados aos subprodutos da cultura de consumo não adentram o imaginário, a possibilidade criadora da literatura, e, desenvolvem hábitos perceptivos restritos e conservadores que os induzem à passividade. No entanto, esses alunos têm direito ao acesso a níveis mais profundos do texto literário, que os levará à participação e ao envolvimento com emoções, conhecimentos, descobertas que a literatura proporciona. Esse direito à literatura foi questionado por alguns alunos, que em seus depoimentos, pedem e sugerem que esta arte faça parte de seu cotidiano. A leitura de *A Bolsa Amarela* levou os alunos a demonstrarem a carência que eles têm da literatura em suas vidas. Esses posicionamentos nos guiam para uma reflexão acerca do nosso papel enquanto educadores e da nossa responsabilidade em sermos mediadores entre a literatura e os homens que pretendemos formar. Devemos ser, portanto, os propagadores da leitura literária na escola, para no futuro, colhermos como frutos da nossa ação, os leitores literários.

Dessa forma, podemos afirmar que alcançamos os objetivos almejados e que essa pesquisa serviu para refletirmos sobre o nosso papel de leitores e propagadores da leitura literária. Ela nos mostrou que devemos realizar um processo contínuo de encontro entre os alunos e a literatura, para que eles consigam se aproximar de forma efetiva dessa arte e se tornarem leitores sujeitos e descobridores de si e do outro. Essa pesquisa foi uma experiência de descobertas, reflexões e prazer.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. In: NUNES, Lygia Bojunga. *A casa da madrinha*, Rio de Janeiro: Agir, 1996.

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça e VERSIANI, Lilia. *No fim do século, a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

AGUIAR, Vera Teixeira de; CATTANI, Maria Izabel. Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 4.ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros] . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

AMORIM, José Edílson de. Leitura, Análise e interpretação. In: PINHEIRO, José Hélder (org.) *Pesquisa em literatura*. Campina Grande : Bagagem, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASFORA, Margaret de Araújo. *Lygia Bojunga Nunes e a Renovação da Literatura Infantil Brasileira*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1988.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do livro S.A. 1980.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 14.ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1990.

BORDINI, M. Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Solange Maria Moreira de. *Os eus que se (re) velam: A escrita malabarista em Corda Bamba, de Lygia Bojunga Nunes*. – (Centro Universitário de Belo Horizonte/ UNI-BH), Estudos Lingüísticos XXXIII, 2004.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. 8. ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, 200 ; Publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. A literatura e a formação do homem. In: REMATE DE MALES. Rev.do Instituto de

Estudos da linguagem – UNICAMP – Departamento de Teoria Literária. São Paulo, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/ juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil Contemporâneo*. 3.ed. Refundida e ampl. São Paulo: Quíron, 1985.

_____ et al. *Literatura infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Rev. n° 63. out/dez, 1980.

_____. Literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: COELHO, Nelly Novaes et al. *Literatura infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Rev. n° 63. out/dez, 1980.

_____. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

FARIA, Maria Alice. Literatura, literalidades e os livros para criança e jovens. In: FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da Língua portuguesa*. 5. ed. rev. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO BRAGATTO, P. *Pela leitura literária na escola de 1º grau*. São Paulo: Ática, 1995.

FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 4.ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler : em três artigos que se completam*. 45. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. Rev. São Paulo: Global, 2004.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*, 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 1.ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes Ltda.1991.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder : as crianças e a literatura fantástica*. [tradução de Carlos Rizzi; direção da coleção de Fanny Abramovich]. São Paulo: Summus, 1980.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (seleção, coordenação e tradução) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1979.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.1. trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (seleção, coordenação e tradução) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil* 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa. A leitura literária na escola. In: LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina.(org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 4.ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985.

LEITE, Ligia chiappini morais; MARQUES, Regina Maria Hubner. Ao pé do texto na sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 4.ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MACIEL, Severina Diosilene da Silva. *As famílias de Angélica*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, 2004

MAGALHÃES, Lígia. Jogo e iniciação literária. IN: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática,1987.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. 24. ed. 5. impr. São Paulo: Ática. 2002

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA / Ministério da Educação.Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

_____. (org.). *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

PINTO, Márcia de Oliveira. *O abraço de Lygia Bojunga Nunes*. Campina Grande: Correios das Artes da Paraíba. 2006.

PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SANDRONI, Laura Constância. A estrutura do poder em Lygia Bojunga Nunes. In: COELHO, Nelly Novaes et al. *Literatura infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Rev. n° 63. out./dez. 1980.

_____. *De Lobato a Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

_____. In: NUNES, Lygia Bojunga. *Tchau*, Rio de Janeiro: Agir, 1995.

VENOSA, Sílvio de Salvo. *Direito Civil : direito de família*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

YUNES, Eliana. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Globo, 2003

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática. 1989.

_____. *A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 4.ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985.

Bibliografia de Lygia Bojunga

NUNES, Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela*. 33.ed., 5.impr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

_____. *A cama*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

_____. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

_____. *Angélica*, 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. *Aula de Inglês*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. *Corde bamba*. 22.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

_____. *Fazendo Ana Paz*. 6.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

_____. *Feito à mão*. 2.ed. 2. impr. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

_____. *Nós três*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

_____. *O abraço*, 4.ed. 2. impr. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

_____. *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

_____. *O sofá estampado*. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

_____. *Os colegas*. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

_____. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

_____. *Seis vezes Lucas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

_____. *Tchau*. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

APÊNDICES

Apêndice A

Apêndice B

Apêndice C

ANEXOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – Boqueirão,
PB.

Disciplina: Língua portuguesa

Série: 8ª turno: noite

Anexo - D – Fotos da turma conhecendo uma coletânea de livros de Lygia
Bojunga Nunes.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – Boqueirão,
PB.

Disciplina: Língua portuguesa

Série: 8ª turno: noite

Anexo - E – Fotos da turma lendo *A Bolsa Amarela*

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – Boqueirão,
PB.

Disciplina: Língua portuguesa

Série: 8ª turno: noite

Anexo - H – Fotos da turma produzindo os posicionamentos escritos e oralmente.

Apêndice - A

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – Boqueirão, PB
Disciplina: Língua portuguesa
Professora: Severina Diosilene da Silva Maciel
Série: 8ª Turno: noite

Questionário

Caro (a) colega,

Visando conhecer melhor sua história de leitor e assim poder traçar seu perfil, gostaria que você respondesse a este questionário.

Desde já agradeço a sua colaboração.

Nome -----

Idade entre: 14 e 17 anos ()

17 e 19 anos ()

mais de 19 anos ()

Quando criança, você lia livros de literatura infanto-juvenil? Em caso afirmativo, poderia citar algum que você leu?

Qual o gênero literário que você mais gosta de ler?

Poema () conto () romance ()

Qual tipo de história você gosta mais?

Policial () suspense () romântica () humorística ()

Qual a narrativa ou poema que você leu recentemente?

Como você desenvolveu o gosto por leitura literária?

Através da família () através de amigos () na escola () sozinho ()

Onde você mais lê?

Na escola () em casa () em bibliotecas () em outros lugares ()

Cite alguns escritores que você conhece.

Cite alguns livros ou poemas que você mais gosta.

Há algum livro que você gostaria de ler e ainda não teve a oportunidade? Cite-o

Você poderia dizer quantos livros aproximadamente você leu nos últimos oito meses?

Você poderia fazer um comentário crítico sobre algum livro que você leu?

Você conhece algum livro de Lygia Bojunga Nunes? Caso conheça, cite-o.

Apêndice - B

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – Boqueirão, PB

Disciplina: Língua portuguesa

Professora: Severina Diosilene da Silva Maciel

Série:8ª Turno: noite

Exercício – Uma possível leitura de *A Bolsa Amarela* Lygia Bojunga Nunes

“Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto...Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.”

1. Essa é a fala da narradora-personagem Raquel da história *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela* conta a história de uma menina que vive em conflito com a família e com isso, desenvolveu três vontades. Que vontades são essas?
2. Raquel pertence a uma família de classe média, é filha caçula de um casal que tem quatro filhos. Como Raquel se relaciona com a família dela?
3. Como em outras narrativas dessa autora, vemos nessa narrativa o aspecto de renovação de Lygia Bojunga Nunes ao inserir em suas narrativas uma história dentro de outra. Em *A Bolsa Amarela*, temos a presença de várias narrativas simultâneas. Dessa forma, podemos identificar na referida narrativa pelo menos dois enredos quais são?
4. Narrada em primeira pessoa, *A Bolsa Amarela* tem seu início com o desabafo de Raquel sobre o seu conflito familiar e a exposição de seu desejo de esconder as três vontades que ela não controla. Nessa parte ela escreve uma carta a André. Quem é esse amigo? O que ela escreve na carta?
5. As cartas são descobertas pela família de Raquel e ela se vê proibida de escrever. O que ela resolve fazer?
6. Algum tempo depois Raquel ganha uma bolsa amarela e a partir desse momento ela começa a vivenciar grandes aventuras com seus amigos. Quem são esses amigos? Cite alguma aventura vivida por eles.
7. Quanto ao tema, percebemos em *A Bolsa Amarela* que Lygia Bojunga Nunes trabalha vários temas. Cite alguns.
8. Quanto ao código onomástico, vemos Bojunga escolher os nomes das personagens, enfocando em cada um desses nomes todo um conjunto de significação, a palavra Rei denota alguém superior, que impera, ordena, nome que o galão criado por Raquel achou que não combinava com ele, ele era o oposto do significado do seu nome por isso ele mesmo achou que Afonso lhe caia melhor. Cite o trecho que ocorre esse fato.
9. A presença de neologismo também foi bastante explorada na narrativa, o que mostra o brincar com a linguagem dessa escritora. Dessa forma, ela dá vida às palavras dando-lhes novo sentido. Exemplifique algum neologismo na narrativa.
10. Outra técnica de linguagem muito utilizada por Nunes foi a personificação (objetos agem como humanos) Cite caso desse tipo.
11. Defina o comportamento de Raquel no início da história e no final.

Apêndice - C

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego - Boqueirão, PB.

Disciplina: Língua portuguesa

Professora: Severina Diosilene da Silva Maciel

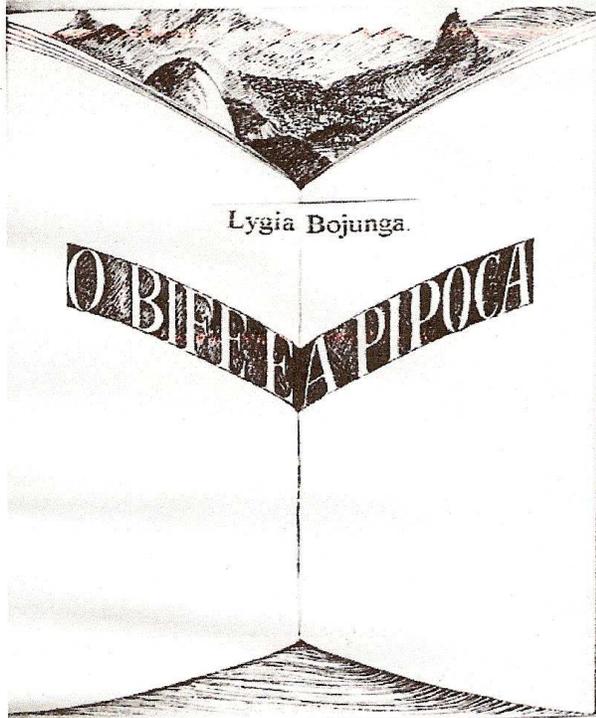
Série:8^a Turno: noite

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com você alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça e comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.



Carta de amigo

Olá Guilherme!
 Outro dia eu cheguei no meu país
 ver onde é que é Botafogo. Pôxa, co-
 mo a gente ficou longe de você!
 Pôxa eu não tinha nem pensado
 que Botafogo era tão lá no fimzinho
 do Brasil.
 O meu pai diz que mudou mor-
 ta de frio aí no sul quando chega o
 inverno. Então eu pensei que vo-
 cê tem que vir passar as férias de
 julho no Rio. Aqui em casa, é claro.
 Primeiro pra não morrer de frio.
 Segundo pra gente ir junto à
 praia que nem ia antes.
 Hoje foi o primeiro dia de aula.
 Achei tão engraçado você não estar
 lá.
 Lembra? A gente se conheceu
 na primeira série.
 Depois foi junto pra 2º. E você
 falou "você" que no ano que
 vem a gente vai junto pra 3º?

1. 08.08.2008

08.08.2008

É foi. Então combinou que ia jun-
 to pra 4º.
 E foi também.
 E aí nem combinou mais nada
 porque era claro que a gente ia junto
 pra 5º.
 E aí você vai e se muda pro Rio
 Grande do Sul.
 Óia francamente.
 Só você que foi embora: o resto
 da turma é toda a mesma.
 Mas, entraram duas garotas novas.
 Uma é metida à besta. Mas um com-
 pensação se chama Renata que eu acho
 um nome lindo. A outra parece legal,
 mas não desgruda da Renata.
 Assim fica difícil.
 Ah! mas tem uma novidade: nos-
 tra escola agora dá bolsa de estudo pra
 alunos pobres. E então tem também um
 garoto novo: bolsista. Curi dizer que ele mo-
 ra na favela; se chama Turibio Carlos e
 sentou no mesmo lugar que você ven-
 tava. Mas não falou nem olhou pra mim
 quem.
 Quem sabe o emprego do teu pai não dá
 certo e vocês voltam aqui pro Rio?
 Não tô querendo que o teu pai fique sem
 emprego, não é isso, mas é que eu acho
 tão chato não ver mais você do meu
 lado lá na classe.
 E a escola aí é legal?
 Um grande abraço do Rodrigo



Na sala de aula

O professor de geografia perguntou:
 — Como é o seu nome?
 — Turibio Carlos.
 — Como?
 — Turibio Carlos. — Levantou. E levantou também um pouco a voz: —
 Mas lá em casa eles me chamam de Tuca.
 — Quem sabe aqui na escola você também fica sendo Tuca?
 E o Tuca arriscou:
 — Eu topo.
 O professor de geografia resolveu:
 — Então pronto. — E escreveu na ficha: — Tuca.
 A turma riu: era a primeira vez que eles ouviam o Tuca falar: ele não pu-
 nava conversa, não entrava em grupo nenhum, e na hora do recreio ficava
 sempre estudando.
 Foi só a turma rir que o Tuca se encolheu de novo: enterrou o cotovelo na
 carteira, botou a cara na mão, grudou o olho no caderno aberto, e ficou
 achando que a classe tinha rido era do nome dele.
 Quando a aula acabou todo o mundo saiu pro recreio, mas o Tuca nem se
 moveu.
 O Rodrigo foi comprar um sanduiche e voltou pra acabar um trabalho.
 Nem prestou atenção no Tuca; debruçou no caderno e começou a escrever.
 O olho do Tuca foi indo pro sanduiche. Quando chegou lá: quem dir que
 ia embora?
 O Rodrigo pegou o sanduiche, deu uma dentada, e aí viu que o olho do
 Tuca tinha também mordido o pão.
 A boca do Rodrigo foi mastigando.
 O olho do Tuca mastigou junto.
 A boca deu outra dentada; o olho mordeu também.
 A boca foi parando de mastigar; o olho do Tuca foi ver o quê que tinha
 acontecido: deu de cara com o olho do Rodrigo: se assustou; voltou correndo

pro caderno.

De repente o Rodrigo fez um ar meio distraído e estendeu o sanduíche:

— Quer?

O Tuca ficou sem saber o quê que respondia; acabou fazendo que sim. Pegou o sanduíche com as duas mãos. Olhou pro pão. Cravou o dente.

— Pode comer ele todo — o Rodrigo falou. E foi só acabar de falar que o sanduíche já tinha sumido.

O Rodrigo saiu da classe sem dizer nada. Voltou com mais dois sanduíches. Deu um pro Tuca. Se olharam. Comeram quietos. E pela primeira vez o Tuca falou com um colega:

— Nossa! nunca vi tanta manteiga e tanto queijo num pão só.

Começaram a conversar. Primeiro de idade: o Rodrigo tinha 11 anos e o Tuca já ia fazer 14! O Rodrigo olhou espantado pra ele:

— E mesmo?!

— Não pareço não?

— Bom... — e o Rodrigo

até tinha pensado que os dois er

— Sabe que eu era o 1.º da

Outra vez o Rodrigo se esp

adado pra vez que o Tuca estava:

— Foi por isso que eu ganh

O Rodrigo só disse: hum.

O Tuca meio que riu:

— "Escola de rico" feito a

bado. — Mas sabe? eu não ca

— O que?

— Acho que

do, é diferente, sei

pro caderno e espik

— Você não f

— De que jeit

O Rodrigo olh

— Eu tô qui

cação?

A cara do Tuc

que não tinha visto

Naquele dia so

Mas no outro

udo melhor. Era a

gostou; nem viu o tempo passando. A campainha tocou e ele até se assustou:

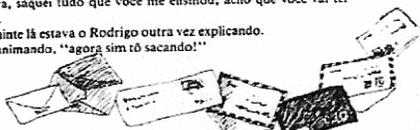
— Já?!

E o Tuca falou:

— Puxa, cara, saquei tudo que você me ensinou; acho que você vai ter que ser professor.

E no dia seguinte lá estava o Rodrigo outra vez explicando.

E o Tuca se animando, "agora sim tô sacando!"



— Ai! não aperta a minha mão assim.
— Se ele me diz, vem te encontrar comigo, mesmo não querendo eu vou; se ele fala que quer me abraçar, mesmo achando que eu não devo eu deixo; tudo que eu faço de dia, cuidar de vocês, da casa, de tudo, eu faço feito dormindo: sempre sonhando com ele; e de noite eu fico acordada, só pensando, pensando nele.

— Ai, não...

— Ele diz eu gosto do teu cabelo é solto; eu digo é justo como eu não gosto, e é só ir dizendo isso pra eu já ir soltando o cabelo; ele diz às 5 horas eu te telefono, eu digo NÃO! eu não atendo, e já bem antes das 5 eu tô junto do telefone esperando; só de chegar perto dele eu fico toda suando, e cada vez que eu fico longe eu só quero é ir pra perto, Rebeca! Rebeca! eu tô sem controle de mim mesma, como é que isso foi me acontecer, Rebeca!! ele me disse que vai voltar pra terra dele e me levar junto com ele, eu disse logo eu não vou! subindo tão bem aqui dentro que não querendo, não podendo, não devendo, é só ele me levar que eu vou. — Botou de palma pra cima as duas mãos da Rebeca e enterrou a cara lá dentro.

Ficaram assim.

— Isso é que é paixão? — Rebeca acabou perguntando.

A Mãe meio que sacudiu o ombro.

Quietas de novo.

— Como é que... como é que ele se chama? essa cara.

— Nikos.

— Que nome esquisito.

— Ele é grego.

— Grego? e você entende o que ele fala?

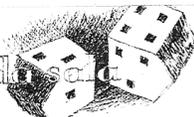
— A gente conversa em francês.

Rebeca ficou olhando pro castelo desmanchado. E depois de um tempo

suspirou:

— E ainda mais essa! com tanto homem no Brasil.

3. No sofá do sofá



A Mãe bateu a porta do quarto e correu pra sala.

Já era tarde da noite, mas Rebeca estava acordada. Ouviu a Mãe soluçando. Levantou; olhou pro Donatelo na cama ao lado: dormindo. Correu pra sala. A Mãe estava jogada no sofá.

— Que foi?!

A Mãe tapou o choro com a almofada; o corpo ficou sacudindo.

— Mãe, que foi, que foi!

Estava escuro na sala. Mas o Pai abriu a porta do quarto e veio luz lá de dentro. Rebeca escorregou pro chão e ficou meio escondida atrás do sofá. O Pai chegou perto e falou com uma voz de raiva, de mágoa, uma voz que a Rebeca nunca tinha ouvido ele falar:

— Você tá chorando por quê? quem tem que chorar sou eu e não você. Não sou eu que tô abandonando a minha família, é você; não sou eu que tô deixando os meus filhos pra lá; é você!

A Mãe tirou a almofada da cara; a voz saiu metade soluço, metade fala:

— Você não tá querendo entender: eu não tô deixando a Rebeca e o Donatelo; um dia eu volto pra buscar os dois.

— Você vai embora com esse estrangeiro pra viver lá do outro lado do mundo...

— Eu juro que eu volto!

— ... mas o estrangeiro não quer as crianças, só quer você.

— Eu sei que eu acabo convencendo ele...

— É se um dia você convence ele aí você vem buscar a Rebeca e o Donatelo.

ta
de l
mor,
mei
pra
la,
ma
gost
do
ma
la,
is
que
é
pra
e
pra
o

lo, não é? Lindo!

— O quê que eu posso fazer? ele não quer que eu leve as crianças agora.

— ELE NÃO QUER!! Então ele agora manda em você. Ele é um deus que desceu do Olimpo pra dizer o quê ele quer e o quê que ele não quer que você faça.

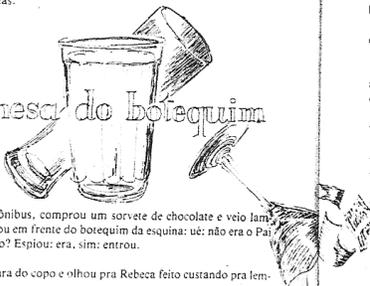
Rebeca franziu a testa, ele é um deus que desceu de onde? E aí o Pai gritou:

— Pois eu também não quero, viu? eu não quero o que você quer. E você vai ter que escolher: ou fica ou leva as crianças com você agora.

— Mas eu não...

— Se você não leva elas agora a lei vai estar do meu lado. Então você escolhe: ou ele ou as crianças.

4. Na mesa do botequim



Rebeca saltou do ônibus, comprou um sorvete de chocolate e veio lambendo ele pela rua. Parou em frente do botequim da esquina: ué! não era o Pai sentado bem lá no fundo? Espiou: era, sim: entrou.

— Oi, pai.

O Pai levantou a cara do copo e olhou pra Rebeca feito custando pra tem.

— Ôôôôôôôô filhinha, o quê que você tá fazendo por aqui?

— Eu nada, e você?

— Eu nada.

O sorvete pingou na calça do Pai.

O Pai ficou olhando triste pro pingo; depois falou:

— Senta. — Mas logo se arrependeu: — Quer dizer, não senta não porque isso aqui não é lugar pra criança.

Mas Rebeca já tinha sentado, e o moço do botequim já tinha trazido um outro copo cheio pro Pai beber. O Pai bebeu, enquanto Rebeca acabava o sorvete, comia a casquinha, dava uma lambida em cada dedo, enxugava eles na saia, e suspirava de pena do sorvete ter acabado. O Pai suspirou também:

— A tua mãe não gosta mais de mim.

Rebeca olhou pra mesa: cheia de copo vazio. Será que era o Pai que tinha bebido aquilo tudo?

— E eu gosto tanto dela! Agora então que ela vai me deixar parece até que eu gosto mais.

Rebeca olhou pro Pai; achou que o olho dele estava parecendo de vidro. — Duvido que esse gringo goste dela do jeito que eu gosto. Nem metade, aposto. Nem metade da metade da me... — Foi se esquecendo da outra metade; ficou olhando pra Rebeca.

— Que que você tá me olhando assim, pai? parece até que você nunca me viu.

— Como você é parecida com ela! Tudo. A boca, o cabelo, o jeito de olhar. E agora que eu tô percebendo: o teu nariz também é igualzinho ao dela, até um pouco de sarda na ponta ele tem, engraçado, eu ainda não tinha reparado. — Debruçou mais na mesa pra olhar pro nariz da Rebeca, derrubou um copo no caminho; desanimou.

Rebeca debruçou também:

— Eu vou pedir pra mãe não ir. Eu vou pedir tão forte que ela não vai, você vai ver.

O Pai fechou o olho:

— Eu queria que o tempo já tivesse passado e que eu já tivesse me esque-

devagar:

- Almoçar na sua casa?
- É.
- Se olharam.
- Então tá.

E foi assim. No sábado ao meio-dia o Tuca estava chegando na casa do Rodrigo. Ele nunca tinha pisado num edifício daqueles: porteiro, tapete, espelho por todo o lado, elevador subindo macio, empregada abrindo a porta pra ele entrar.

Ele entrou.

E quando viu o tamanho da sala; e quando entrou no quarto que o Rodrigo tinha (só pra ele?!), com TV, aparelho de som, armário em toda a parede (uma porta estava aberta, nossal! quanta roupa lá dentro); e quando o Rodrigo perguntou:

— tá com sede?

— tô — e foram na geladeira (que é isso! que cozinha tão grande! que cozinheira de uniforme! que monte de comida lá dentro da geladeira!) e o Rodrigo encheu um copo de suco de laranja:

— toma — o olho do Tuca ficou feito hipnotizado pelo lá-dentro da geladeira.

Quando a porta da geladeira se fechou, o Tuca achou que o Rodrigo não ia achar uma ideia assim tão formidável subir uma favela todinha pra ir comer pipoca lá em cima. Foi nessa hora que o rabo do olho viu os bifes que a cozinheira estava temperando. Era impressão? ou era bife-feito-o-bife lá da esquina? O olho todo virou pro bife e o Tuca foi se esquecendo da vida

5



O bife lá da esquina

Quando o Tuca saía da escola ele ia direto ajudar um amigo a lavar carro.

Quer dizer, não era bem um amigo, era mais um patrão.

Ou melhor, não era bem um patrão, era mais um sócio.

Quer dizer, não era bem um sócio... Um momentinho, vamos começar outra vez: quando o Tuca saía da escola ele ia direto ajudar um cara a lavar carro. O cara era faxineiro de um edifício lá na rua São Clemente. Ganhava salário mínimo. Então, pro dinheiro não ficar assim tão mínimo, ele lavava os carros dos moradores do edifício e ganhava em dobro.

Um dia o Tuca passou por ali procurando um biscate já que emprego ele não encontrava mesmo. Conversa vai conversa vem o faxineiro perguntou se o Tuca não queria fazer sociedade naquele negócio de lavar carro.

— Sociedade como?

— Você pega aí um ou outro carro pra lavar e eu te dou 10% de tudo que eu ganho.

O Tuca achou ótimo. E naquele dia mesmo começou a trabalhar.

Mas aí foi acontecendo o seguinte: mal o Tuca chegava, o faxineiro ia pro botiquim da esquina tomar umas e outras, quando voltava se ajeitava num esquininho da garagem, logo depois "tava roncando".

E o Tuca ficava lavando sozinho tudo que o carro que tinha pra lavar.

Um dia o Tuca achou que estava trabalhando sozinho demais, e que então a tal matemática dos 10% não estava *bem* certa, reclamou.

O faxineiro não gostou.

— Escuta aqui, meu irmão, tem pelo menos 100 moleques que passam todo o dia aí na rua querendo pegar esse emprego que eu te dei. Então você já viu: tá te fazendo um bruto dum favor. Não precisa ficar toda a vida me agrá-

deitando. — Fechou a cara. — Mas também não quero reclamação. Não tá contente pode dar o fora. E já, tá?

Os trocados que o Tuca recebia lá na garagem bem que ajudavam pra ir levando comida pra casa. Então o quê que era melhor, quer dizer, pior: continuar de matemática esquisita ou perder o biscate?

E o Tuca continuou lavando carro.

Às vezes o porteiro do edifício chamava o faxineiro. O Tuca respondia do jeito que tinha sido ensinado:

— Tá lavando um carro lá fora: vou chamar. — E dava uma corrida até o botiquim pra avisar.

O faxineiro virava a cachaca num gole e saía correndo. O Tuca vinha atrás. Mas sem pressa nenhuma. Só pra poder passar bem devagar pelo restaurante lá da esquina. Que beleza! se chamava "O Paraíso dos Bifes". Da calçada a gente via tudo lá dentro pela parede de vidro. Mas não se ouvia nada de tão bem fechado que era, de tão ar condicionado por dentro. E gente comendo, e garçom pra cá e pra lá, e tão gostoso de olhar: assim: feito quando a gente olha pra um aquário. Quem diz que o Tuca resistia? parava, e toca a olhar.

Tinha mesa junto do vidro. E sempre, sempre os fregueses estavam comendo bife.

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| A companhia do bife mudava muito: | com arroz
com salada
com aspargos
com ovo em cima... |
| A cor do bife mudava um pouco: | ao ponto
mal passado
bem passado. |

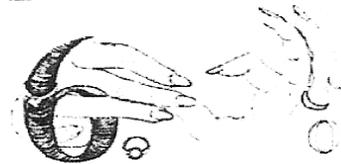
Mas o que nunca mudava era o jeito fundo que o garfo e a faca entravam no bife. Quanto mais o Tuca olhava, mais impressionado ele ficava com aquele jeito fundo do talher ir se enterrando, que carne tão macia era aquela, meu deus? Tão impressionado que um dia ele foi chegando mais pra perto, mais pra perto, acabou achando o nariz no vidro. Um garçom foi lá fora pra dizer que o freguês estava perdendo o apetite de tanto que o Tuca olhava pro bife.

Então, daí pra frente, o Tuca passava devagar e olhava disfarçado. E só

depois de passar muitas vezes e que ele prestou atenção na placa pequena que tinha do lado da porta: era a lista dos bifes da casa: nome, companhia e preço de cada bife. O Tuca era mesmo fraco em matemática: então ele acabou ficando ali um tempão: querendo calcular quantos carros ele ia ter que lavar pra um dia comer um bife daqueles.

Lá na cozinha do Rodrigo o Tuca tinha se esquecido da vida. Só fazia era olhar pros bifes que a cozinheira temperava (o dedo dela também se enterrava na carne de um jeito tão fácil, tão fundo!).

— Tá dormindo em pé, cara? — E o Rodrigo puxou o Tuca. Foram pra sala.



O almoço

Foi só o Tuca sentar pra almoçar que o olho não teve mais sossego: pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, querendo ver disfarçado o garfo que o pai do Rodrigo pegava, o jeito que o Rodrigo dava no guardanapo, o quê que a mãe do Rodrigo fazia com o pratinho do lado, e mais as duas facas, e mais os três garfos, e mais a colher, e nossal! que monte de coisa em cima daquela mesa, e o olho pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, na aflição de copiar.

A empregada servia uma tigelinha pra cada um. O Tuca viu todo o mundo começando a comer. Será que o almoço era aquilo e pronto? Olhou de rabo de olho pra mãe do Rodrigo. Ela estava botando um tiquinho de manteiga no pão. O Tuca foi ficando hipnotizado outra vez: a mãe dela tinha um anel em cada dedo.

A mãe do Rodrigo viu que o olho do Tuca não largava a mão dela: quis se livrar: perguntou:
 — Você também é que nem o Rodrigo? filho único?
 O Tuca acordou:
 — Hmm?
 — Você também é filho único?
 — Não: eu tenho dez irmãos.
 A mãe do Rodrigo se engasgou pequeno:
 — Dez?!!
 O Tuca fez que sim, hmm!! que coisa mais gostosa era aquela da tigela.
 — E o seu pai? o quê que ele faz?
 O Tuca sentiu a testa suando. Em vez de responder esvaziou a tigelinha.
 A empregada levou as tigelas e trouxe o resto da comida. Botou tudo na frente da mãe do Rodrigo.
 A mãe do Rodrigo ia servindo e a empregada ia distribuindo os pratos.
 O Tuca ficou olhando pro enorme bife que tinha chegado na frente dele. Enxugou a testa com a mão. Enxugou a mão no guardanapo. Meio que tomou fôlego. Pegou o garfo e espetou no bife, ah, que coisa mais linda: tanta força pra quê?! o garfo tinha se enterrado macio que só vendo, e o Tuca, entusiasmado, pegou a faca pra cortar o bife do mesmo jeito que o irmão mais velho (carpinteiro) pegava o serrote pra cortar madeira. Atacou! O bife não aguentou: escorregou pra fora do prato, deslizou pela toalha levando de companhia um ovo frito, duas rodélas de beterraba e um monte de grão de arroz. Foi tudo se estatelar no tapete. Que era bege bem clarinho.
 — Ai! — o Tuca gemeu. E mais que depressa levantou pra catar o almoço do chão.
 — Deixa? — a mãe do Rodrigo mandou. E tocou um sininho.
 A empregada veio; primeiro disse chi! depois perguntou:
 — Não é melhor botar um pouco de talco aqui no tapete pra chupar a mordura?
 — E melhor sim. — A empregada saiu correndo. — E vê se dá pra fazer outro bife pro menino!
 — Não precisa não: por favor! — o Tuca pediu.
 — Me dá aqui o seu prato. — A mãe do Rodrigo estendeu a mão.

36

O Tuca ficou olhando outra vez pros anéis; a fome tinha sumido; e tinha aparecido uma vontade danada de fazer que nem a fome e sumir também.
 O pai do Rodrigo resolveu puxar conversa:
 — O Rodrigo contou que você ganhou uma bolsa do governo. — O Tuca fez que sim. — Você teve sorte, rapaz, aquela escola custava uma nota firme. — O Tuca fez que não. — E livro, caderno, todo o material escolar: eles também dão? — O Tuca fez que sim. — Tudo?! — O Tuca fez que sim. — Mas que sorte!! Você está acompanhando bem o ensino lá? — O Tuca fez que não.
 A empregada voltou com uma lata de talco e uma escova: despejou talco no tapete; a sala ficou perfumada.
 — Boto mais?
 A mãe do Rodrigo levantou:
 — Será que é preciso? — Examinou o tapete. — Passa a escova aqui pra ver se não ficou nenhuma manchinha.
 A empregada passou.
 — Ainda tem mancha, sim senhora. Posso botar mais?
 — Mas dizem que tapete não gosta de talco demais. — Virou pro pai do Rodrigo: — O quê que você acha, meu bem?
 — O quê?
 — Bota ou não bota mais talco?
 O pai do Rodrigo levantou pra examinar o tapete.
 — Olha, aqui saiu tudo — a empregada falou. E escovou mais um pouco.
 — Pode botar mais um bocadinho aqui — o pai do Rodrigo mandou.
 E quando a empregada virou a lata a tampa de furinho caiu e o talco todo se despençou no chão (saiu até nuvem de talco voando pela sala).
 — Chi! — o Rodrigo levantou.
 — Depressa, depressa! vai buscar o aspirador. — a mãe do Rodrigo mandou.
 A empregada saiu correndo. O pai do Rodrigo se abaixou:
 — Escova aqui, ô, ô — e deu a escova pra mãe.
 O Rodrigo apontou com o pé:
 — Aqui é que tem um monte, ô.
 — Ah, coitado do meu tapete! é talco demais: ele vai ficar manchado, apostoi.

37

A empregada voltou correndo com o aspirador. Ligou.
 — Passa aqui!
 — Aqui, ô!
 — Não: primeiro aqui!
 O Tuca e a mesa do-almoço se olharam feito se despedindo; o guardanapo enxugou um suor que pingava da testa; a cadeira foi pra trás pra deixar o Tuca levantar. E de pé, olho no tapete, o Tuca ficou vendo o aspirador funcionar.



Assim que eles saíram do edifício o Tuca foi logo dizendo:
 — E melhor a gente ficar aqui por baixo: tá muito calor pra subir o morro.
 Mas o Rodrigo não topou:
 — Você não disse que tem uma porção de irmãos? Então? vai ser legal ao néber eles todos. Vem!
 Falaram pouco até chegar no morro.
 O caminho que subia era estreito. O Tuca foi na frente. Quase correndo. Feito querendo escapar da discussão que crescia lá dentro dele: um Tuca dizendo que amigo que o amigo não tá ligando se a gente mora aqui ou lá; o outro Tuca não acreditando e cada vez mais arrepellido da ideia de ir comer pipoca.

38

E atrás dos dois lá ia o Rodrigo, querendo assobiar pra disfarçar. Querendo mas não podendo, já estava botando a alma pela boca de tanto subir.
 Quantas vezes, com a luz de tudo que é barraco se espalhando pelo morro, o Rodrigo tinha escutado dizer: que bonito que é favela de noite! as luzes parecem estrelas.
 E o Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo que passava: bonito? estrela? cadê?!
 Não era à toa que quando caía chuva forte sempre falavam de barraco desabando no morro, e o Rodrigo parava no caminho pra ficar vendo como e que alguém podia morar num troço tão parecendo que ia despencar se a gente desse um soprão.
 Será que criança nenhuma tinha sapato?
 E aquele cheiro de lata de lixo? não ia passar não?
 E toca a querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim vivendo tão feito bicho.
 Quando chegaram no alto o Rodrigo estava sem fôlego. O Tuca parou:
 — Eu moro aqui. — Entrou.
 So os irmãos pequenos estavam em casa. Quatro. O Tuca foi apresentando do cada um. Os grandes ainda estavam "lá embaixo se virando"; e a irmã mais velha tinha saído.
 — Mas e a pipoca? — o Tuca quis logo saber — ela esqueceu que ia fazer pipoca pra gente?
 — Não, — um irmão explicou — ela já fez. Mas ficou com medo da gente comer tudo antes de você chegar e então guardou ali — espichou o queixo pra uma porta que estava fechada. Fez cara de sabido e piscou o olho: — A chave tá na vizinha...
 Enquanto o garoto falava o Rodrigo ia olhando pro barraco: dois cômodos pequenos, um puxado lá fora pro fogão e pro tanque, e a tal porta fechada que o garoto tinha moirado e que devia ser um outro quarto; ou quem sabe o banheiro? Juntando tudo o tamanho era menor que a cozinha da casa dele; e eram onze morando ali? e mais a mãe?!

Uma vez o Tuca tinha contado pro Rodrigo

39

"O meu pai era marinheiro. Só aparecia em casa de vez em quando. Um dia não apareceu mais."

"Ele morreu?"

"Ninguém sabe."

"E a tua mãe?"

"Ela mora lá com a gente. Mas quem faz de mãe lá em casa é a minha irmã mais velha."

"Por quê?"

"É que a minha mãe... é doente."

"O quê que ela tem?"

"Tem lá umas coisas. Mas a minha irmã é a pessoa mais legal que eu já vi até hoje: agüenta qualquer barra."

O Tuca virou pro Rodrigo:

— Tá vendo que vista legal a gente tem aqui de cima?

— Legal mesmo.

— Nesse canto é que eu estudo. Tem que ser de noite porque quando eu saio da escola eu vou lavar carro. E também de noite tá todo o mundo dormindo, é mais quieto.

— É.

— Só que de noite eu tô cansado. E também não é bom ficar de luz acesa: gasta eletricidade. Então eu deixo pra estudar no recreio.

— É.

Os dois ficaram quietos.

A criançada pequena olhando.

Lá pelas tantas o Tuca quis acabar com a discussão que continuava dentro dele:

— Vam'embora, Rodrigo. Você agora já sabe onde eu moro e se quiser aparecer a casa é sua.

— Mas e a pipoca? — o Rodrigo perguntou.

Não precisou mais nada: a criançada desatou a falar na pipoca, a querer a pipoca, a pedir a pipoca. Uma barulhada! O Tuca ficou olhando pro chão. De repente saiu correndo. Pegou a chave na casa da vizinha. Abriu a porta que

estava trancada.

Era um quarto com uma cama, um armário velho de porta escancarada e uns colchões no chão.

Tinha umá mulher jogada num colchão.

Tinha uma panela virada no chão.

Tinha pipoca espalhada em tudo.

A criançada logo invadiu o quarto e começou a catar pipoca do chão.

Ninguém ligou pra mulher querendo se levantar do colchão.

O Rodrigo estava de olho arregalado.

O Tuca olhou pra ele. Olhou pra mulher. Olhou pras pipocas sumindo.

— Pronto, — ele resolveu — você não vai comer pipoca do chão, vai? então não tem mais nada pra gente fazer aqui. — Empurrou o Rodrigo pra fora do barraco. — Agora você já sabe o caminho. Desce por lá. — Apontou.

O Rodrigo estava atarantado:

— Lá onde?

— Vem! eu te mostro. — E desceu correndo na frente. Num instantinho chegou na curva que ele tinha mostrado. Respirou fundo. Lembrou do perfume do talco. Olhou pro lado: estava um lameiro medonho naquele pedaço do morro: tinha chovido forte na véspera e uma mistura de água e de lixo tinha empoçado ali.

O Rodrigo chegou de língua de fora: o Tuca tinha descido tão depressa que mais parecia um cabrito.

— Pô cara! — ele reclamou — assim não dá. Você quase me mata nessa des...

Mas o Tuca já tinha virado pra ele de cara feia e já estava gritando:

— Não precisa me dizer! eu sei muito bem que não dá. Como é que vai dar pra gente ser amigo com você cheirando a talco...

— Eu?!

— ...e eu aqui nesse lixo todo. Não precisa me dizer, tá bem? eu sei, EU SEI, que não dá. Você que ainda não sabe de tudo. Quer saber mais, quer? — Pegou o Rodrigo pela camisa. — Quando a minha irmã tranca a minha mãe daquele jeito é porque a minha mãe já tá tão bêbada que faz qualquer besteira pra continuar bebendo mais. — Começou a sacudir o Rodrigo. — Você olhou bem pra cara dela, olhou? pena que ela não tava chorando e gritando

pra você ver. Ela chora e grita (feito nenem com fome) pedindo cachaça por favor.

— Me solta Tuca!

— Solto! solto sim. Mas antes você vai ficar igual a mim. — E botou toda a força que tinha pra derrubar o Rodrigo no lameiro.

O Rodrigo deu pra trás.

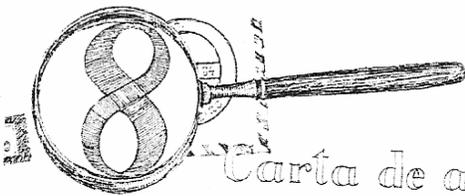
O Tuca não largou; puxou de volta.

O Rodrigo outra vez conseguiu dar pra trás.

Mas o Tuca foi puxando ele de novo. E quando sentiu os pés se encharcando se atirou pro lameiro levando o Rodrigo junto. Ai largou.

O Rodrigo levantou num pulo. Não precisava tanta pressa: ele já estava imundo, pingando lixo.

O Tuca levantou devagar. E de cabeça baixa foi subindo o morro de volta pra casa.



Carta de amigo

Guilherme

Depois que você foi morar aí no Rio Grande do Sul eu fiquei sabendo que é uma coisa muito chata a gente viver sem um maior amigo perto.

Mas aí apareceu o Tuca...
E rentou no mesmo lugar que você rentava.

E foi por causa dele que eu fiquei sabendo que eu quero ser professor.

E a gente ficou amigo.

Ele não tem pai nem ninguém pra ser trancafiado do Rio Sul. Eu comecei então a achar que a minha amiga de lá durar.

Mas não durou: hoje a gente brigou.

E piora que eu não entendi por quê.

Fora lá na favela onde ele mora.

E eu tive que descer aquela morro todinho assim: sem entender mais nada.

Sem entender por que o Tuca, de repente, ficou com tanta raiva de mim.

Sem entender por que que aquele mundo de gente não pode viver feito a gente e tem que viver lá na favela do jeito horrível que eles vivem.

Sem entender por que que com tanto colega na classe foi logo acontecer de ficar amigo é do Tuca.

E aí se acabou: não fiquei mais numa boa. Pra ser franco eu fiquei na pior.

Achêi que só você ia me entender, por isso que eu tô te escrevendo.

Mas já tô começando a achar que nem você vai compreender.

Paciência: vou mandar a carta assim mesmo.

Rodrigo

44

9

Ô cara, me desculpa! foi sem querer

Na segunda-feira o Tuca não apareceu na escola.

Na terça também não.

Na quarta ele entrou na classe de olho procurando o olho do Rodrigo.

Mas o olho do Rodrigo se escondeu.

Então na quinta o Tuca achou melhor fingir que não tinha visto o Rodrigo na classe.

E na sexta o Rodrigo resolveu que se o Tuca não via ele, por quê que ele ia ver o Tuca?

Passou o sábado.

Passou o domingo.

Na segunda-feira o Tuca resolveu que ia falar com o Rodrigo de qualquer maneira. Ele *tinha* que explicar que não sabia por quê que tinha empurrado o Rodrigo pro lameiro.

No recreio o Tuca foi chegando pra perto do Rodrigo e quando já ia falando com ele o Rodrigo deu as costas. O Tuca ficou esmado: tinha sido de propósito? Tinha ou não tinha? Acabou achando que tinha. E voltou quieto pra classe. Mas na terça-feira ele achou, que besteira! e claro que não foi de propósito; então ele ia falar com o Rodrigo de qualquer jeito.

Ficou esperando a campainha tocar.

Esperou tão forte que chegou a suar. E quando a campainha tocou ele levantou num pulo de susto. Justo quando o Rodrigo ia passando. Deram o maior esbarrão.

45

— Ô cara, me desculpa! foi sem querer.
O Rodrigo achou que o Tuca estava se desculpendo pelo banho de lama. Ficou pensando o quê que ia dizer (quem sabe ele dizia pro Tuca que não tinha entendido nada daquela história?). Acabou falando:

— Esquece.

O Tuca estava de fala trancada; foi ficando chateado: tantas vezes ele tinha se explicado pensando, e agora ficava assim sem dizer nada?

O Rodrigo se abaixou: fingiu que estava amarrando o sapato.

Quando no fim a fala destrancou, o Tuca perguntou:

— Você acha que vai chover?

O Rodrigo olhou pra janela. Fez cara de que não sabia. E ficou amarrando o outro sapato.

O Tuca meio que suspirou:

— Você sabe pescar?

O Rodrigo levantou:

— Bom, às vezes eu ia lá no Arpoador pescar com um amigo meu, o Guilherme. — Encolheu o ombro. — Mas ele mudou pro Rio Grande do Sul...

O Tuca ficou quieto.

Depois de um tempo o Rodrigo acabou confessando:

— Eu nunca peguei peixe nenhum.

— Ah não?

— Não.

Aí o Tuca contou:

— Eu aprendi a pescar com um cara lá do morro que saca muito de peixe.

— Ah é?

— Ele foi pescador, sabe. Mas agora ele já tá velho. A gente é um bocadinho amigo.

— Hmm.

— Esse negócio de pescaria tem uma porção de macetes.

O Rodrigo não disse nada. Então o Tuca falou:

— Você querendo eu te ensinar.

— Bom...

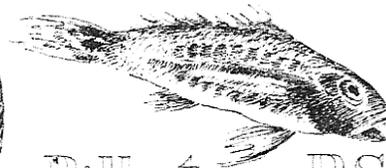
— Será que no sábado vai chover?

O Rodrigo olhou pra janela. Fez cara de que não sabia. O Tuca arriscou:

— Se não chover a gente podia combinar de ir pescar.

— É... podia.

10

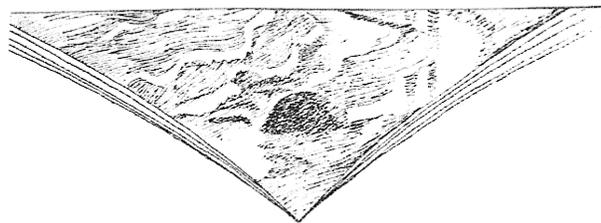


Bilhete e PS de amigo

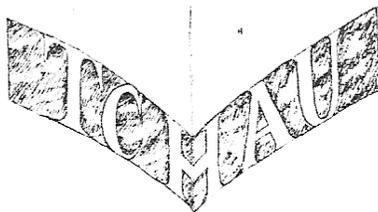
Olô Guilherme! Tudo bem?
por aí?
Hoje aconteceu um negócio
compacional: peguei um pei-
xe!!
Um abraçíssimo do Ro-
drigo

PS: O Tuca tá me ensinan-
do um bolão de macetes de
pescaria, e a gente já combi-
nou que todo o sábado de
manhã vai pescar. Com

Anexo B – O conto Tchau



Lygia Bojunga



1. O buquê



A campainha tocou. Rebeca correu pra abrir a porta. Até se admirou de ver um buquê tão bonito.

— Mãe! — ela gritou — chegou flor pra você. — Fechou a porta.

A Mãe veio correndo da cozinha e pegou o buquê. Tinha um envelope preso no papel; a Mãe tirou depressa um cartão lá de dentro; leu. O telefone tocou; a Mãe largou tudo e foi atender.

Rebeca quis ler o cartão. Mas estava escrito em língua estrangeira, era francês? Olhou pra assinatura: Nikos. Lembrou de uma voz estranha que andava telefonando, chamando a Mãe. Botou devagarinho o cartão em cima do envelope; foi chegando disfarçado pra perto do telefone, sem tirar o olho da Mãe. Franziu a testa: a Mãe estava parecendo nervosa, encabulada; mas muito mais bonita de repente! Rebeca foi se esquecendo de prestar atenção na língua estrangeira que a Mãe estava falando pra só ficar assim: olhando e curtindo a Mãe.

A conversa no telefone acabou.

A Mãe voltou logo pra junto das flores.

— Coisa linda esse buquê, não é Rebeca?

— É.

— Com esse calor é melhor botar ele logo dentro d'água. — Foi indo pra cozinha. — Você não quer me ajudar a arrumar o vaso?

Rebeca ficou parada.

A Mãe olhou pra ela; parou também; assim: meio abraçada com o buquê.

E durante um tempo as duas ficaram se olhando.

Rebeca então foi indo distraída pra cozinha.

A Mãe (distraída também) pegou um vaso, encheu d'água.

11

E as duas arrumaram as flores devagar, sem falar nada; sem nem levantar o olho do vaso.



As duas tinham saído pra fazer compras, a Mãe e a Rebeca. E na volta a Mãe falou:

— Quem sabe a gente vai andando pela praia?

Atravessaram a rua, tiraram o sapato, entraram na areia. E foram andando pela beira do mar.

Rebeca a toda a hora olhava pra trás pra ver o caminho que o pé ia marcando na areia.

E a Mãe olhando pro mar e mais nada.

Era de tardinha. Não tinha quase ninguém na praia.

E teve uma hora que a Mãe convidou:

— Vamos descansar um pouco?

Sentaram. Rebeca logo brincou de fazer castelo.

E a Mãe olhando pro mar. Olhando. Até que no fim ela disse:

— Rebeca, eu vou me separar do pai: não tá dando mais pra gente viver junto.

Rebeca largou o castelo; olhou num susto pra Mãe.

— Nesse último ano tudo ficou tão ruim entre o pai e eu. Eu sei que ele sempre teve paixão por música, eu já conheci ele assim. Mas desde que o Donatelo nasceu que ele só vive às voltas com aquele violino! É só tocar, estudar, compor, ensaiar, ele me deixou sozinha demais. — Pegou a mão da Rebeca.

Mas a mão da Rebeca escapou.

— Sozinha como? e eu? e o Donatelo? a gente tá sempre junto, não tá? nós três. E quando o pai não tá com a orquestra ele também tá sempre em casa. Então? nós quatro. Sozinha por quê?

— É que... eu não sei como é que eu te explico direito, mas... ah, Rebeca, eu ando tão confusa! — Apertou a boca e ficou olhando pro mar.

Rebeca esperando.

Esperando.

De repente a Mãe ficou de joelhos, agarrou as duas mãos da Rebeca e foi despejando fala:

— Eu me apaixonei por um outro homem, Rebeca. Eu estou sentindo por ele uma coisa que nunca! nunca eu tinha sentido antes. Quando eu conheci o teu pai eu fui gostando cada dia mais um pouco dele, me acostumando, ficando amiga, querendo bem. A gente construiu na calma um amor gostoso, e foi feliz uma porção de anos. E mesmo quando eu reclamava que ele gostava mais da música do que de mim, eu era feliz...

— O pai adora você! você não pode...

—... e mesmo no tempo que o dinheiro era superapertado a gente era feliz...

— Ele gosta de você! ele gosta demais de você.

—... mas esse último ano a gente tá sempre discutindo, a gente briga a toda a hora.

— Por quê?

— Não sei; quer dizer, eu sei; eu sei mais ou menos, essas coisas a gente nunca sabe direito, mas eu sei que eu fui me sentindo sozinha... vazia... vazia de amor. Amor assim... assim de um homem. É claro que isso não tem nada a ver com o amor que eu sinto por você. E pelo Donatelo então nem se fala.

— Não se fala por quê? você gosta mais do Donatelo que de mim?

— Não, não, Rebeca! entender: é porque ele é tão pequeno ainda, e você já está ficando uma mocinha; então é um amor do mesmo tamanho mas um pouco diferente que eu sinto por vocês dois. Mas isso não tem nada a ver com... ah Rebeca, como é que eu te explico? como é que eu te explico a paixão que eu senti por esse homem desde a primeira vez que a gente se viu.

— Ai! não aperta a minha mão assim.
 — Se ele me diz, vem te encontrar comigo, mesmo não querendo eu vou; se ele fala que quer me abraçar, mesmo achando que eu não devo eu deixo; tudo que eu faço de dia, cuidar de vocês, da casa, de tudo, eu faço feito dormindo: sempre sonhando com ele; e de noite eu fico acordada, só pensando, pensando nele.

— Ai, não...
 — Ele diz eu gosto do teu cabelo é solto; eu digo é justo como eu não gosto, e é só ir dizendo isso pr'eu já ir soltando o cabelo; ele diz às 5 horas eu te telefono, eu digo NÃO! eu não atendo, e já bem antes das 5 eu tô junto do telefone esperando; só de chegar perto dele eu fico toda suando, e cada vez que eu fico longe eu só quero é ir pra perto, Rebeca! Rebeca! eu tô sem controle de mim mesma, como é que isso foi me acontecer, Rebeca?! ele me disse que vai voltar pra terra dele e me levar junto com ele, eu disse logo eu não vou! sabendo tão bem aqui dentro que não querendo, não podendo, não devendo, é só ele me levar que eu vou. — Botou de palma pra cima as duas mãos da Rebeca e enterrou a cara lá dentro.

Ficaram assim.

— Isso é que é paixão? — Rebeca acabou perguntando.

A Mãe meio que sacudiu o ombro.

Quietas de novo.

— Como é que... como é que ele se chama? esse cara.

— Nikos.

— Que nome esquisito.

— Ele é grego.

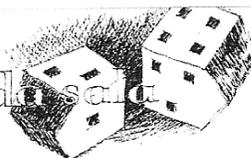
— Grego? e você entende o que ele fala?

— A gente conversa em francês.

Rebeca ficou olhando pro castelo desmanchado. E depois de um tempo suspirou:

— E ainda mais essa! com tanto homem no Brasil.

3. No sofá da sala



A Mãe bateu a porta do quarto e correu pra sala.

Já era tarde da noite, mas Rebeca estava acordada. Ouvia a Mãe soluçando. Levantou; olhou pro Donatelo na cama ao lado: dormindo. Correu pra sala. A Mãe estava jogada no sofá.

— Que foi?!

A Mãe tapou o choro com a almofada; o corpo ficou sacudindo.

— Mãe, que foi, que foi?

Estava escuro na sala. Mas o Pai abriu a porta do quarto e veio luz lá de dentro. Rebeca escorregou pro chão e ficou meio escondida atrás do sofá. O Pai chegou perto e falou com uma voz de raiva, de mágoa, uma voz que a Rebeca nunca tinha ouvido ele falar:

— Você tá chorando por quê? quem tem que chorar sou eu e não você. Não sou eu que tô abandonando a minha família, é você; não sou eu que tô deixando os meus filhos pra lá: é você!

A Mãe tirou a almofada da cara; a voz saiu metade soluço, metade fala:

— Você não tá querendo entender: eu não tô deixando a Rebeca e o Donatelo: um dia eu volto pra buscar os dois.

— Você vai embora com esse estrangeiro pra viver lá do outro lado do mundo...

— Eu juro que eu volto!

— ... mas o estrangeiro não quer as crianças, só quer você.

— Eu sei que eu acabo convencendo ele...

— E se um dia você convence ele aí você vem buscar a Rebeca e o Donatelo.

lo, não é? Lindo!

— O quê que eu posso fazer? ele não quer que eu leve as crianças agora.

— ELE NÃO QUER!! Então ele agora manda em você. Ele é um deus que desceu do Olimpo pra dizer o quê ele quer e o quê que ele não quer que você faça.

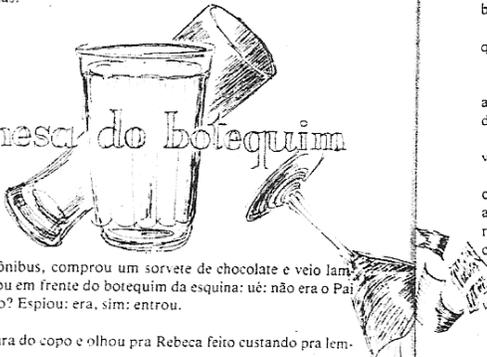
Rebeca franziu a testa, ele é um deus que desceu de onde? E aí o Pai gritou:

— Pois eu também não quero, viu? eu não quero o que você quer. E você vai ter que escolher: ou fica ou leva as crianças com você agora.

— Mas eu não...

— Se você não leva elas agora eu não deixo você levar nunca mais. Abandonou do lar, da família, de tudo: a lei vai estar do meu lado. Então você escolhe: ou ele ou as crianças.

4. Na mesa do botequim



Rebeca saltou do ônibus, comprou um sorvete de chocolate e veio lambendo ele pela rua. Parou em frente do botequim da esquina: ué: não era o Pai sentado bem lá no fundo? Espiou: era, sim: entrou.

— Oi, pai.

O Pai levantou a cara do copo e olhou pra Rebeca feito custando pra lembrar quem é.

— Ôôôôôôô filhinha, o quê que você tá fazendo por aqui?

— Eu nada, e você?

— Eu nada.

O sorvete pingou na calça do Pai.

O Pai ficou olhando triste pro pingo; depois falou:

— Senta. — Mas logo se arrependeu: — Quer dizer, não senta não porque isso aqui não é lugar pra criança.

Mas Rebeca já tinha sentado, e o moço do botequim já tinha trazido um outro copo cheio pro Pai beber. O Pai bebeu, enquanto Rebeca acabava o sorvete, comia a casquinha, dava uma lambida em cada dedo, enxugava eles na saia, e suspirava de pena do sorvete ter acabado. O Pai suspirou também:

— A tua mãe não gosta mais de mim.

Rebeca olhou pra mesa: cheia de copo vazio. Será que era o Pai que tinha bebido aquilo tudo?

— E eu gosto tanto dela! Agora então que ela vai me deixar parece até que eu gosto mais.

Rebeca olhou pro Pai; achou que o olho dele estava parecendo de vidro.

— Duvido que esse gringo goste dela do jeito que eu gosto. Nem metade, aposto. Nem metade da metade da me... — Foi se esquecendo da outra metade; ficou olhando pra Rebeca.

— Quê que você tá me olhando assim, pai? parece até que você nunca me viu.

— Como você é parecida com ela! Tudo. A boca, o cabelo, o jeito de olhar. E agora que eu tô percebendo: o teu nariz também é igualzinho ao dela. até um pouco de sarda na ponta ele tem, engraçado, eu ainda não tinha reparado. — Debruçou mais na mesa pra olhar pro nariz da Rebeca, derrubou um copo no caminho; desanimou.

Rebeca debruçou também:

— Eu vou pedir pra mãe não ir. Eu vou pedir tão forte que ela não vai, você vai ver.

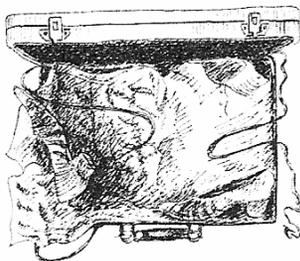
O Pai fechou o olho:

— Eu queria que o tempo já tivesse passado e que eu já tivesse me esque-

cido dela.

- Eu vou pedir pra ela não ir embora; deixa comigo, pai.
- Eu queria que você e o Donatelo já fossem grandes, o quê que eu vou fazer com vocês dois? me diz, me diz! eu não tenho jeito com criança.
- Eu vou pedir.
- O quê que eu faço com vocês dois, Rebeca?
- Deixa comigo pai, eu te prometo que eu não deixo a mãe dizer tchau pra gente.
- Promete?
- Prometo. E agora pára de beber, tá?
- Tá.

5. A mala



Rebeca fingiu que nem tinha visto a mala da Mãe aberta em cima da cama e já quase pronta pra fechar.

Voltou pro quarto.

Sentou.

Fingiu que estava desenhando um barco.

Fingiu que nem estava escutando a Mãe querendo se despedir do Pai, e o

18

Pai não deixando a Mãe acabar de falar, saindo zangado, batendo com a porta.

Foi riscando no papel com força, o lápis pra cá e pra lá cada vez com mais força, tã! a ponta quebrou.

Ouviu a Mãe indo na sala; depois no banheiro.

Correu na ponta do pé pra espiar, ah! a mala. Já fechada. No chão. Junto da porta. Pronta pra sair.

Voltou correndo pro quarto; sentou de novo; pegou o lápis, fez ponta depressa, o coração num toque-toque medonho; desatou de novo a riscar.

Parou o lápis; escutou a Mãe discando telefone, chamando um táxi, explicando que era pro aeroporto.

De rabo de olho viu a Mãe entrar no quarto, sentar na cama do Donatelo, ficar olhando ele dormir.

Viu que a Mãe estava de meia, de sapato fechado, de capa de chuva, de bolsa a tiracolo, de cara lavada (de choro?), tão diferente de todo o dia.

Viu a Mãe alisando o cabelo do Donatelo; fazendo festa nele de leve; a mão indo e vindo, bem de leve; indo e vindo. Viu tudo de rabo de olho, e foi riscando forte, mais forte, mais tã! a ponta do lápis quebrou outra vez.

A Mãe parou de fazer festa na cabeça do Donatelo e ficou sem se mexer.

Rebeca ficou que nem a Mãe: sem se virar, sem falar, sem perguntar.

O tempo foi passando.

Passando.

Até que de repente a buzina do táxi tocou lá fora e a Mãe levantou num pulo de susto.

Rebeca também. E se virou. Ao mesmo tempo que a Mãe se virava. E as duas se olharam com medo e a Mãe correu e abraçou Rebeca com força, demorado, bem apertado, ai! Rebeca fechou o olho: que troço danado pra doer aquele abraço.

A Mãe largou a Rebeca, correu pra sala, abriu a porta.

Mas Rebeca já estava atrás dela; e puxou a mala:

— Mãe; não vai! eu já te pedi tanto que eu não ia pedir mais, mas você tá indo mesmo e eu tenho que pedir de novo, não vai não vai não vai!

A Mãe cochichou depressa:

19

— Por favor, Rebeca, me entende, me perdoa, me entende, eu tenho que ir, é mais forte que tudo. Mas eu já te prometi: eu volto.

— Diz pra ele que não! você não vai.

A Mãe pegou a mala. Rebeca não largou.

A Mãe puxou a mala. Rebeca puxou também.

A Mãe puxou mais forte. Rebeca ficou agarrada na mala.

O táxi buzinou de novo. As duas se olharam. O olho da Mãe pedindo por favor. O olho da Rebeca também: *por favor*.

A Mãe 'tava de boca apertada; de testa enrugada. E não quis mais olhar pra Rebeca no olho; e puxou a mala com toda a força querendo arrancar ela da mão da Rebeca.

Mas Rebeca não se soltou da mala; e foi sendo arrastada no puxão.

A buzina do táxi de novo, e mais comprido dessa vez.

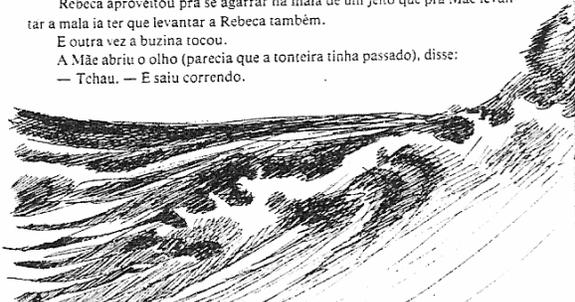
A Mãe soltou a mala; fechou o olho; apertou a testa com a mão feito coisa que estava sentindo uma tonteira ou uma dor de cabeça muito forte.

Rebeca aproveitou pra se agarrar na mala de um jeito que pra Mãe levantar a mala ia ter que levantar a Rebeca também.

E outra vez a buzina tocou.

A Mãe abriu o olho (parecia que a tonteira tinha passado), disse:

— Tchau. — E saiu correndo.



Querido pai

Não deu para eu cumprir a promessa, a mãe foi mesmo embora.

Mas a mala dela ficou. E eu acho que assim, sem mala, sem roupa pra trocar, sem escova de dente nem nada, não vai dar para a mãe ficar muito tempo sem voltar. Não sei. Vamos ver.

Eu arrastei a mala e escondi ela debaixo da sua cama, viu?

Um beijo da

Rebeca.

ANEXO – C- Fotografias da turma lendo outros livros de Bojunga



ANEXO – D- Fotos da turma lendo *A Bolsa Amarela*



ANEXO - E - atividade de leitura do capítulo "O galo"

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Boqueirão, PB
Disciplina: Língua portuguesa
Série: 8ª turno noite

Escola Estadual de Ensino Fundamental
e Médio Conselheiro José Braz do Rego

O diploma dos melhores to madores
de conta de galinhas

As em este texto entendi que os galos só ganhavam, o seu diploma se soubesse tomar de conta de galinhas, nele tinha um galo que não gostava de mandar e desmandar o tempo todo.

Esse galo se chamava rei ele já não aguentava mais viver mandando e desmandado, ele parou para pensar, aí quanto pensava no que iria resolver de sua vida, acabou decidindo que iria fugir e não desistiu de suas idéias, quando resolveu lutar por eles foi preso em um lugar bem escuro por muito tempo.

Só porque ele era um galo diferente dos outros, o dono do galinheiro queria que ele fosse como o seu pai, o seu avô, o seu bisavô e o seu tataravô era. Só que ele não queria ser igual a nenhum de seus familiares, então o rei conseguiu fugir de vez por todas para um lugar que ninguém iria encontra-lo este lugar era na bolsa amarela.

Escola Estadual Osório Fundamental
 e Médio Conselheiro José Broz do Rêgo.

Boqueirão - PB

Aluno(a): Lucas Paulo Silva Nº: 9

Professor(a):

Turma = mat Turma = C Série = 8ª

Disciplina = Português

Resumo

Eu entendi que, o galo que saiu da bolsa amarela de Raquel havia sido uma das invenções de Raquel, que realmente se transformou em realidade.

Bem, a história foi a seguinte: Raquel havia inventado a história de um galo rei que havia fugido do galinheiro, resumindo ela inventou todos os detalhes, mas por não estar na hora em que ele estava fugindo do galinheiro, então como tudo virou realidade o galo fugiu e por coincidência veio parar na bolsa de Raquel.

Disse ele para Raquel que já havia se escondido em vários lugares mais o melhor seria sido na bolsa amarela de Raquel, passaram muito tempo conversando...

Raquel até aceitou o galo viver lá na bolsa. No meio de tanta conversa, até deu uma troca de nome, em vez de rei o galo passou a se chamar Afonso. Afonso agora seria um novo amigo de Raquel, que estaria embarcado nas histórias de todos os que aparecerão na bolsa amarela.

Mudando de assunto e seguindo as aventuras de Raquel, um dia quando Raquel passeava viu caído no chão um simples afimete velho e muito enfiado, com uma história muito pequena e muito trágica, não demorou muito para se fazer amigo, o afimete, o afimete pediu para Raquel guardá-lo e Raquel o guardou na bolsa de seu uniforme, ele ainda não tinha a bolsa amarela.

Em um dia quando Raquel vinha do trabalho com sua bolsa suas ideias e também o Afonso, muito cansado se rendeu para deslamar enquanto Raquel deslamará Afonso já da uma bolinha e acabou achando um guarda-chuva, e o Afonso deu-lhe de presente para Raquel, Raquel era feliz para ganhar um guarda-chuva.

Afonso começou contar o história da vida do guarda-chuva para Raquel.

No começo Raquel ficou contentíssima, depois de contentíssima passou para contente só, e quando soube que a história do guarda-chuva não tinha fim, ela passou de contente para chateado. Mas Raquel já até o compraria e recebeu guardá-lo só para olhá-la, era até bonitinho...

Depois de todos esses entendimentos com o guarda-chuva, Raquel continuou o seu caminho... Quando de repente o Afonso avistou um primo chamado Luísel, não é que apareceu sebor do para a bolsa amarela de Raquel.

Foi o seguinte: Afonso ficou sabendo que o Luísel iria brigar com um gato chamado Cristo-de-ferro, aí teve a tal ideia de esconder o Luísel na bolsa de Raquel, outra vez um bate-papo do A 

União Estadual de O. F. e Médic Consee-
lhais José Braz do Rêgo.

Data 12 / 09 / 2006

Aluna:

Professora:

Série 8ª Turma: Noite

Disciplina: Português

Interpretação de conto:

"O galo".

Essa parte do livro mostra que, mesmo Raquel escondendo suas ventadas na bolsa amarela, elas, mesmo assim continuavam a crescer. Como vimos na 2ª parte a história do galo, ficou pela metade e ela a guardou na bolsa amarela, mas certa manhã tudo veio a tona, pois Raquel encontrou o galo escondido dentro de sua bolsa. Raquel e o galo tiveram um diálogo e nasceu, bem como em outros, mostra, mas claramente os sentimentos e motivações de Raquel.

Por exemplo, quando o galo fala que desde pequeno desejava que todos dessem opiniões para resolver as coisas, isso mostrava o motivo de Raquel querer ser grande pra também ter suas opiniões ouvidas. No caso do guarda-chuva ela também mostra uma coisa importante, visto que o guarda-chuva gostava de ser menina e pequena isso porque ela

pederia brincar de ser grande e pequi-
na quando quizesse, mostrando assim
que cada fase de nossa vida é ^{importante} que
podemos tirar proveito delas, mostra tam-
bém que a imaginação dum criança
nunca a deixa só, pois pra ela até
um velho alfinete poderia ser seu ami-
go.

Anexo – F – Exercício de leitura de *A Bolsa Amarela*

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Disciplina: Língua portuguesa. Série: 8ª turno: noite

Exercício – Uma possível leitura de *A Bolsa Amarela* Lygia Bojunga Nunes

“Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto...Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.”

1. Essa é a fala da narradora-personagem Raquel da história *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela* conta a história de uma menina que vive em conflito com a família e com isso, desenvolveu três vontades. Que vontades são essas?
2. Raquel pertence a uma família de classe média, é filha caçula de um casal que tem quatro filhos. Como Raquel se relaciona com a família dela?
3. Como em outras narrativas dessa autora, vemos nessa narrativa o aspecto de renovação de Lygia Bojunga Nunes ao inserir em suas narrativas uma história dentro de outra. Em *A Bolsa Amarela*, temos a presença de várias narrativas simultâneas. Dessa forma, podemos identificar na referida narrativa pelo menos dois enredos quais são?
4. Narrada em primeira pessoa, *A Bolsa Amarela* tem seu início com o desabafo de Raquel sobre o seu conflito familiar e a exposição de seu desejo de esconder as três vontades que ela não controla. Nessa parte ela escreve uma carta a André. Quem é esse amigo? O que ela escreve na carta?
5. As cartas são descobertas pela família de Raquel e ela se vê proibida de escrever. O que ela resolve fazer?
6. Algum tempo depois Raquel ganha uma bolsa amarela e a partir desse momento ela começa a vivenciar grandes aventuras com seus amigos. Quem são esses amigos? Cite alguma aventura vivida por eles.
7. Quanto ao tema, percebemos em *A Bolsa Amarela* que Lygia Bojunga Nunes trabalha vários temas. Cite alguns.
8. Quanto ao código onomástico, vemos Bojunga escolher os nomes das personagens, enfocando em cada um desses nomes todo um conjunto de significação, a palavra Rei denota alguém superior, que impera, ordena, nome que o galão criado por Raquel achou que não combinava com ele, ele era o oposto do significado do seu nome por isso ele mesmo achou que Afonso lhe caia melhor. Cite o trecho que ocorre esse fato.
9. A presença de neologismo também foi bastante explorada na narrativa, o que mostra o brincar com a linguagem dessa escritora. Dessa forma, ela dá vida às palavras dando-lhes novo sentido. Exemplifique algum neologismo na narrativa.
10. Outra técnica de linguagem muito utilizada por Nunes foi a personificação (objetos agem como humanos) Cite caso desse tipo.
11. Defina o comportamento de Raquel no início da história e no final.

Anexo – F – Exercício de leitura de *A Bolsa Amarela*

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Disciplina: Língua portuguesa. Série: 8ª turno: noite

Respostas

- 1- Ser grande, ser goroto e ser escritora
- 2- Ela vive em conflitos com a família porque ela era mal interpretada.
- 3- A história do alfinete, do terrível, o almôço, e guarda-chuva...
- 4- Um fantasia de Raquel. Raquel reclama de ser excluída da família, de que a família não dá atenção, que ela vive solitária.
- 5- Raquel começa a escrever um romance em que o personagem principal era um GALO.
- 6- O galo, o alfinete e o guarda-chuva (quando foram criar um priga de galo, mas quando chegaram já tinha acontecido).

7.) Relacionamento familiar, Proclamação de briga de galos, liberdade de expressão, amizade, discriminação,

8.) O que é que é, Rei?

- É isso mesmo: Rei. Não repara não, foi você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

- Ah não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito simples: Esse nome não combina. E tem outras coisas também: É tão esquisito quando você diz: "Éi, Rei" Parece que você tá dizendo que errou. Você se importa se eu pego si no bolso sanfona um outro nome pra mim?

Fico sempre chateado quando eu dou coisa e a pessoa não - Claro, pode pegar. Mas que depressa ele sumiu dentro do bolso. Fico lá dentro um tempo. Depois aparece todo satisfeito: - Peguei o Afonso.

9.) São palavras que não existe, mas sabemos seu significado: desestalar, galo-tomador-de-conto-de-galinha, tintimbrigado, umazinha.

10.) A Bobra pulando, o desmaio do guarda-chuva, o fecho falando com Raquel, o galo falando.

11.) No começo da História Raquel não tinha identidade formada, pois ele era muito criança, mas já no fim da História ela já entendeu as coisas da vida e realmente ela encontrou sua identidade verdadeira.

Respostas

- 1º) De ser grande, ser garoto e ser escritora.
- 2º) Sua relação familiar era cheia de conflitos. Por ter nascido muito depois de seus irmãos eles costumavam dizer que ela tinha nascido na hora errada dando a ideia que ela não era desejada. Ela não era compreendida nem sabia a atenção devida.
- 3º) A sua história real com sua família e as histórias envolvendo seus amigos imaginários.
- 4º) Um amigo imaginário. Nestas cartas ela se queixa da solidão e usa esse "amigo" como alguém com quem ela pode contar.
- 5º) Começa a escrever um romance sobre um galo.
- 6º) O galo Rei que depois passou a se chamar Afonso, o alfinete, o feixe, a guarda-chuva, e o galo terrível.
Ela viveu várias aventuras como:
A casa dos consentos, a luta para impedir a bruxa do terrível e soltar pipa na praia
- 7º) Relacionamento familiar, a busca pelo o direito de liberdade de expressão, amizades perseguidas, discriminação e um alerta contra a bruxa de galo que é proibida até

heje.

125

82) — É que... sabe? Tem uma coisa que desde o princípio eu tô querendo dizer e ainda não disse — É ficou me elhando.

— O que é que é, Rei?

— É um mesmo: Rei. Não supera não, foi você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

— Ah não?

— Não. Eu sou um cara igual, gosto de ser-sego, sou um sujeito muito simples. Esse nome não combina comigo. E tem outra coisa também: fica muito esquisito quando você diz: "Ei, Rei" parece que você tá dizendo que você não se importa se eu pego aí no bicho sem-fonado um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta. Mas fingi que não tá ligando:

— Claro, pode pegar.

Mais que depressa ele sumiu dentro da telha. Ficou lá dentro um tempo. Depois apareceu todo satisfeito:

— Peguei e Afexe.

99) Desestalar, galo tomador de cento de galinha, tintimbrigado, umazinha e des-desmaiar.

109) A guarda-chuva, o feixe, o alfinete e a telha. Na história eles têmham atitudes de pessoas.

119) No início da história Raquel tinha atitude infantil mas suas histórias

Por meio de suas histórias Raquel supriu sua necessidade de atenção e aprendeu a se sentir segura e isso de certa forma lhe foi benéfico pois quando aprendemos algo por si só damos mais valor e "crescemos".

fim

Respostas

14 de 06

- 1ª) De ser grande, ser amada e ser escritora.
- 2ª) Ela vive em conflito com a família, por se sentir que chegou tarde na família e não era amada e nem entendida.
- 3ª) Mesmas: a história do galo aperto, a história do aljinate, entre outras.
- 4ª) Era um amigo imaginário, ela se queixa de não terem ouvidos para ela e de validação, que sua família não tem tempo para ela.
- 5ª) Raquel começa a escrever um romance, tendo como personagem um galo.
- 6ª) São: O galo, o aljinate, a guarda-chuva, o conto da guarda-chuva.

17/10/06
 não comigo. E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: "Ei, Rei!" parece que você tá dizendo que você, você se importa se eu pego aí no bolso não manjera um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta, mas fingi que não tava ligando:

- Olavo, pode pagar.

Mas que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempo. Depois apareceu todo satisfeito:

- Peguei o dinheiro.

9º) Desertador, galo-tomadador-de-conta-de-galinha, tintimbrigado, desertala, umazinha.

10º) O pinete da bolsa, o summaio da guarda-chuva, o fecho da bolsa falando com Raquel.

11º) No início da história Raquel tinha um comportamento mais infantil e mais vivaz sem a realidade de sua família. Durante o desenrolar da história ela foi amadurecendo aos poucos a medida que as coisas foram acontecendo, e foi no final ela foi mudando a sua forma de pensar e tendo mais consciência.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
 Disciplina Português Profs. _____
 Aluno: _____ Nº 25

Uma professora escreve a história de

uma criança

Uma professora escreve a história de uma criança

- ① As suas vontades era de crescer, de ser escutona, e ser menino.
- ② Raquel vivia em conflitos com a família dela, pois eles achavam que ela não era pra ter nascido, e o negligenciavam e emilhava.
- ③ O almoço, o galo Aponço, o guarda-chuva, Raquel e seus personagens
- ④ André um amigo imaginário, então Raquel se queixa, porque sua família não tem tempo de lhe escutar e não davam a mínima atenção pra ela aí ela inventa um amigo e escreve contando sua vida solitária
- ⑤ Raquel começa escrever um romance, tendo como personagem principal um galo que ela começa chamar ele de Rei.
- ⑥ O galo, o alfinete, e o guarda-chuva, Raquel se aventurou muito com o galo e assistiu uma briga de galo só que depois foram evitar uma briga com o galo terrível que não ganhava ⇒

mas seus amigos

⑦ Relações familiar, liberdade de expressão, proibições de de ninha de galo, amizade.

⑧ - O que é que é Rei
- É isso mesmo: Rei. Mas repara, não, foi você que escolheu meu nome, mas eu ^{nao} gosto dele
- Ah não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito muito simples: esse nome não combina comigo. E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: "Ei Rei" parece que você tá dizendo que errou. Você se importa se eu pego aí no bolso sapona um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta. Mas fingi que não estava ligando:

- Claro, pode pegar.

Mas que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempo. depois apareceu todo satisfeito:

- Peguei o Afonso.

- Afonso?!

- É

⑨ estou desentalar galo tomador de conta de galinha tintilbrigado, titinbrigado.

⑩ O pulo que a bolsa deu, o desmaio do grande chuva, o pecho da bolsa que conversava com Raquel.

⑪ No começo da estória Raquel era uma pessoa revoltada solitária por isto ela inventava personagens imaginários para lhe fazer companhia, so que, com o decorrer da história no final ela já estava se sentindo mais leve, sem revolta já estava de bem com ela mesma

resposta

Aluna: _____

Nº: 54

Professora: _____

Série: 8ª

Turma: 11a

«Uma possível leitura de A Leabra Amarela»

1º) Os três contados de Raquel era: Ser menino, crescer e ser escritora.

2º) Raquel utiliza em conflitos com a família, por que a sua família não entendia, mas lhe dava atenção, ela queria que a sua família lhe compreendesse.

3º) A história de ^{Raquel} no almoço com a sua família.
A história de Raquel com os seus amigos imaginários, fictícios.

4º) Andre é um amigo imaginário. Raquel escreve na carta que está querendo lutar um pouco com alguém, por que na sua casa ninguém lhe dá atenção, sua família está ocupada e não tem tempo pra ela, e é escrevendo pra Andre que ela desabafa tudo o que sente.

5º) Raquel resolveu escrever um romance cujo personagem principal era um galo.

6º) Os amigos de Raquel era o galo Afonso, a guarda chusa e o alfinete. As aventuras criadas por eles era a história do galo Afonso que queria lutar pelas suas ideias, o concerto da guarda chusa e a história do alfinete que Raquel encontrou.

Continuação:

7º) Leigia Bojunga chama expressa no livro a labra Amarela, a relação família, a atenção que a família deveria ter com o outro, os conflitos que a entre a família, o picante e os ligar de galo que é proibido aqui no Brasil.

8º) - O que é que é, Rei?

- É isso mesmo: ~~esse~~ Rei. Não usava mão, foi ele que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

- Ah não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sorriso, sou um sujeito muito simples: esse nome não combi-
na comigo. É tem outra coisa também: fica tão es-
quisito quando ele diz: "Ei, Rei!" Parece que ele já
dizendo que sou eu. Ele se importa se eu pego ai no
labro mesmo um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e
a pessoa não gosta, mas fingi que não tá ligando
- Claro, pode pegar. Mas que depressa ele sumiu
dentro da labra. Ficou lá dentro um tempo. Tipo
apareceu todo satisfeito:

- Peguei o Afonso?

9º) Desestalar, galo Tomador de conta de galinha,
Tintimbrigado e uma zezinha.

10º) O pinote da labra, o desmaio da guarda chula,
o feche que falava com Raquel.

11º) No início da história Raquel não gosta de sua
família, porque ninguém lhe dá a atenção e eli-
cia em conflitos. No final Raquel vê cada família
tem o seu problema mas no fundo todos se gostam

- A vontade de crescer e deixar de ser criança.
 A vontade de ter nascido garoto em vez de menina
 A vontade de escrever.

2- Raquel vivia em conflito com a família.
 Ninguém nem os pais nem os irmãos dela, acreditava nela nem levava em conta nada que ela falava, ela era mau amada era triste por isso que ela criou essas três vontades, por que era rejeitada pela família.

3- A história do terrível
 A história de Raquel junto com seus personagens.

A história do Alfinete.

4- Esse amigo é imaginário.
 Ela escreve para André seu amigo dizendo que quer conversar mais ninguém da ovidos, não escuta ela só fica vendo televisão ou repa ela esta numa profunda solidão por isso ela desabafa.

5- Raquel começa a escrever um romã e, tendo como personagem principal um galo.

- Os personagens que Raquel viveu: o galo o guarda-chuva o alfinete.

As aventuras: viajaram para evitar uma briga de galo, só que quando chegaram lá já tinha acontecido.

ir a casa dos concertos.

ir a praia soltar pipa.

7- Proibição de Rinha de galo.
 Relação familiar
 Resgatar as brincadeiras
 a amizade
 a discriminação.
 liberdade de expressão.

3- - É que... sabe? Tem uma coisa que desde o princípio eu tô querendo dizer e ainda não disse.

- E fico me olhando.

- O que é que é, Rei?

- É isso mesmo: Rei. Não repara não, foi você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

- Ah não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito muito simples: esse nome não combina comigo. E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: "Ei, Rei!" parece que você tá dizendo que errou. Você se importa se eu pego aí no bolso sanfona um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta. Mas fingi que não tava ligando:

- claro que pode pegar.

Mais que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempo. Depois apareceu todo satisfeito:

- Peguei o Afonso.

- Afonso?!

- É.

7- desestalar, galo tomador de conta de galinha, tintimbrigado, umazinha

10- O pinote a bolsa.

O desmaio da guarda-chuva.
O feixe conversando.

11- No início da história Raquel era muito estranha e muito indelicada de caso, por isso sua família não acreditava nela. Também era cheia de desejo: ser grande, ser menino e ser escritora, tudo isso por causa dos conflitos que ela tinha com sua família ela achava que eles não ligavam. Pra ela, mais era só ilusão de criança. É tanto que no final, ela já estava ficando uma moedinha e aqueles três desejos agora estava passando e ela estava mais feliz, já não queria ser mais garoto nem ser grande e nem escrever, quer dizer eu não entendi se ela ainda queria escrever.

Resposta

Exercício

1: CRESCER, SER MENINO E SER ESCRITORA.

2: POLA NÃO VIVIA BEM COM SUA FAMÍLIA, VIVIA EM CONFLITOS, NÃO SE SENTIA AMADA, NINGUÉM LHE DAVA ATENÇÃO, POLA QUERIA QUE ALGUÉM OUVISSE ELA E CONVERSASSE COM ELA.

3: A HISTÓRIA DE RAQUEL COM SUA FAMÍLIA, COMO O ALMOÇO, COM SEUS PERSONAGENS, COMO O TERRIVEL, O GALO, O ALFINETE, O GUARDA-CHUVA, ENTRE OUTROS.

4: ANDRÉ É UMA FANTASIA, UM AMIGO IMAGINÁRIO ~~que~~ que ELA ENCONTRA PARA CONVERSAR, FALANDO PRA ELE COMO ELA VIVIA COM A FAMÍLIA E COMO ELA SE SENTIA DIANTE DE SUA VIDA FAMILIAR.

5: RAQUEL RESOLVE ~~que~~ ESCREVER UM ROMANCE, SENDO PERSONAGEM UM GALO.

6: OS AMIGOS DE RAQUEL ERA, UM GALO, UM GUARDA-CHUVA, UM ALFINETE. E NAS SUAS AVENTURAS: ~~que~~ SOFRIAM PIPA, VIVERAM BRIGA DE GALO

f. Relação, familiar, a linha de galo, respeito a brincadeira, discriminação, amizade, liberdade de se expressar.

81 - O que é que é Rei?

- É ISSO MESMO: REI, NÃO SEPARAÇÃO, FOI VOCÊ QUE ESCOLHEU MEU NOME, MAS COMO GOSTO D'ELA.

- AH NÃO?

- NÃO. EU SOU UM CURA IGUAL, GOSTO DE SOSSO, SOU UM SUJEITO MUITO SIMPLES: ESSE NOME NÃO COMBINA COMIGO. E TEM OUTRA COISA TAMBÉM: FICOU TÃO ESQUISITO QUANDO VOCÊ DIZ "SI, REI", PARECE QUE VOCÊ TA DIZENDO QUE ERROU. FINGI QUE NÃO TAVA LIGANDO.

- CLARO, PODE PEGAR.

- FICOU DENTRO DA BOLSA UM TEMPO DEPOIS APARECEU TODO SATISFEITO:

- PEGUEI O A FOLSO.

9. Desestalar, Gato tomador de conta de culinária, tintimbrigado.

30: O pinote da bolsa, A GUAROLA-CHOUVA OLESMAINDA,

81: RAQUEL NO INÍCIO SE SENTIA TRISTE POR CAUSA DE SUA VIDA FAMILIAR, MAS DIANTE DESSA TRISTEZA, ELA CRIOU PERSONAGENS E FOI SEUS PERSONAGENS QUE FEZ ELA SE SENTIR FELIZ NO FINAL, POIS FOI OS PERSONAGENS QUE ENSINOU A ELA COMO SER FELIZ.

ADERSIP

f: m.

Resposta

1-R= Ser menino, crescer e ser escritor.

2-R= Rafael usava um casaco com a família por que ela era pouco entendida por todos.

3-R= A história real de Rafael e sua família e de seus personagens.

4-R= Ele é um amigo imaginário e Rafael se frustra que sua família não lhe dá ouvidos.

5-R= Rafael aparece em um romance, que tinha como personagem principal um Zolo.

6-R= Os personagens são: um Zolo, Altitude e um Guarda-Chuva. Todos foram para a Praia das Pedras.

7-R= Relação familiar e Preceitos de briga de Zolo.

8-R= O que é que Rei? - É isso mesmo: Rei não refara não tá você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele. - Não? - Não. Eu sou um cara igual, gosto de sorrido, sou um sujeito muito simples; esse nome não combina comigo. E tem outra coisa tem bem: fica tão estranho quando você diz: "É, Rei" Porque que você tá dizendo que errei. Você se importa si eu falo aí na balda contome um outro nome pra mim? Fico sempre

criada da quando eu dormia e a Penseia
 não gosta. Mas sinto que não tem ligado: - Certo, pode
 ficar. Mais que depressa de sumiu dentro da bolsa. Ficarei
 lá dentro um tempo. Depois apareceu todo satisfeito.
 S-R = Instalado, Zelo - Tomador-de-Lanta - de
 Zolinka e Trintim Brigadado.

70-R = O Pulo da bolsa e o desmaio do
 Gaurda-Chuva.

71-R = No início da história Raffull não se
 dava bem com a talha, mas no final ela
 acabou mudando a rotina e aceitando sua
 família.

ANEXO – G – posicionamentos dos alunos sobre a experiência

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Boqueirão – PB
Disciplina: 8ª série turno: noite

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Foi uma experiência muito boa, porque eu li vários livros, mas dessa natureza nunca havia lido, principalmente de Lygia Bojunga Nunes.

Esse livro a Bolsa Amarela é um livro que mexe com a nossa imaginação agente lendo esses livros nossa mente volta ao passado de quando agente era criança, nos lembramos que eramos em algumas coisas como a personagem Raquel, eu por exemplo me identifiquei com ela em alguns casos, como por exemplo: quando ela inventou um amigo André, a amiga, Lou Lai.

A bolsa Amarela nos ensina frases que nunca esquentamos, aprendemos a resgatar as brincadeiras de crianças, eu gostei muito desse livro. Espero que no futuro essas leituras se torne uma matéria na sala de aula.

~~for~~

Foi boa essa
experiência

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Eu gostei muito dessa experiência de passar três meses conhecendo o trabalho e a vida de Lygia Bojunga Nunes, através da Professora Diarilete. Eu gostei muito de ler o livro a labra Amarela, porque neste livro aborda vários temas como: A relação familiar, o preconceito, a discriminação que a personagem Raquel comete com a sua família. Os pontos positivos é o que o livro tenta passar para nos leitores. Eu gostaria muito de ler outros livros de Lygia Bojunga. Agradeço a você Diarilete em ter passado esses três meses com gente, gostei muito de como você ensina e você como pessoa gostaria muito de estudar com você mais vezes. Foi desejo tudo de bom e pelo pouco tempo que comulamos. Tudo de bom

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Para mim, eu acho ótima essa experiência, fiz nos alunos conhecer livros que nos não conhecemos.

As histórias geram muito divertimento, cada uma com um pequinha, de aventura, de amor, e alegria com sentimento e imaginação, eu gostei da parte que Raquel leva o guarda-chuva para o concerto e ela faz novos amigos, amigos divertidos que entende ela um pequinha.

Eu gostei das leituras com a deliziane, porque ela me ensinou a ler mais, eu gosto de ler mais e agora eu estou lendo mais gosto de ler romance eu li um livro de romance chamado poderes da paixão gostei muito, agora eu vou ler a moreninha é um livro de romance também.

A parte mais engraçada do livro da bolsa amarela eu acho de O começo.

Eu acho O texto maravilhoso nunca tinha lido livros importantes, mais eu li e gostei muito.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Eu gostei por que foi uma experiência muito
e minha experiência eu vi como era possível
então com outra metodologia não poderia imaginar
feito que estava escrevendo e também vi como
é bom ler histórias importantes.

O que eu mais gostei foi porque na hora que
eu estava lendo chegando com essas coisas eu não
chegando ao fim é eu estou sentindo falta
que era uma aula tão boa que eu não queria
que acabasse agora mais espero que retorne muito
Eu desigstele um livro trabalhe a duas partes

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Essa experiência foi excelente para mim, pois a leitura é minha paixão. Conheci vários autores e me encantei com a beleza amarela disso porque sua autora se expressa de um modo interessante e uma linguagem simples que nos ensina lições valiosas.

Uma coisa que eu não gosto é saber que estudos e leituras como essas não fazem parte do currículo de nossa escola, pois acho que experiências assim nos aproximam mais da leitura e com isso de aprendizagem.

Minha sugestão é que deveria haver um projeto para que além de redação e gramática houvesse também aula de leitura na nossa escola. Garanto que isso só acrescentaria conhecimento

e bons hábitos de leitura.

Agradeço pela oportunidade de conhecer a autora Ligia Bezerra e pelo presente que foi uma cópia do seu livro. Obrigada pela ótima recepção.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

A minha experiência de ler os textos de Lygia Bojunga Nunes foi muito ótima, descobri os contos e histórias diferentes e entendi mais como se fosse uma leitura leve e fácil.

Eu achei todos os textos ótimos, mais o que mais me gostei foi da Lúcia amarela porque foi na história da Lúcia amarela que surgiu o Alfonso, o Alfinete e o guarda-chuva sem falar no livro Vel. Para mim, ter embarcado nas aventuras das histórias de Lygia Bojunga foi um grande prazer. Adorei a presença de Diógenes na sala de aula, além dele ter nos ajudado, ele tornou-se um amigo.

Obrigado!
e parabéns

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Eu adorei, foi uma experiência maravilhosa. Foi muito de ler a obra completa, mas tive dificuldades com alguns textos, por exemplo o "Fala", o "Nô", em um texto de "Fala", não ~~entendi~~ entendi a história que eu não gostei, outros textos foram ok, eu gostei principalmente da "Pádua", porque ela conta a história de uma menina que estava muito atenta, eu sei a história e ela também me deu o nome de "Fala" e "Nô" muito de ler, meu desejo que escreva as obras de Lygia Bojunga em alguns mais textos de ler, eu li todos os textos da obra completa. Para mim foi uma experiência de ler, nunca vou esquecer.

Eu nunca tinha lido essas obras antes. Não sei começar a me ~~entender~~ entender melhor.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

O que eu mais gostei foi de ter aprendido muita coisa, a não inventar mentiras só pra ter amigo. E eu gostei de ler pela primeira vez um livro da Lígia Bojunga que eu nunca tinha ouvido falar gostei muito mais da pessoa que nós deu o livro. A parte do livro que eu adorei foi o do Olmeço quando fala que o Olmeço começa a pular foi uma parte muito engraçada. Mais vou ficar triste porque não vou ter mais aula de literatura infantil, mais gostei de tudo que eu passei nesse tempo.

8.9.2011

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Eu gostei muito de conhecer os textos de Lygia Bojunga Nunes, em especial o livro A baliza amarela. Com esse livro, eu aprendi a prestar mais atenção na história que eu estou lendo. A história desse livro é muito interessante e mágica, é muito emocionante viver a história de Raquel e seus companheiros. Para mim foi muito gratificante viver momentos que eu vivi aqui com esse livro.

A partir do momento que eu conheci essa história eu passei a me interessar mais pela leitura. Eu espero que tenham outros professores fazer esse mesmo trabalho aqui.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada!

Bem sobre a experiência eu gostei muito das histórias de Lygia Bojunga que são histórias legais e interessantes eu não gostava de ler mais antes dessas histórias de Lygia Bojunga eu agora sou outra pessoa gosto ler histórias, das histórias de Lygia Bojunga eu gostei mais da história do galo que é uma história que acontece até na vida real hoje.

Se uma pessoa quiser ser grande de uma pessoa nasce mulher e quer ser homem e depois perceber que aquilo que queria ser grande, nasce homem e tudo história vem vai finalizando por aqui e é uma pena que não vamos mais ler todos juntos, vir juntos, e sobre a sua pessoa eu gostei muito de você é uma pessoa divertida, alegre, simpática vou finalizando aqui, tchau, fui.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Eu escrevo sobre
LYGIA BOJUNGA NUNES.

Essa experiência foi muito importante para mim. Pois quando criança eu conhecia as histórias infantis, mas no decorrer dos anos fui lendo e conhecendo histórias mais interessantes.

Eu nunca tinha imaginado e nunca vi falar sobre LYGIA BOJUNGA NUNES, mas hoje sei quem ela é e posso dizer que eu fico feliz de conhecer e aprender o trabalho de LYGIA BOJUNGA.

São histórias que quando temos se sentimos vivendo dentro delas.

O Bife e a Pipoca

O Galo O Almoço

A BOLSA AMARELA

O Alfinete de Favelas

O Guarola e HUNA

Amor, Dália

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

EM PRIMEIRO LUGAR, EU NUNCA TINHA LIDO LIVROS DE
 LYGIA BOJUNGA NUNES. PARA SER UM CRITICADOR DE LIVROS DE
 LITERATURA, ATÉ QUE É BEM LEGO OS LIVROS. NÃO É QUE EU ESTEJA
 CRITICANDO LITERATURA MAS É UM POUCO CRATO LIVROS DE LITERATURA. É EM
 LITERATURA PARA MIM É UMA COISA SEM LÓGICA, NÃO POSSO DE
 UM METRO DESSAS, EM QUE O ESCRITOR POSSO POR O PAPEL
 UM SÉRIE DE COISAS QUE NUNCA EXISTEM E NÃO UM ESCRITOR.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Bom, essa experiência que eu tive para com esse texto é que eu não conhecia a leitura que dizer, de uma forma tão aprofundado.

É a bolsa amarela, veio como uma ajuda para conhecer mais a leitura, e de saber entender cada ponto do escrito e saber que é bom dividir a leitura.

Eu acompanhei todos os partes do texto A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga Nunes e pra mim foi uma experiência ótima e queria repetir a dare e poder conhecer mais e mais textos todos os anos.

Se eu pudesse leria todos os textos do mundo mas se fosse para traduzi-lo letra por letra.

Também depois dessa experiência obtive a meu desprimento de coração sincero e o que eu entendi.

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Enrique

Eu gostei muito de ter participado da leitura dos textos que foi apresentado na classe

A parte mais que eu gostei do texto é do jeito direito da letra que eu acho muito engraçado. Gostei a personagem uma menina coisitas sem fimclamento mas ao mesmo tempo tinha coisas muito interessantes

Eu gostaria que tivesse mais algumas coisas esse trabalho em geral

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Bem na verdade foi uma experiência muito gostosa, pois a cada capítulo lido a curiosidade aumentava mais para ler o próximo, para mim as vezes chegou a ser chata a leitura mas ao decorrer da leitura eu começava a entender, e foi bom porque o que nós temos falado na verdade o que acontece com algumas crianças, teve alguns momentos em que eu me encachava na história. Sendo Lygia Bojunga Nunes e aprendendo a viajar.

Sugestão: Seria bom se nós continuássemos lendo livros livres, pois estimula muito nossos cérebros, nós temos muito livros, mas não é tão bom ~~como~~ como ler livros.

ANEXO – H – Posicionamento da professora titular

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Boqueirão – PB
Disciplina: Língua portuguesa
Série: 8ª turno: noite

Lendo Bojunga na oitava série do Ensino Fundamental

Caro (a) colega,

Após a realização da experiência de ler com vocês alguns textos de Lygia Bojunga Nunes, gostaria que você escrevesse um breve relato dizendo como foi essa experiência para você. Faça o comentário mostrando os pontos positivos e os pontos negativos e, se possível, faça sugestões. Não esqueça de comentar sobre os textos lidos e o que você achou deles.

Obrigada.

Foi uma experiência prazerosa, pois tive a oportunidade de reler A bolsa amarela e o que é mulher, com as reflexões de uma pessoa que conhece melhor a autora e sua obra, como no caso da aula em que pudemos refletir sobre intertextualidade, poesia, poetas onomatóicos...

Um dos vários pontos positivos foi que ao final da nossa experiência os alunos tiveram a oportunidade de terem nas mãos o livro com um todo (mesmo em xerox). Também compartilharam suas experiências e suas leituras.

No entanto, alguns encontros foram fragmentados, o que permitiu que alguns se dispersassem e não fizessem uma leitura mais significativa.

Quanto a mim, tive o prazer em contribuir de alguma forma para que a literatura seja estudada... e pesquisas nesse âmbito realizada, como também ajudar uma pessoa amiga em seus trabalhos acadêmicos.

A PROFESSORA TITULAR

ANEXO – I – fotos dos alunos produzindo relato escrito e oralmente

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego
Boqueirão – PB
Disciplina: Língua portuguesa
Série: 8ª turno: noite

